

ISSN: 1519-8782

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
Rio de Janeiro, 29 de agosto a 02 de setembro de 2016



CADERNOS DO CNLF, VOL. XX, Nº 13
A HERANÇA DE FERDINAND DE SAUSSURE



RIO DE JANEIRO, 2016

**UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
RIO DE JANEIRO – RJ**

REITOR

Arlindo Viana

DIRETOR ACADÊMICO

Eduardo Maluf

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Katia Cristina Montenegro Passos

**PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO**

Maria Beatriz Balena Duarte

DIRETOR DO CAMPUS TIJUCA

José Luiz Meletti de Oliveira

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Flávia Maria Farias da Cunha

COORDENADORA LOCAL DO XIX CNLF

Graziela Borguignon Mota

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Boulevard 28 de Setembro, 397/603 – Vila Isabel – 20.551-185 – Rio de Janeiro – RJ
eventos@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – <http://www.filologia.org.br>

DIRETOR-PRESIDENTE

José Pereira da Silva

VICE-DIRETOR

José Mario Botelho

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Regina Céli Alves da Silva

SEGUNDA SECRETÁRIA

Eliana da Cunha Lopes

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Anne Caroline de Moraes Santos

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Naira de Almeida Velozo.

DIRETORA CULTURAL

Adriano de Souza Dias

VICE-DIRETOR CULTURAL

Agatha Nascimento dos Santos Dias

DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS

José Enildo Elias Bezerra

VICE-DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes

DIRETORA FINANCEIRA

Marilene Meira da Costa

VICE-DIRETORA FINANCEIRA

Maria Lúcia Mexias-Simon

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
de 29 de agosto a 02 de setembro de 2016**

COORDENAÇÃO GERAL

*José Pereira da Silva
José Mario Botelho
Adriano de Souza Dias
Agatha Nascimento dos Santos Dias*

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

*Anne Caroline de Moraes Santos
Eliana da Cunha Lopes
Regina Céli Alves da Silva
Maria Lúcia Mexias-Simon
Marilene Meira da Costa
Naira de Almeida Vellozo*

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

*Anne Caroline de Moraes Santos
Eliana da Cunha Lopes*

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

*Marilene Meira da Costa
José Mario Botelho*

COORDENAÇÃO LOCAL

Anne Caroline de Moraes Santos

SECRETARIA GERAL

Silvia Avelar Silva

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

APRESENTAÇÃO

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos apresentou-lhe a primeira edição deste número 13 do volume XX dos *CADERNOS DO CNLF*, com os trabalhos completos e resumos relativos à herança de Ferdinand de Saussure apresentados no II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia do dia 29 de agosto ao dia 02 de setembro deste ano de 2016, realizado no *Campus* Tijuca da Universidade Veiga de Almeida, com apenas um texto completo foi entregue dentro das normas do Congresso. Também por isto, foram relacionados os vinte e sete resumos, aguardando os textos completos com os quais pretendemos organizar um livro com ISBN próprio como contribuição aos demais herdeiros de Saussure. Nesta segunda edição, vão incluídos os demais textos que foram disponibilizados posteriormente, conforme consta no sumário, nas páginas finais.

Na história das locações deste Congresso, vale lembrar que ele nasceu em 1997, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo – RJ). Sua segunda edição ocorreu na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ) e, depois disso, quinze edições consecutivas foram realizadas no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ). Por causa disso, muitos participantes frequentes deste Congresso já o consideravam um evento da UERJ, supondo que o CiFEFiL fosse um órgão ou setor daquela instituição.

Somente a partir de 2014 é que ele se realiza fora do âmbito das instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, com a adesão da Universidade Estácio de Sá, que gentilmente nos acolheu desde o início daquele ano, quando ali realizamos o VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, pelo que agradecemos penhoradamente.

Também em 2014 recomeçamos nossas atividades acadêmicas na Veiga de Almeida, com a IX Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, visto que foi aqui que começaram os primeiros

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

eventos organizados pelo CiFEFiL, quando seu fundador, Emanuel Macedo Tavares era professor de Filologia Românica nesta instituição.

Esperamos retribuir agora, com um evento de alto nível, neste II CILF / XX CNLF, a boa acolhida que tivemos da Universidade Veiga de Almeida, neste retorno a nossas origens, depois de dezoito anos.

Dando continuidade ao trabalho dos anos anteriores, foram editados, simultaneamente, o livro de *Minicursos* e o livro de *Resumos* em três suportes, para conforto dos congressistas: em suporte virtual, na página do Congresso (http://www.filologia.org.br/xx_cnlf); em suporte digital, no *Almanaque CiFEFiL 2016* (DVD) e, no caso dos *Resumos*, *Programação*, *Minicursos* e *Ensaio Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, também em suporte impresso.

Os congressistas inscritos nos minicursos recebem um exemplar impresso do livro de *Minicursos*, sendo possível também adquirir a versão digital, desde que pague pela segunda, que está no *Almanaque CiFEFiL 2016*.

O *Almanaque CiFEFiL 2016* já traz publicados, além dos referidos livros de *Minicursos*, *Resumos*, *Programação* e *Ensaio Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, mais de textos completos deste XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, para que os congressistas interessados possam levar consigo a edição de seu texto, não precisando esperar até o final ano, além de toda a produção do CiFEFiL nos anos anteriores.

Haverá uma segunda edição das edições eletrônicas, que deverá sair a partir de dezembro, em que serão incluídos todos os trabalhos relativos aos temas desse número.

Agradecemos aos congressistas participantes e esperamos que esta publicação seja útil a todos os interessados nos temas que ela inclui para o progresso das ciências linguísticas, filológicas e literárias.

Rio de Janeiro, dezembro de 2016.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SUMÁRIO

0. **Apresentação** – 5
José Pereira da Silva
1. **Saussure e suas dicotomias: da concepção de língua à abertura para novas perspectivas de análise contemporâneas** 11
Bruno Gomes Pereira e Jennifer Silva e Silva
2. **A gramática estrutural** 22
Anderson Rodrigues Marins
3. **Percursos de Saussure: do jovem pesquisador às três primeiras conferências em Genebra** 37
Luciana Moraes Barcelos Marques
4. **Pressupostos teóricos da estrutura saussuriana no discurso psicanalítico lacaniano: linguagem e psicanálise** 54
Rita de Cássia Gemino da Silva
5. **Seguindo Saussure: delineando a forma e a substância da *langue* e da *parole*** 65
Terry Shortall
6. **Lacan, leitor de Saussure – o que se transmite 100 anos depois** .. 79
Patrícia Alves Ribeiro e Bruno Molina Turra
7. **Diacronia no *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure** 91
José Pereira da Silva
8. **Filologia, semiologia e outras contribuições de Saussure para a teoria literária e crítica** 105
Camillo Cavalcanti
9. **Inquietações em torno de uma contradição: da distinção entre fonética e fonologia no *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure** 121
Thaís de Araujo da Costa

- 10. Lexicografia e pejoração no português brasileiro: notas dialógicas a partir de referências saussurianas 139**
Anderson Salvaterra Magalhães
- 11. Saussure: formalismo e funcionalismo solidários 158**
Marcelo Moraes Caetano

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

TRABALHOS INSCRITOS, CUJOS TEXTOS COMPLETOS
NÃO FORAM SELECIONADOS PARA ESTE VOLUME

1. A contribuição de Saussure para os estudos fonéticos e fonológicos 166
2. A questão da mudança e a superação da visão saussuriana de língua como um sistema encerrado em sua lógica interna 167
3. Da ordem da língua à ordem do olhar: o princípio semiológico inscrito na língua orientando sentidos 168
4. Ferdinand de Saussure e o curso de linguística geral: (re)leituras (im)possíveis cem anos depois 168
5. Inquietações em torno de um campo disciplinar 169
6. Mudança linguística e história da língua: na pista das limitações da teoria saussuriana 169
7. O cordel a serviço da linguística saussuriana 170
8. O funcionamento semiológico da língua: uma leitura do *Cours de Linguistique Générale* 170
9. Os conceitos fundadores da linguística moderna: entre um livro e um manuscrito 171
10. Qu'est-ce qu'une école linguistique au XX^e siècle? Le cas des écoles saussuriennes 172
11. Reflexões acerca da “substância deslizante da língua”: esse objeto instável entre o desejo e a palavra 172
12. Revisitando Saussure: a sua influência na linguística moderna 173
13. Saussure, a semiologia e a pré-visão da semiótica 174

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 14. Saussure e os impasses da linguística autônoma | 174 |
| 15. Saussure pluriel: une figure sémiologique? | 175 |
| 16. Uma defesa de uma linguística realista a partir do <i>Curso de Linguística Geral</i> | 175 |

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
**SAUSSURE E SUAS DICOTOMIAS:
DA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA À ABERTURA
PARA NOVAS PERSPECTIVAS
DE ANÁLISE CONTEMPORÂNEAS**

Bruno Gomes Pereira (UFT)
brunogomespereira_30@hotmail.com
Jennifer Silva e Silva (UFT)

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer um panorama sobre os estudos de Saussure, no que se refere às suas dicotomias, bem como sua influência em estudos pós-século XXI. Estamos inseridos no campo dos estudos da linguística teórica, por acreditarmos que esta perspectiva de investigação pode contribuir para os estudos linguísticos e filológicos. A pesquisa se delinea pelo tipo bibliográfico, tendo em vista que confronto várias referências da linguística para compreender e discutir as dicotomias saussurianas. Entendemos que a linguística de Saussure influenciou diretamente outras vertentes da linguística, o que se mostra positivo aos estudos atuais que versam sobre a língua e a linguagem.

Palavras-chave: Linguística. Saussure. Dicotomia.

1. Introdução

É de conhecimento de que Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, marcou época e influenciou toda uma geração de linguistas que, de acordo com sua teoria, sempre partia dos postulados de Ferdinand de Saussure para entender alguns fenômenos da linguagem.

Ferdinand de Saussure (1995) propunha a língua como um sistema, de maneira a considerar que os fenômenos linguísticos que analisava encontra resposta em si mesmos, desconsiderando um contexto social e cultural maior. Diante dessa proposta de problematização da língua, o pesquisador apresentou algumas dicotomias que, para ele, poderia responder, mesmo que momentaneamente, alguns questionamentos sobre o uso da língua e da linguagem.

Por meio de suas dicotomias, Ferdinand de Saussure influenciou várias vertentes dos estudos contemporâneos da linguagem, que se ramificou em várias correntes de pesquisas no século XX e XXI. A influência do Pai da Linguística Moderna é demasiadamente marcada na área dos estudos linguísticos que são, até hoje, retomadas, seja como ponto de

partida, seja como uma concepção já não tão satisfatória aos olhos de teóricos mais contemporâneos. Entretanto, consideramos que não se trata de discordar ou não de Ferdinand de Saussure, mas sim de novas propostas para o estudo da língua e da linguagem que têm ganhado uma concepção mais social, cultural e antropológica nos últimos anos.

Ferdinand de Saussure (1995), no entanto, não reduzia suas observações à língua puramente, uma vez que considerava a necessidade de se estudar a língua e a linguagem a partir de outras perspectivas, embora essa não tenha sido sua prioridade.

Acreditamos que os estudos saussurianos são fundamentais para que possamos entender muitas correntes dos estudos linguísticos contemporâneos, uma vez que todos eles, de alguma maneira, parte da ideia estruturalista de Ferdinand de Saussure, mesmo que não se considerem puramente como tal, o que é aceitável no advento das pesquisas atuais, as quais têm no discurso, na ideologia e na ideia de empoderamento novas possibilidades de estudar a língua.

Diante disso, objetivamos elencar algumas dessas vertentes linguísticas mais contemporâneas que, mesmo não se considerando estruturalistas, partem dos estudos dicotômicos de Ferdinand de Saussure (1995) para desenvolver suas concepções teóricas. Nesse sentido, não é nosso interesse falar de todas essas novas teorias linguísticas, mesmo porque isso seria impossível. Entretanto, escolhemos aquelas que, ao nosso ver, são as mais utilizadas por pesquisas na área da linguística contemporânea, sendo, por várias vezes, principais aportes teórico-metodológicos para análises de *corpus* de investigações acadêmicas de todos os níveis.

O mapeamento que propomos neste artigo é relevante, uma vez que pode suscitar pesquisas da mesma natureza, contribuindo para discussões mais frutíferas no âmbito dos estudos linguísticos em suas várias instâncias.

Para propor esse percurso, nos baseamos em uma pesquisa bibliográfica, uma vez que confrontamos diferentes autores de diferentes perspectivas teóricas, procurando manter entre eles uma linha argumentativa capaz de uni-las: a concepção de língua e de linguagem. Isso é possível devido a preocupação que todas essas linhas de pesquisa apresentam sobre a concepção mais elementar sobre língua e linguagem.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Nesse sentido, entendemos que a pesquisa bibliográfica é um tipo de investigação pertinente, tendo em vista a mobilização teórica que propomos, de maneira densa, o que necessita de conhecimento prévio sobre as áreas apresentadas e discutidas. Isso, por sua vez, rompe a ideia de que os artigos e pesquisas de ordem bibliográfica são mais fáceis ou possíveis de serem produzidos.

Não é nossa intenção fazermos uma revisão teórica exaustiva sobre pesquisa bibliográfica. Para maiores detalhes, consultar os trabalhos de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2003), André Cellard (2008), Jackson Ronie Sá-Silva, Cristóvão Domingos de Almeida e Joel Felipe Guindani (2009) e Uwe Flik (2009a e 2009b).

Além dessa *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*, esse artigo é constituído pelas seguintes principais seções: *Dicotomias Saussurianas: Breve apresentação*; *Linguística Textual* e *Morfologia e Sintaxe*.

2. *Dicotomias saussurianas: breve apresentação*

A teoria saussuriana se baseia na ideia de estruturalismo, no qual os fenômenos da língua são estudados e analisados como sistema. Logo, fatores extralingüísticos não são levados em conta por Ferdinand de Saussure (1995).

Entendemos o estruturalismo como corrente formalista e filosófica dos estudos da linguagem, na qual a língua é o objeto de estudo de si mesma. Essa concepção é permeada pela ideia de absolutismo da língua, concebendo-a como sistema fechado. Tal postura, em trabalhos mais contemporâneos dos estudos linguísticos, é fortemente criticada tendo em vista que a língua parte do princípio de sistema e ganha caráter mais cultural, o que a sujeita a diversas influências pragmáticas.

A partir dessa concepção de língua, os estudiosos de Genebra desenvolveram estudos estruturais, de maneira a fortalecer os postulados de Ferdinand de Saussure (1995). Nesse sentido, dizemos que o Pai da Linguística teve, ou mesmo tem, vários seguidores que contribuem para a perpetuação da uma visão estrutural sobre os fenômenos da língua.

Os estudos de Ferdinand de Saussure (1995) são baseados em dicotomias, que são uma espécie de duplicidade semântica que alicerça os estudos do estudioso genebrino. A visão dicotômica sobre a língua ofere-

ce ao estruturalismo uma ideia de causa e consequência, como se os estudos sobre a língua tivessem que versar sob a concepção de certo *versus* errado. Tais dicotomias são: sincronia *versus* diacronia, língua *versus* fala, significante *versus* significado e sintagma *versus* paradigma.

Castelar de Carvalho (1997) procura esmiuçar essas dicotomias saussurianas de uma maneira mais clara e mais objetiva, do ponto de vista da escrita. O autor faz uso de seus conhecimentos sobre Ferdinand de Saussure e discorre sobre as dicotomias de maneira bastante didática, o que faz jus a sua obra, intitulada *Para Compreender Saussure*.

Para o autor, as dicotomias são, sobretudo, manifestações semânticas da língua, mesmo a semântica em si, como ciência, não ter sido o foco do pesquisador genebrino. Ainda nesse sentido, institui-se que as dicotomias formam um ponto de vista interessante quando se tem a língua como foco. (CARVALHO, 1997)

Castelar de Carvalho (1997) se mostra convergente com o que é proposto por Margarida Petter (2011), quando a autora estabelece a diferença entre linguagem, língua e linguística de acordo com o ponto de vista saussuriano. A pesquisadora acrescenta que “a complexidade do fenômeno linguístico vem há muito desafiando a compreensão dos estudiosos”. (PETTER, 2011, p. 10)

Em seu texto, Margarida Petter (2011) tenta fazer algo parecido com o que propomos neste artigo, porém seu foco é apenas no estruturalismo de Genebra, mesmo reconhecendo que outras partes das ciências da língua podem se desenrolar a partir da concepção dicotômica de Ferdinand de Saussure (1995).

Em sincronia *versus* diacronia, Ferdinand de Saussure (1995) apresenta a língua como instrumento marcado socialmente, ao compreender que a língua se manifesta de uma maneira a depender de seu contexto histórico. Entretanto, o autor não explora fatos históricos que podem desenvolver relações semânticas na estrutura linguística.

Castelar de Carvalho (1997) acrescenta que “rompendo definitivamente com a tradição dos neogramáticos, Ferdinand de Saussure confere prioridade à pesquisa descritiva (sincrônica) em detrimento da pesquisa histórica (diacrônica)” (p. 87). Nesse sentido, emerge-se o perfil mais descrito do estruturalismo saussuriano, diretamente influenciado pelos métodos de análise da língua pré-moderna. Ao não focar fatores históricos que influenciam a língua, o próprio autor genebrino parece reco-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nhecer a limitação de suas propostas, porém não descartando essa contribuição. Trata-se de uma questão de prioridade.

Já na dicotomia língua *versus* fala, o autor diferencia língua de fala. Para Ferdinand de Saussure (1995), a língua deve ser entendida como um conjunto de sistemas fechados em si, capazes de se estruturar a partir da concepção formalista desse conjunto de sistemas. Logo, a língua que se esgota nela mesma. Já a fala é uma ramificação da língua que não é de interesse do pesquisador problematizar.

Em sua obra, Castelar de Carvalho (1997) afirma que a diferença entre fala e língua sempre foi uma preocupação do Pai da Linguística Moderna, porém nunca deu muita atenção à primeira delas. É como se a fala constituísse uma ramificação específica de estudo, independente da língua.

Antonio Vicente Pietroforte (2011) discute essa dicotomia de Ferdinand de Saussure, entendendo que a língua é objeto da linguística, sendo esta última a ciência da linguagem. Logo, os fenômenos da fala, que mais tarde seriam problematizados pela sociolinguística, não caracterizam a maior preocupação da abordagem estruturalista, embora esta reconheça sua importância em outras instâncias científicas.

A dicotomia *versus* significado é, talvez, a dicotomia mais famosa dos estudos saussurianos. Trata-se da dicotomia que dá margem aos estudos sobre os signos linguísticos, muito utilizados em outras ramificações da linguística. Ferdinand de Saussure (1995) acredita que o signo linguístico é convencional e arbitrário, uma vez que não há nada na imanência do signo que lhe assegure determinada semanticidade.

Castelar de Carvalho (1997) acrescenta que essa convencionalidade provém de instâncias da origem das línguas, uma vez que está diretamente relacionada à ideia de comunicação. Logo, o significado (sentido conferido ao significante) e o significante (o objeto em si) têm função precípua de estabelecer comunicação entre membros enunciadore.

Diana Luz Pessoa de Barros (2011) e José Luiz Fiorin (2011) partem dos estudos enunciativos da linguagem para problematizar a relação de sentido que é estabelecida a partir da ideia de comunicação dentro de um contexto maior da enunciação. Entretanto, para isso, os autores partem dos pressupostos estruturalistas como suportes para uma compreensão mais satisfatória do uso linguístico.

Já a última dicotomia, sintagma *versus* paradigma, propõe a língua como um sistema sustentado em uma linha vertical e um horizontal que se relacionam e constituem a estrutura linguística (SAUSSURE, 1995). Anos mais tarde, essa dicotomia serviria como ponto motivador para os estudos em morfologia (paradigma) e sintaxe (sintagma).

Castelar de Carvalho (1997) reforça a ideia de que o paradigma segue uma linha vertical onde as palavras são dispostas e não podem ser trocadas de posição, pois isso alteraria a estrutura da língua. Já o sintagma segue uma linha horizontalizada, onde as palavras ficam dispostas e se relacionam simultaneamente umas com as outras.

Paulo Chagas (2011) acrescenta que essa dicotomia saussuriana é capaz de inferir uma mudança linguística que está sempre atrelada à noção de língua enquanto idioma. No que se refere à língua portuguesa, temos a ordem sujeito + verbo + complemento como ordem direta dos elementos na linha sintagmática. Qualquer outra organização, que esteja dentro da compreensão comunicativa do português como idioma, chamamos de ordem inversa da oração.

Na próxima seção, apresentamos alguns pressupostos da linguística textual que bebem da mesma fonte estruturalista do teórico de Genebra.

3. Linguística textual

A linguística textual é uma corrente dos estudos linguísticos de origem alemã, daí sua preocupação fortemente marcada pela ordem e pelo rigor da escrita de textos de diversas circulações em diferentes domínios sociais. Sua preocupação é estudar o texto como célula central da comunicação humana, de maneira a entendê-lo como cerne social. (FÁVERO & KOCH; 2008)

O estruturalismo saussuriano pode ter seus resquícios vistos no rigor como o texto escrito é compreendido, bem como na maneira como o texto é visto como instrumento de comunicação. A noção de comunicação da linguística textual responde a muitas inquietações levantadas no contexto acadêmico. Entretanto, seu alcance se esgota quando o texto é compreendido apenas como ferramenta constituída por sintagmas menores. Atualmente, existe m outras teorias linguísticas que partem dessa concepção da linguística textual para entender questões de empoderamento e tensão ideológica de contextos maiores.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os estudos da linguística textual no Brasil são vastos, devida à maneira como o texto tem se revelado como objeto de análise relevante para discussões acadêmicas. Nesse sentido, utilizo o termo “texto” para designar a escrita de diversos gêneros textuais que circulam em diferentes eixos sociais. Dentre as pesquisas na área, cito os trabalhos de Bruno Gomes Pereira (2016), Leonor Lopes Fávero, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2008); Lucia Kopschitz Bastos (2011); Maria Luci Mesquita Prestes (2001); Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha Victorio Oliveira Andrade e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino (1999); João Wanderley Geraldi (1997); Egle Franchi (1993) e Alcir Pécora (1992), só para citar alguns.

As pesquisas de Bruno Gomes Pereira (2016), Lucia Kopschitz Bastos (2001), Egle Franchi (1993) e Alcir Pécora (1992) se aproximam tematicamente, pois em todas elas os autores versam sobre a dificuldade da escrita em textos produzidos no contexto da sala de aula. Os resultados revelam escritas com sérios déficits de organização e concatenação textual, de maneira a atentar para o ensino precário de Língua Portuguesa nas escolas. Nos trabalhos ora referidos, o texto é eleito como objeto elementar para o estabelecimento da comunicação humana, cabendo a ele o papel de elo entre comunicadores. A relação que estabelecemos com Ferdinand de Saussure (1995) está justamente no fato de que o texto é visto como um conjunto de sintagmas e paradigmas que, uma vez não bem escritos, semiotizam questões problemáticas da escrita no domínio escolar.

Já os textos de Leonor Lopes Fávero e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2008); Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha Victorio Oliveira Andrade e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino (1999) e João Wanderley Geraldi (1997) versam mais sobre os pressupostos teóricos da linguística textual. Nestas obras, os autores discutem questões sobre textualidade, coerência, coesão e a relação entre a prática escrita com a prática oral. Além disso, em especial, na pesquisa de João Wanderley Geraldi (1997), o autor enumera argumentos que justificam o porquê adotar o texto como ferramenta basilar para o ensino de língua materna.

Já em sua obra, Maria Luci Mesquita Prestes (2001) parte da ideia de leitura e escrita de textos como subsídios essenciais para uma reescrita como fator processual. Talvez, de todos os trabalhos elencados, o da autora seja o que menos se mostra estruturalista com predominância, tendo em vista que considera fatores extratextuais como influenciadores para os procedimentos de reescrita como prática textual e social.

Na próxima seção, apresentamos alguns pressupostos da morfologia e da sintaxe, enquanto ciências indissociáveis, que retomam aos estudos de Ferdinand de Saussure (1995) como incentivadores diretos.

4. Morfologia e sintaxe

A morfologia e a sintaxe são ramificações de estudo das investigações linguísticas modernas que partiram da dicotomia saussuriana sintagma *versus* paradigma. Atualmente, podemos relacionar sintagma à sintaxe e o paradigma à morfologia. Por isso, é comum encontramos abordagens que se auto rotulam como *morfossintaxe*, devido à relação entre sintagma e paradigma, ou mesmo entre sintaxe e morfologia, ambas entendidas como ramos científicos da língua.

No Brasil, muitos são os pesquisadores que problematizam as relações morfossintáticas para diversos fins, sejam eles voltados ao ensino, ou mesmo puramente descritivos. Dentre os trabalhos nacionais mais emblemáticos, é possível citar as pesquisas de Maria Carlota Rosa (2000); Antônio José Sandmann (1997); Mário Alberto Perini (1996); José Rebouças Macambira (1993) e Rosa Virgínia Mattos e Silva (1993).

Maria Carlota Rosa (2000) é um marco para os estudos morfológicos no Brasil. A autora, em sua obra, entende que a morfologia é uma ciência que não se esgota na descrição da estrutura e da formação das palavras, sendo a semântica forte influenciadora das organizações vocabulares. Entretanto, o perfil estruturalista e descritivo da autora fica bem evidente, quando se propõe a analisar minimamente os morfemas da língua, destituído de quaisquer marcas contextuais. Logo, trata-se de uma obra fortemente teórica, na qual a influência da dicotomia de Ferdinand de Saussure mostra-se bem influente.

Já Antônio José Sandmann (1997) mostra-se ainda mais descritivo do que a obra acima, ao rememorar uma lista extensa de flexões verbais, acompanhadas de seus respectivos morfemas. Logo, trata-se de uma obra puramente descritiva, onde a importância maior recai na formação das palavras em si, livres de quaisquer influências contextuais.

Entretanto, é Mário Alberto Perini (1996) que se mostra, e se assume, descritivo por natureza, quando apresenta uma proposta gramatical de cunho descritivo. A gramática do autor é fortemente influenciada pelo estruturalismo genebrino, de maneira a estudar a língua realmente como

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

um conjunto de sistemas autônomos, tal como Ferdinand de Saussure (1995).

Essa visão de Mário Alberto Perini (1996) destoa da proposta gramatical de José Rebouças Macambira (1993). Para este autor, não é possível separar morfologia de sintaxe e, por isso, propõe as articulações morfossintáticas da língua portuguesa sob três perspectivas: i) semântica; ii) morfológica; e iii) sintática. A proposta de estudos de José Rebouças Macambira marcou época e é, até hoje, uma das obras tidas como obrigatórias nos cursos de letras.

Já Rosa Virgínia Mattos e Silva (1993) retoma à ideia de comparação entre morfologia e sintaxe, porém partindo da ideia de investigação linguística pré-saussuriana. O autor faz um panorama desde o português arcaico até a transformação da língua pelo tempo, o que muito remete à dicotomia sincronia *versus* diacronia.

Na próxima seção, apresentamos as considerações finais deste artigo.

5. *Considerações finais*

Neste artigo, apresentamos algumas ramificações dos estudos linguísticos mais contemporâneos, tentando entender quais suas relações com as teorias saussurianas das investigações que versam sobre língua e linguagem.

Nesse sentido, confrontamos teorias para compreender como o estruturalismo proposto por Ferdinand de Saussure (1995) se mostra como perspectiva articuladora entre algumas vertentes dos estudos atuais sobre língua. Logo, compreendemos que a ideia de estruturalismo, mesmo que não seja explicitamente revelada, perpassa boa parte das teorias linguísticas atuais, tendo em vista que todas as elencadas nessa abordagem percebem a língua como objeto de problematização.

Assim, acreditamos que este trabalho pode contribuir na área dos estudos da língua no sentido de que procuramos conferir à língua e à linguagem características transversais que podem ser utilizadas de diferentes maneiras, a depender da teoria linguística que se mobiliza.

Entretanto, supor que tais ramificações linguísticas ainda se limitam ao estruturalismo saussuriano apenas é ter uma visão ingênua sobre as pesquisas sobre língua e linguagem que se desenham no contexto aca-

dêmico contemporâneo. Em outras palavras, mesmo partindo da ideia estruturalista do Pai da Linguística, as correntes de estudos linguísticos atuais não se esgotam na ideia de língua como sistema. A essa noção, fatores extralinguísticos são levados em conta, a saber a psicologia, os estudos do letramento, a sociopragmáticas e as concepções de ideologia que se apresentam, hoje, como elementos basilares e transversais no estudo da língua.

Em síntese, esperamos ter contribuído de maneira satisfatória com outras pesquisas da mesma natureza, de maneira a possibilitar outras investigações do mesmo ramo no contexto de discussão acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 25-54.

BASTOS, Lucia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins, 2001.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 141-164.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2008.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In.: _____. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 55-74.

FLIK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FRANCHI, Egle. *A redação na escola*. São Paulo: Martins, 1993.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira Manuais de Estudo, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins, 1992.

PEREIRA, Bruno Gomes. *Operadores argumentativos em redações escolares: diferentes usos, funções e sentidos*. Pará de Minas: VirtualBooks, 2016.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In.: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-24.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 75-94.

PRESTES, Maria Luci Mesquita. *Leitura e (re)escrita de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino*. Catanduva: Respel, 2001.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Ano I, n. I. 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

A GRAMÁTICA ESTRUTURAL

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)
profandermarins@hotmail.com

RESUMO

A gramática estrutural, inclinada a uma tendência de analisar as línguas, desenvolveu-se a partir da primeira metade do século XX, sob influência das ideias de Ferdinand de Saussure, divulgadas mediante publicação póstuma de seu livro, *Curso de Linguística Geral*. Essas ideias inovaram os estudos da época, dando às pesquisas em linguística, principalmente na Europa, uma nova direção, diferente da que caracterizava a gramática histórico-comparativa (MARTELOTTA, 2010, p. 53). Não poderíamos compreender os incontáveis progressos verificados no quadro das ciências humanas sem antes compreendermos a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir das investigações do fenômeno da linguagem. Toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidenciam em suas obras a contribuição pioneira de Ferdinand de Saussure relacionada à organização estrutural da linguagem (COSTA, 2010, p. 114). Por tudo isso, este estudo revisita a teoria estruturalista e contribui para uma nova divulgação das ideias de Saussure.

Palavras-chave: Estruturalismo. Ferdinand de Saussure. Gramática estrutural. Gramática histórico-comparativa.

1. Introdução

A gramática estrutural se desenvolveu a partir da primeira metade do século XX, mediante publicação póstuma (1916) do *Curso de Linguística Geral*. O ano de 2016, portanto, assinala o centenário de uma obra que contribuiu para o avanço dos estudos em filologia, linguística, semiótica e áreas afins. O *Curso de Linguística Geral* (como o próprio título sugere) foi originalmente um curso ou, mais precisamente, um conjunto de cursos proferidos por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, de 1907 a 1911, porém com interrupções, visto que o curso só era ministrado uma vez a cada dois anos.

Em 1913 falece Ferdinand de Saussure. Dois de seus colegas e discípulos – Charles Bally e Albert Sechehaye¹ – decidem, então, reunir manuscritos do mestre genebrino e notas tomadas por seus alunos a fim

¹ Eram ex-alunos de Ferdinand de Saussure, no entanto não tinham seguido os cursos de linguística geral. (Cf. ARRIVÉ, 2010, p. 22)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de publicar as lições do mestre falecido. Essa campanha ainda recebe ad-jutório de Albert Rieglinger, este sim ouvinte autêntico dos dois primei-ros cursos. Todavia, afirmativas feitas por Ferdinand de Saussure em sala de aula nem sempre foram trazidas em sua precisão literal, de tal modo que a forma com a qual o *Curso de Linguística Geral* se remata – “a lin-güística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 31) – é a “conclusão dos editores”, e na-da nos manuscritos garante que ela tenha sido proferida por Ferdinand de Saussure sob essa forma ou algo associado a ela. (Cf. ARRIVÉ, 2010, p. 23)

Pode-se afirmar que o verdadeiro impacto causado pelo *Curso de Linguística Geral* deu-se no fim da década de 1920, a partir do Primeiro Congresso Internacional de Linguística (Haia, 1928), do Primeiro Con-gresso dos Filólogos Eslavos (Praga, 1929) e da Primeira Reunião Fono-lógica Internacional (Praga, 1930). Nestes três fóruns encontravam-se ideias de inspiração saussuriana, especialmente pelas mãos de Roman Jakobson (1896-1982) e Nikolai Troubetzkoy (1890-1938) (cf. FARA-CO, 2011). Essas ideias inovaram os estudos da época, dando às pesqui-sas em linguística, principalmente na Europa, uma nova direção, diferen-te da que caracterizava a gramática histórico-comparativa.

A rigor, gramáticas estruturais apresentam estudos sistemáticos das estruturas linguísticas em plano sincrônico, encarando-as como um sistema autônomo, cujas partes se organizam numa cadeia de relações in-ternas. Esse caráter da doutrina saussuriana é perceptível em autores bra-sileiros que incluíram o adjetivo *estrutural* em suas obras, como é visto em *Estrutura da Língua Portuguesa e História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr.; *Para uma Gramática Es-trutural da Língua Portuguesa*, de Leodegário Amarante de Azevedo Fi-lho; *Português Estrutural*, de José Rebouças Macambira e *Elementos pa-rra uma Estrutura da Língua Portuguesa*, de Walmírio Eronides de Ma-cedo².

Nota-se que, no Brasil, a partir dos anos 70, o estruturalismo já era uma orientação importante nos estudos da linguagem. Com efeito,

² Merece destaque o fato de que, segundo Evanildo Cavalcante Bechara (2015, p. 9, 10), a produção linguística e gramatical do linguista e filólogo brasileiro Manuel Said Ali (1861-1953) sobre língua portuguesa talvez assinala a primeira obra no mundo da gramaticografia a se beneficiar das dicotomias saussurianas de *langue* e *parole*, de sincronia e diacronia, entre outros ensinamentos do mestre genebrino.

contribuía para criar um novo tipo de estudioso, o linguista, que já então dispunha de um lugar próprio ante duas figuras mais antigas: a do gramático interessado em sistematizar os conhecimentos que resultam num “correto” uso da variante padrão e a do filólogo interessado em estudar e analisar as fases antigas da língua, assim como os textos representativos dessas fases. (ILARI, 2011)

Efetivamente, toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição pioneira do mestre de Genebra relacionada à organização estrutural da linguagem (COSTA, 2010), dada a sua relevância.

Hoje, é irrefutável a presença das ideias do genial genebriano no seio da linguística, de modo que não há linguista hodierno que não lhe deva alguma coisa, nem teoria que não cite o seu nome.

Como o tema é vasto, nesta pesquisa há que se revisitarem alguns pontos considerados essenciais nos estudos saussurianos sobre a linguagem, priorizando-se, no entanto, alguns em detrimento de outros. Sendo assim, esta pesquisa, ainda que sumariamente, tematiza pontos de influência de Ferdinand de Saussure na linguística do século XX e mais especificamente na semântica estrutural europeia.

2. *Ferdinand de Saussure e a linguística no século XX*

O século XX marca um grande desenvolvimento da linguística. A estrada aberta por este desenvolvimento vinha pavimentada por dois enfoques fundamentais no estudo da linguagem: Ferdinand de Saussure, com enfoque empirista, indutivo e experimental e Noam Chomsky, com enfoque racionalista, dedutivo e especulativo (HAUY, 2014). O ligeiro desenvolvimento da linguística, entre 1920 e 1970, se faz com base em ideias do mestre de Genebra (1972), na Europa, e de Leonard Bloomfield (1967), nos Estados Unidos. (MARQUES, 1990)

Antes, no entanto, a linguística não era autônoma, mas sim submetida às ingerências de outros estudos: lógica, filosofia, retórica, história, ou crítica literária. O século XX operou uma transformação central e total dessa atitude, que se propaga no caráter científico dos novos estudos linguísticos, que estarão focados na observação dos fatos de linguagem.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo Margarida Petter (2004, p. 13), o método científico supõe que a observação dos fatos seja anterior ao estabelecimento de uma hipótese e que os fatos observados sejam examinados sistematicamente mediante experimentação e uma teoria adequada. Dessa forma, explica a autora que o trabalho científico consiste em observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados pela linguística, ou seja, o linguista aproxima-se dos fatos orientado por um quadro teórico específico.

Ferdinand de Saussure coloca a sua ideia de um sistema linguístico numa base funcional para a análise linguística. Seu sistema linguístico incide em oposições ou contrastes de formas. Daí, faz uma distinção entre a linguagem propriamente dita – *langue* – e o discurso – *parole*. Por este último termo quer dizer o ato de fala, através do qual o falante expressa suas ideias utilizando, via de regra, o código da língua e o mecanismo psicofísico a seu serviço, para aquele fim.

Ademais, nos cursos de linguística geral, até mesmo em alguns tão formidáveis quanto o de Ferdinand de Saussure, surgem amiúde representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva, ou seja, o falante e o ouvinte (o receptor do discurso). Sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte.

A língua e a fala são os elementos constitutivos da linguagem, compreendida como a totalidade de todas as manifestações (físicas, fisiológicas e psíquicas) que entram em jogo na comunicação linguística.

A rigor,

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independe do indivíduo; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala. Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua. Existe, pois, interdependência da língua e da fala. (SAUSSURE, 2006, p. 27)

Língua e fala integram as dicotomias basilares no que tange à evolução dos estudos linguísticos. Dessas dicotomias, Ferdinand de Saussure elege a língua como objeto de estudos para linguística, mas em função delas, de modo geral, sabe-se que se criaram escolas e teorias

modernas. Segundo Ferdinand de Saussure, a linguagem não pode ser o objeto da linguística. É impossível, caso permaneçamos no terreno da linguagem, fazer uma descrição dos fatos da língua. O ponto de partida de uma análise linguística não pode ser a linguagem. (BAKHTIN, 2014, 88)

De acordo com Oswald Ducrot (1987, p. 67), “ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros”. Como se percebe, os termos “estrutura”, “estrutural” e “estruturalismo” estão no seio das palavras-chave que compõem o léxico dos pensadores do século XX³. A palavra “estruturalismo” designa algumas correntes da linguística moderna que tomam impulso após o *Curso de Linguística Geral*⁴. Já em relação ao termo “estrutura”, sabe-se que fora utilizado pela primeira vez, em linguística, no 1º Congresso dos Filólogos Eslavos, numa das teses que têm entre os responsáveis o russo Roman Jakobson.

Os princípios teórico-metodológicos do estruturalismo ultrapassariam as fronteiras da linguística e a tornariam ciência-piloto entre as demais ciências humanas. Conforme já aludimos, uma sucessão de pensadores, como Jacques Lacan, na psicanálise; Claude Lévi-Strauss, na antropologia; Roland Barthes, na teoria literária; Michel Foucault, na história da cultura; Braudel, na história, e tantos outros, evidencia em suas obras a contribuição pioneira do mestre de Genebra relacionada à organização estrutural da linguagem. O estruturalismo provou ser um excelente método de trabalho, e uma metodologia dotada de rigor científico -

³ O linguista dos primórdios do século XIX possuía um conceito de estrutura, ou ainda de “sistema” (as duas palavras se repetem sem cessar nos textos dessa época) assaz próximo da noção utilizada hoje. Digamos primeiramente que se esse conceito não se impôs, se foi quase abandonado (até que Ferdinand de Saussure o ressuscite, acrescentando-lhe certas determinações originais), foi porque não logrou resistir a uma descoberta feita na mesma época: a da transformação das línguas. Acreditamos descobrir, desde o século XVIII e XIX, a ideia de que cada língua possui uma organização que lhe é própria e que merece, por sua regularidade, ser considerada como uma ordem. O papel de Ferdinand de Saussure não é, pois, certamente, o de ter introduzido esse tema, e sim o de o ter reencontrado, e sobretudo ter podido impô-lo, após o êxito impressionante da gramática comparada. (Cf. DUCROT, 1971, p. 42 e 55)

⁴ É necessário explicar-se o seguinte: o estruturalismo iniciou-se no ocidente, com Aristóteles (com suas categorias da *ética*), desdobrou-se na Escolástica de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino, e foi em seguida aprofundado por Edmund Husserl, Hegel, Humboldt, Ferdinand de Saussure (responsável por uma sistematização mais rigorosa do estruturalismo) e por todos os pós-estruturalistas ou desconstrucionistas, como Bertrand Russel, Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Jacques Lacan, Jacques Derrida, Michel Foucault, Ludwig Wittgenstein. (Cf. CAETANO, 2016, p.157)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

quando corretamente empregado –, muito mais do que meramente uma escola, um ambiente ou uma moda.

Segundo Edward Lopes (2008, p. 190), as finalidades mais evidentes do modelo estruturalista podem ser sintetizadas em estudar enunciados efetivamente realizados, excluídos de qualquer consideração da *situação* ou da *enunciação*, ou seja, circunstâncias de contato entre o destinatário e o remetente da mensagem, tentando realizar a sua *descrição*, não sua *explicação*.

A teoria estrutural de Ferdinand de Saussure apresenta tipos binários de relação na língua: relações associativas e relações sintagmáticas; esta compreende a relação existente em um enunciado, tal como *meu filho* como sujeito em oposição ao predicado *estuda* ou *meu* como determinante de *filho*; já aquela outra relação compreende os conjuntos de formas linguísticas que todo falante tem em mente e constituem uma formação tácita que atribui valor linguístico às formas linguísticas em um ato discursivo. Para *Meu filho estuda* teríamos, por exemplo, uma série de elementos opostos como *Seu pai trabalha*.

Obviamente, isso induz à seguinte conclusão: compreender a língua (COSTA, 2010, p. 114), uma vez formada por elementos coesos e inter-relacionados, os quais funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

Outro conceito valioso que resulta de oposições entre os termos do sistema linguístico refere-se à noção de *valor*: “uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. (SAUSSURE, 2006, p. 134)

O valor que Ferdinand de Saussure postula para os termos linguísticos é oriundo de uma comparação. Ele procede continuamente de combinações no discurso (relações sintagmáticas) e de oposições funcionais (relações paradigmáticas) entre termos do mesmo nível no sistema linguístico, em um determinado estado (sincrônico) da língua. A noção de valor representa, portanto, um aspecto fundamental para a linguística saussuriana porque é o valor que dinamiza a significação.

Conforme Oswald Ducrot (1971, p. 68), “no próprio *Curso*, as dificuldades ligadas à identificação dos elementos linguísticos são evoca-

das em diversos passos, e sempre para introduzir a noção de valor”. O autor ainda afirma que “elas se destinam a provar que cada elemento, se se procuram os traços que são constantes nas diferentes aparições, só pode ser definido pela referência aos outros elementos da língua”. Portanto, “sua realidade própria é inseparável de sua situação no sistema (é o que Ferdinand de Saussure chama seu “valor”)”.

Seguidor das ideias do estruturalismo saussuriano, Oswald Ducrot certa vez declarou:

Certamente, tenho a pretensão de permanecer fiel a Saussure, mesmo se o que digo é bem diferente daquilo que dizia Saussure. Retomo de Saussure esta ideia (...) segundo a qual as palavras não podem ser definidas senão pelas próprias palavras e não em relação ao mundo, ou em relação ao pensamento. A diferença entre o meu trabalho e do Saussure é que não defino, propriamente falando, as palavras em relação a outras palavras, mas em relação a outros discursos. O que eu tento construir seria então uma espécie de estruturalismo do discurso (Oswald Ducrot em entrevista a Heronildes Moura na revista *D.E.L.T.A.* de 1980 *apud* FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005)

A influência também se evidencia em a *teoria da argumentação na língua* (TAL), sobretudo sua última fase, denominada *teoria dos blocos semânticos*, cujos alicerces se fundamentam no quadro do estruturalismo saussuriano e nas teorias da enunciação, colhe alguns conceitos, alterando-os e desenvolvendo-os. Essa teoria daria conta de explicar qualquer sentido possível na língua, por mais que possa ser tachado de absurdo, curioso ou, para utilizar um termo pertencente à própria teoria, paradoxal. Oswald Ducrot parte de um preceito central de que *a argumentação está na língua*, e assim propõe a *semântica argumentativa*.

A *teoria da argumentação na língua* tem seus princípios ligados ao estruturalismo saussuriano, que tem por base a noção de relação, visto que uma expressão só terá sentido se relacionada com outros elementos da língua. Segundo Oswald Ducrot, ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, significa definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros. (DUCROT, 1987, p. 67)

Em meados do produtivo século XX, mais precisamente no final da década de 1950, um linguista norte-americano chamado Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT, trouxe para a linguística uma nova onda de transformações. Essas transformações correspondem a uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, denominada linguística gerativa ou gerativismo.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A dicotomia nomeada por Ferdinand de Saussure de *langue* e *parole*, Louis Hjelmslev nomeou de *esquema* e *uso*; Roman Jakobson fala, para a mesma relação, em *código* e *mensagem*, noções essas que, aproximadamente, correspondem às dos termos aplicados por Chomsky para *competência* e *desempenho* (LOPES, 2008, p. 78) e Eugenio Coseriu, com base na dialética entre os conceitos de *langue* e *parole*, criou o trinômio *sistema, norma e fala*⁵.

Para a linguística geral, afinal, a linguagem é uma capacidade inata e é transmitida geneticamente, além de ser considerada como própria da espécie humana. A rigor, o ano de 1957 e a publicação do livro *Estruturas Sintáticas*, de autoria de Noam Chomsky, são considerados seu marco inicial.

O estruturalismo e o gerativismo analisavam os aspectos estruturais e formais das sentenças, não envolvendo os fenômenos interacionais a elas relacionados, tarefa que viria a ser agasalhada por outra corrente linguística, o funcionalismo. Tal corrente vincula a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os distintos contextos comunicativos em que elas são utilizadas, além de conceber a linguagem como um instrumento de interação social; isto é, analisa a relação entre linguagem e sociedade.

Com o destaque sobre a unidade da língua, em detrimento de sua heterogeneidade, Ferdinand de Saussure lançou o método estruturalista, ainda nos dias de hoje imprescindível para a preparação e compreensão de uma gramática normativa. Teóricos posteriores levaram adiante questões como o funcionalismo e o formalismo, e cultivaram não somente consistentes subsídios sobre o que caracteriza a descrição linguística de um idioma (formalismo), mas também delineararam parâmetros sobre como essa descrição se relaciona com os seus usuários (funcionalismo). (Cf. CAETANO, 2016, p. 155)

⁵ Ao que consta, na Historiografia linguística encontram-se duas grandes obras que retomam as noções de “mudança”, “sistema” e “homogeneidade”, presentes no *Curso de Linguística Geral*, buscando estabelecer uma relação mais integrativa entre sincronia e diacronia e a associação entre sistema e heterogeneidade. Em tais obras, sincronia/diacronia, sistema/heterogeneidade são considerados antinomismos do linguista suíço. Essas obras às quais se faz referência são: *Sincronia, diacronia e história*, do linguista Eugeniu Coseriu e *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. (LIMA & MELO, 2016, p. 14)

3. Ferdinand de Saussure e a semântica estrutural

Uma das vertentes dos estudos estruturalistas de Ferdinand de Saussure propõe o *signo* linguístico como uma unidade composta por *significante* mais *significado*. Eis por que a Semântica acabou por ser reintroduzida no corpo da linguística, reativando, então, o interesse pelos estudos dessa área.

Isso em si já é interessante, especialmente quando se tem notícia de que na Europa os estudos sobre o sentido ganham adeptos depois dos trabalhos pioneiros de Ferdinand de Saussure e também de Louis Hjelmslev, que escreve em 1957 um texto intitulado *Por uma semântica estrutural*, propondo as bases de uma abordagem estrutural em semântica. Seu desenvolvimento mais proeminente pode ser situado na década dos anos 60. Com essas duas figuras exponenciais, assentavam-se as condições prévias para a organização de uma semântica em bases científicas.

A noção de signo nos estudos de Ferdinand de Saussure traz a reboque uma série de outros tópicos. O signo linguístico não é uma coisa e um nome, mas um *conceito* e uma *imagem acústica*, ou seja, a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos em uma palavra, mas não a falamos. O signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas do mundo.

Semelhante ao verso e ao averso de uma folha de papel ou a uma moeda, o signo é uma entidade de duas faces (um conceito e uma imagem acústica), percebíveis tanto em relação a sua existência quanto em sua inseparabilidade. Para Ferdinand de Saussure, conceito é sinônimo de significado, que não é a realidade que ele designa, mas a sua representação, uma ideia que modela determinado modo de compreender as coisas. Por outro lado, imagem acústica é o significante, um meio de expressar o significado, o que se entende quando se usa o signo. (Cf. SAUSSURE, 2006, p. 80-81)

O signo linguístico pode, então, ser representado pela figura (SAUSSURE, 2006, p. 80):



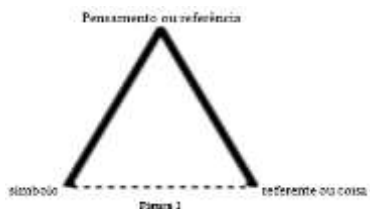
Figura 1

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

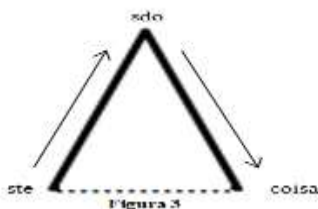
Cabe uma observação sobre o gráfico do signo-árvore, encontrado na página seguinte do *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria não se atribui à Ferdinand de Saussure:

Em uma ou duas ocasiões pelo menos, há motivos para lamentar uma intervenção canhestra dos editores, que modifica a própria letra das fontes de que eles se serviam. O gráfico do signo-árvore é uma invenção de Bally e Séchéhaye; pois bem, essa figura reintroduz, ou pelo menos convida a reintroduzir, a concepção nomenclaturista da língua, rejeitada duas páginas atrás. (AMACKER, *apud* LOPES, p. 6, 1989)

No que concerne a essa teoria bifacial do signo, destaca-se o fato de Ferdinand de Saussure não haver incluído um terceiro termo: a coisa significada⁶. Tal inclusão pode ser encontrada no triângulo de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards (*apud* CARVALHO, 2013, p. 33):



O qual poderia ser adaptado ao esquema saussuriano:



⁶ Essa exclusão da "coisa" é a consequência imediata da recusa de Ferdinand de Saussure de conceber a língua como uma nomenclatura: "Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas" (SAUSSURE, 2006, p. 79). Certamente, o problema das relações entre linguagem e realidade não é negligenciado por Ferdinand de Saussure. Ele o aborda explicitamente, para destacar sua complexidade: "Tal concepção [a da língua como nomenclatura] faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade" (*idem*). O termo "operação" o diz claramente: o que se invoca aqui é o processo linguístico pelo qual o referente é assumido pelo signo. (Cf. ARRIVÉ, 2010, p. 55)

Castelar de Carvalho (2013) avalia que o triângulo de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards inclui o referente ou coisa significada, ou seja, a realidade sociocultural, a qual não pode ser desprezada pela semântica. Ademais, Castelar de Carvalho (2013) ressalta que não existe nenhum vínculo direto entre a coisa e o símbolo, o que levaria, via de regra, à relação binária e de natureza psíquica estabelecida por Ferdinand de Saussure.

Destaque-se o fato de que pouco antes de Ferdinand de Saussure se incumbir do primeiro curso de linguística geral, já dado na Universidade de Genebra, em 1906-1907, Edmund Husserl (1859-1938) exibia nas suas *Logische Untersuchungen* (1900) uma visão tricotômica do signo. Essa visão era formulada com base na ideia da *intencionalidade ex-cêntrica* do homem – pela qual ele aludia ao movimento da consciência enquanto “consciência de alguma coisa” colocada fora dela – e segundo a qual a significação surge mediante articulação de uma “expressão” (*Ausdruck*), mais um “conceito” ou “ideia” (*Bedeutung*, substância do conteúdo, por oposição a *Sinn*, forma do conteúdo, o “como” se exprime o conceito), e “a coisa referida” (*Gegenstand*).

As *Investigações Lógicas*, notadamente o seu volume II, foi uma das maiores fontes da qual se serviram boa parte dos melhores linguistas do século XX: Louis Hjelmslev, Nikolai Trubetzkoi, Roman Jakobson, e o próprio Ferdinand de Saussure. Vale ressaltar que o entendimento do filósofo para a descrição do signo foi o pontapé inicial para as modernas *teorias representacionais da significação*, graças, sobretudo, à intermediação do *The Meaning of Meaning*, de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards, cujo *triângulo básico* veio relembrar, após um quarto de século, as ideias de Edmund Husserl, repondo-as em circulação, agora sob forma adaptada⁷. (Cf. LOPES, *op. cit.*, p. 1, 2)

Alguns princípios que Ferdinand de Saussure propõe para discutir a linguagem influenciam os estudos semântico-linguísticos, como a diferença entre *langue* e *parole*, o conceito de língua como sistema de relações, a definição do plano da língua como objeto da linguística; as noções de signo linguístico, de significante e significado; os conceitos de significação e valor, assim como de forma e substância; as perspectivas sincrônica e diacrônica do tratamento dos fatos da língua; além da visão de dois tipos de relações linguísticas complementares, nos planos para-

⁷ Ver figura 2.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

digmático ou associativo e sintagmático ou combinatório. (MARQUES, 1990)

Ainda segundo Maria Helena Duarte Marques (p. 50.), até a década de 1960 a linguística norte-americana e a europeia não conseguem desenvolver formas de tratamento abstrato-conceitual para a semântica. Por conseguinte, não oferecem ao estudo do significado igual relevância como aos demais planos da língua, para os quais preparam teorias e princípios de análise rigorosos, que admitem a descrição e o conhecimento de propriedades de estruturas morfossintáticas e fonológicas de várias línguas.

4. Considerações finais

Não restam dúvidas de que a linguística estrutural europeia lança raízes na dicotomia entre *língua* e *fala*. A *língua*, “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 31), constitui o objeto da linguística, logo, da semântica. Tudo isso leva a se conceber as palavras como os elementos ou termos de um sistema de relações lexicais, de onde eles extraem sua significação diferencial ou valor, em detrimento de concebê-las como simples denominações, cujo sentido seria subordinado a conceitos ou objetos preexistentes (TAMBA, 2006). E com a inserção do *significado* na concepção do signo linguístico, o mestre de Genebra deposita o sistema dos sentidos dentro do sistema linguístico e confere à Semântica um lugar no seio da linguística⁸. Com efeito, a semântica estrutural europeia consagra-se assumindo o léxico como campo de estudo, abordando-os, no entanto, sob novo prisma sistemático.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMACKER, René. *Linguistique Saussurienne*. Genebra: Droz, 1975.

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.

⁸ Antes do *Curso de Linguística Geral* era comum denominar-se *signo* apenas à imagem acústica, em total detrimento do significado. (cf. LOPES, 2008, p. 83)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BECHARA, Evanildo. Primeiros ecos de F. de Saussure na gramatografia de língua portuguesa. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 48, 1º semestre de 2015.

CAETANO, Marcelo Moraes. Contribuições de Saussure: precursores, paralelos, sucessores e desdobramentos. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, nº 50, 1º semestre de 2016.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Princípios de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

_____. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: Eduff, 2000.

CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). *Introdução á linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. *Dizer e não dizer*. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Sobre a fala no *Curso de Linguística Geral* e a indissociabilidade de língua/fala. In: FANTI, Maria da Glória di; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Enunciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

LIMA, Maria Hozanete Alves de; MELO, Felipe Moraes de. Nos “limites” de Ferdinand de Saussure: Coseriu, Weinreich, Labov e Herzog. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 40, p. 12-24, 1. sem. 2016.

LOPES, Edward. A linguística saussuriana: uma teoria contextual e não-representacional da significação. *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo, n. 33, p. 1-7, 1989.

_____. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARINS, Ânderson Rodrigues. *Sobre as conjunções pois e porque: gramática e enunciação*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2013.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In. _____. (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

NORMAND, Claudine. La coupure saussurienne. *Linx*, n. 7, 1995. Disponível em: <<http://linx.revues.org/1157>>. Acesso em: 10-07-2016.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In. FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUS-SALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In. FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE. Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAMBA, Irène. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
PERCURSOS DE SAUSSURE:
DO JOVEM PESQUISADOR
ÀS TRÊS PRIMEIRAS CONFERÊNCIAS EM GENEBRA

Luciana Moraes Barcelos Marques (UFES)
luciana.marques.dra@gmail.com

RESUMO

Para compreender melhor quem foi Saussure, importa resgatar sua história, principalmente no que tange à sua trajetória profissional, desde a tenra idade até suas conferências em Genebra. Surpreendentemente, em torno de seus 14 anos, esboça um sistema geral da linguagem, direcionado a Adolphe Pictet. Em 1876, passa a integrar a Société Linguistique de Paris. Seu mestrado é concluído com o *Mémoire Sur le Système Primitif des Voyelles Dans les Langues Indo-Européennes* (1879); e, no ano seguinte, recebe o título de doutor em filosofia, com a tese *De L'emploi du Génitif Absolu en Sanscrit* (1880). Em Paris, de 1881 a 1891 exerce o cargo de “mestre de conferências de gótico e de antigo alto-alemão”. Em Genebra, inicia suas atividades em 1981, com conferências abertas ao público. Na primeira conferência, questiona a utilidade dos estudos da linguagem e discute a noção de continuidade linguística. Na segunda, tanto a referência a um aspecto mais geral de mutabilidade e imutabilidade, como a separação do que é físico do que é psicológico demonstra a forma de organização do conhecimento e de sua apresentação. Enfim, na terceira conferência, a língua é colocada como um todo complexo de base contínua, porém com divergências; portanto, observa-se claramente a base das discussões dos âmbitos temporal e espacial. Além de sua biografia, essas três primeiras conferências de Saussure em Genebra serão apresentadas sumariamente enquanto documentação histórico-cronológica de algumas das proposições saussurianas que ecoaram nos cursos ministrados e, conseqüentemente, reapareceram na edição do *Curso de Linguística Geral*. É profícuo observar a construção das proposições defendidas por Saussure, considerando-as a partir da seleção com que ele apresenta conceitos e organiza as aulas, pois, como bem disse Meillet, “Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre”.

Palavras-chave: Saussure. Genebra. Conferência. Pesquisa. Linguística.

1. Apresentação

Ferdinand de Saussure é mundialmente conhecido e intitulado pai da linguística moderna por uma obra não escrita, mas apenas atribuída a ele. Tendo isso em mente, há contextos em que o nome de Ferdinand de Saussure não precisa ser apresentado, nem sequer explicado à comunidade acadêmica. Contudo, a história e a construção das aulas saussurianas não repercutiram na mesma proporção que o livro *Curso de Linguística Geral*, considerado o marco fundador da linguística moderna. Diante disso, nesta comemoração dos 100 anos de publicação do *Curso de Linguís-*

tica Geral, propomos uma breve retomada histórica da adolescência de Ferdinand de Saussure, com o objetivo de destacar sua personalidade pesquisadora e curiosa, desde a juventude. Ademais, descrevemos e analisamos as três primeiras conferências de Ferdinand de Saussure em Genebra, com o intuito de demonstrar a organização do pensamento do professor, na apresentação de noções iniciais e fundamentais em linguística, de modo a revelar os aspectos presentes, já nessas conferências, que se desenvolveram ao longo dos três cursos de linguística ministrados por ele.

2. Juventude: o ímpeto curioso e investigativo

O interesse de Ferdinand de Saussure pela pesquisa parece ser reflexo de um alicerce familiar, pois como herdeiro de nobreza aristocrática, sua ascendência esteve repleta de intelectuais de diferentes áreas de atuação. Um exemplo muito próximo foi o entomologista e geólogo Henri Louis Frédéric de Saussure, seu pai. Acrescenta-se ainda à sua ascendência o seu avô, um físico naturalista, e seu bisavô, considerado o pai da geologia e da mineralogia alpinas. Em meio a esta família de pesquisadores, Ferdinand Mongin de Saussure nasceu em 26 de novembro de 1857, primogênito de Henri com Louise de Saussure-de-Pourtalès: (DE MAURO, 1967, p. 319-322; FEHR, 2000, p. 232-234). Tal origem, possivelmente, contribuiu com o ímpeto curioso e investigativo observado em Ferdinand de Saussure desde muito cedo. Conforme escreveu Jean-Daniel Candaux,

Alguns estudiosos, não menos importantes, foram crianças pouco brilhantes, mesmo em comparação com seus colegas contemporâneos. Tal não foi o caso de Ferdinand de Saussure. O criador da linguística moderna foi, ao contrário, de uma precocidade extraordinária, podendo-se dizer que foi prodigiosa. (CANDAUX, 1975, p. 07, tradução nossa).

O principal evento que comprova a precocidade prodigiosa do jovem Ferdinand foi o ensaio escrito por ele com apenas 14 anos⁹, enviado para Adolphe Pictet. Inicialmente importa saber que Pictet – filólogo e professor de literatura comparada – era vizinho da casa de campo e amigo da família, e por isso Ferdinand de Saussure teve contato com ele desde muito cedo, sendo incentivado a estudar sânscrito. A obra *Origens*

⁹ Destaca-se aqui que há divergência nas datas. Nos *Souvenirs*, Ferdinand de Saussure afirma que tal ocorre quando ele tem entre 12 e 13 anos; contudo, Jean-Daniel Candaux (1974-1975) demonstra que a idade estimada pelo autor está equivocada.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Indo-europeias, de Pictet, gerou no jovem leitor uma “admiração muito profunda, quase infantil”, e após estudar alguns capítulos, procurou uma padronização universal para as línguas, de sorte que seu *Ensaio para reduzir as palavras do grego e do alemão a um pequeno número de raízes* chegou à conclusão de que seria possível encontrar raízes universais para qualquer língua, a partir de uma suposta equivalência entre algumas consoantes. Após ler o ensaio, Pictet respondeu a Ferdinand incentivando-o a perseverar em seus estudos, mas aconselhando-o a afastar-se de qualquer sistema universal da linguagem. “Apesar de receber “boas palavras” por escrito do grande linguísta, acompanhando a análise crítica de suas ponderações, Ferdinand de Saussure afirma que esquece a linguística por dois anos, ‘bastante desgostoso com seu ensaio falho’” (MARQUES, 2016, p. 28)

Já em Leipzig, em sua primeira entrevista com um Professor Alemão (Hübschmann), ele descobriu que algo que lhe parecera elementar aos 16 anos acabara de ser publicado como uma grande descoberta. Conforme descreveu Tullio De Mauro (1967, p. 324): “aos 16 anos, três anos antes de Brugmann, Ferdinand de Saussure havia descoberto, na pré-história das formas gregas, a sonante nasal”. Na época em que percebera a regularidade a partir de um texto de Heródoto, ele acreditou ser algo óbvio para o meio linguístico, motivo pelo qual não registrou nem divulgou sua constatação.

Tanto o “Ensaio sobre as línguas”, quanto o caso da *sonante nasal grega* demonstram a peculiaridade do jovem Ferdinand, principalmente quanto à sua disposição investigativa, frente às problemáticas da língua. Destacam-se, ainda, seus estudos de latim, alemão, inglês, grego e, por último, sânscrito. Todo esse conhecimento contribuiu para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879), único texto publicado pelo autor em vida. Conformada assinala Ecaterina Bulea (2013), a característica do *Mémoire* que se destaca, frente aos demais trabalhos de gramática comparada da época, é o tratamento do vocalismo indo-europeu a partir de uma visão sistêmica e de uma interdependência entre fonética e morfologia, algo inédito para a época e duramente criticado por neogramáticos, como Osthoff. Por fim, sua tese de doutorado, *De l’emploi du génitif absolu en sanscrit* (1880), destaca-se pela temática que não fora desenvolvida pelos neogramáticos, a sintaxe.

Esse histórico de seriedade frente aos objetos de pesquisa é conduzido até sua maturidade, como assinalam seus alunos de Paris. Como

exemplo, Antoine Meillet afirmou que “*Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre*” (MEILLET, *apud* DE MAURO, 1967, p. 336, tradução nossa), ao destacar seu método de ensino rigoroso e comprometido com a clareza da informação; acrescentando-se o fato de que, embora bem preparados, seus cursos eram sempre abertos a reflexões sobre as teorias discutidas. A maturidade, portanto, aprimorou seu compromisso frente às investigações linguísticas e sua busca por proposições mais claras que as oferecidas na época.

Após dez anos como professor em Paris, Ferdinand de Saussure assume sua cadeira de “História e comparação de línguas indo-europeias” no início de novembro de 1891. Considerando que “a universidade oferecia esporadicamente conferências abertas ao público (gratuitas), como atividades extras aos cursos regulares apresentados em seu programa anual” (MARQUES, 2016, p. 34), de acordo Alessandro Chidichimo (2010), a estreia se deu exatamente com a abertura dessas conferências, datadas entre 06 e 10 de novembro do referido ano.

Na Universidade de Genebra estão arquivadas anotações preparatórias para as três primeiras conferências, ministradas por Ferdinand de Saussure, sob a numeração Ms.fr. 3951/1. Tais registros foram editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler e publicados em 2002 no livro *Escritos de Linguística Geral*, sob as páginas 126-150 (na tradução brasileira de 2004). No decurso dessas transcrições, verifica-se a apresentação de uma perspectiva dinâmica para os fatos da linguagem, como pode-se observar a seguir.

Na primeira conferência, Ferdinand de Saussure explicita a organização de sua fala para as três primeiras conferências: na primeira, ele aborda o princípio de continuidade no tempo; na segunda, é examinada sua contraparte, que é a transformação no tempo; por último, mas não menos importante, a continuidade e a divergência da língua no espaço são objeto de observação. Neste aspecto, vale salientar não só a organização da fala do professor, como também a estrutura epistemológica organizada por ele para a compreensão da ideia da história da língua. Constatata-se, aqui, que os três aspectos basilares das três primeiras conferências reaparecerão nas aulas dos *Cursos de Linguística Geral*, desde 1907 até 1911, tanto mais desenvolvidos quanto mais detalhados.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3. Continuidade no tempo: a primeira conferência

A primeira conferência se inicia sob procedimentos formais, com as manifestações honrosas típicas de uma abertura oficial, tanto ao programa de ensino genebrino, quanto à importância de pesquisas e pesquisadores da época. O destaque a Adolphe Pictet se dá ao demonstrar a “capacidade singularmente precisa que assumiu a linguística para a etnografia¹⁰, a tal ponto que o dado [linguístico] é sempre, até a mais ampla informação, a prova primeira para o etnologista” (SAUSSURE, 2004, p. 127), assinalando o importante papel do estudo das línguas para comprovar o parentesco entre diferentes e distantes povos.

Em face das contribuições da linguística não só para a etnografia como também para a psicologia, Ferdinand de Saussure pergunta se a ciência linguística precisa justificar sua existência frente às demais ciências. Tal questionamento parece retomar, mesmo que indiretamente, rumores típicos contra as correntes de estudos ainda não solidificadas na sociedade de pesquisa. Embora essa suposta exigência seja plenamente atendida pela linguística, ele destaca a irrelevância de se pretender relacionar as diferentes ciências, argumentando que requerer tal premissa “é recusar a ela qualquer objeto próprio” (SAUSSURE, 2004, p. 127), base mínima para qualquer ciência.

A partir dessas ponderações, o professor questiona se linguagem ou língua seriam objetos que demandariam um estudo e responde dizendo que a linguagem, ou a fala articulada – expressão criticada por sua baixa clareza –, talvez seja a única característica distintiva do homem em relação aos outros animais¹¹, modelando o que é, de fato, o ser homem, “porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, as suas faculdades nativas” (SAUSSURE, 2004, p. 128). Assim, estudar a linguagem como faculdade humana, numa abordagem antropológica, é algo que exigiria muito mais que uma conferência, mas tal pensamento leva-o à reflexão de que os fenômenos da linguagem se

¹⁰ De acordo com o dicionário Houaiss, etnografia é o “1. estudo descritivo das diversas etnias, de suas características antropológicas, sociais etc. 2. registro descritivo da cultura material de um determinado povo”.

¹¹ O professor ressalta aqui, ironicamente ou não, a possibilidade de algumas espécies de macacos “como anunciam os jornais, estarem em vias de disputar conosco esse último florão da nossa coroa” (SAUSSURE, 2004, p. 128)

expressam, em primeira e última instância, nas línguas; portanto, linguagem e língua implicam-se mutuamente, apresentando-se uma como a generalização da outra.

Outrossim, referenciando ao objeto de estudo das disciplinas ministradas no curso de linguística da Universidade de Genebra, Ferdinand de Saussure cita a época em que a ciência da linguagem era considerada uma ciência natural, quase física. Superada essa abordagem, importou destacar que “à medida que se compreende melhor a verdadeira natureza dos fatos de linguagem, tão próximos a nós, mas, na mesma medida, tão difíceis de captar em sua essência, tornou-se mais evidente que a ciência da linguagem é uma ciência histórica” (SAUSSURE, 2004, p. 130). Nessa perspectiva, a compreensão do aspecto histórico da língua se faz fundamental, tanto para o historiador, dado seu caráter social (*a língua na história*), quanto para o linguista, dados os muitos acontecimentos linguísticos que se dão no decorrer do tempo (*a história da língua*).

Acrescenta-se, ainda, que a classificação da língua como uma ciência histórica perpassa, tal qual a arte, a religião ou o costume, o *ato humano*, concernente não só ao indivíduo, mas à coletividade. “Ora, de todos os atos que se poderia pôr em paralelo, o ato linguístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica [de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos” (SAUSSURE, 2004, p. 132). Tal distanciamento de um controle ou de uma intencionalidade plena leva ao interesse sobre dois aspectos fundamentais: “a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, ela se diferencia ou se diversifica no espaço” (SAUSSURE, 2004, p. 132). Embora essas duas vertentes devam ser tratadas de modo simultâneo, o professor as separa, “em teoria”, apenas para explicá-las de forma satisfatório.

Nesta conferência o professor enfoca no primeiro aspecto da língua: a *continuidade no tempo*. Com isso, destaca-se que a língua não é fixa, imóvel; mas é contínua, ininterrupta. Qualquer língua, de qualquer povo, de qualquer realidade que seja, necessariamente obedece à primeira “lei da transmissão do falar humano”, pois “jamais em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem, e não se pode, logicamente e *a priori*, conceber que isso possa, jamais e em parte alguma, ocorrer” (SAUSSURE, 2004, p. 133). Essa afirmação peremptória se dá como uma negação a uma suposta ideia de que as línguas poderiam nascer, crescer e morrer, como um organismo biológico.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

As línguas não são organismos biológicos, mas fenômenos sociais, de forma que são passadas de geração em geração pelo uso cotidiano de cada povo. Desse modo, conceber qualquer realidade que exclua o aspecto contínuo da língua configura um equívoco. Uma situação extrema seria o extermínio absoluto de um povo, o que causaria, conseqüentemente, o extermínio da língua em questão. Pode-se observar, todavia, a substituição contínua de uma língua por outra, a partir de mecanismos opressores de dominação, em que, por meio de imposição política, utilizando mecanismos como a Escola e a Igreja, e com o acréscimo de uma língua escrita, impõe-se uma língua a um povo “conquistado”. Aqui no Brasil, vivenciamos a morte lenta e cruel de diferentes tribos indígenas, morrendo com eles a sua língua. Ainda hoje observa-se a dominação cultural por meio da língua escrita (o português brasileiro), uma vez que as novas gerações falam cada vez menos a língua de seu povo, mas aprendem unicamente a língua do colonizador. Assim, alguns idiomas indígenas brasileiros têm morrido paulatinamente com seus últimos falantes. Neste aspecto, constatam-se causas políticas, e não linguísticas, que provocam a quebra da continuidade.

Apartadas as situações político-sociais, importa retomar o aspecto contínuo da língua. A força da conservação se dá, primeiro, por que os falantes estão satisfeitos com o próprio idioma; segundo, por que, caso haja alguma tentativa de mudança do idioma, a massa falante resistiria fortemente a qualquer substituição da sua língua materna. No curso da história, Ferdinand de Saussure cita o *volapük*, uma língua artificial criada em 1880 por Johann Martin Schleyer, que se apresentou como uma opção de segunda língua internacional. Acrescentamos aqui o *esperanto*, criado por Ludwig Lazar Zamenhof, por volta de 1887, que ambicionava o mesmo que o *volapük*. Como o curso da história demonstrou, mesmo sem pretender substituir o idioma materno, nenhuma língua artificial foi assimilada por nenhum povo, dada a resistência da massa falante.

Consoante a isso, o *Curso de Linguística Geral* assinala os aspectos responsáveis pela imutabilidade do signo, como a “resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística” (SAUSSURE, 1973, p. 88). Obviamente que a discussão apresentada na conferência é de um domínio (língua) distinto do *Curso de Linguística Geral* (signo), contudo, importa salientar a relação dos argumentos, uma vez que observamos uma ligação entre as ideias de 1891 e a edição de 1913. Comprova-se o vínculo das duas discussões no *Curso de Linguística Geral*, quando este afirma que:

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. (SAUSSURE, 1973, p. 88)

Destarte, o peso da coletividade e do tempo imprime na língua uma tal fixidez que remonta a formação identitária de uma população. Portanto, a língua que se amanhece falando será, necessariamente, aquela que ao anoitecer do dia anterior se falou, assim, Ferdinand de Saussure retoma a “guerra impiedosa” de Gaston Paris a duas locuções frequentes, “primeiramente: *o francês vem do latim*, ou então tal palavra, por exemplo, *chanter*, vem da palavra latina *cantare*. O francês não *vem* do latim, mas *é* o latim, falado em uma data determinada e em determinados limites geográficos” (SAUSSURE, 2004, p. 134). Nesse ponto, a continuidade da língua se apresenta, também, em suas modificações no decurso espaço-tempo.

Há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século, como veremos a seguir, mas nunca houve, em parte alguma, partição ou procriação de um idioma novo por um idioma anterior, isso é estranho a tudo o que vemos, assim como a tudo o que podemos nos representar em ideia, sendo dadas, simplesmente, as condições em que falamos, cada um, a nossa, língua materna. (SAUSSURE, 2004, p. 134)

Assim, nessa condição de falar cada um a própria língua materna, a continuidade se dá no dia-a-dia dos falantes, na repetição do idioma próprio da sociedade em que se reside. Portanto, considerar um suposto nascimento de um idioma é, para o professor, “jogar com as palavras”. Querer, então, atribuir às línguas o adjetivo de *novas* ou *antigas* é buscar segmentar cada ocorrência da atualidade, em busca de sua ancestralidade. Tal intento é vão, uma vez que ao se remontar os períodos acessíveis, todas as línguas europeias teriam a mesma idade. Por fim, a continuidade liga-se à mudança, aspecto trabalhado na conferência seguinte.

4. Movimento da língua no tempo: a segunda conferência

Como devidamente antecipado na conferência anterior, a segunda conferência volta-se para o segundo aspecto das línguas: a mutabilidade. Nas notas saussurianas, como ponto de partida, encontra-se que “nenhuma interrupção, nenhuma cisão, nenhum hiato é imaginável na tradição da língua” (SAUSSURE, 2004, p. 136). Diante disso, se não há interrup-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ções, considerando as diferenças óbvias entre o latim e o português, por exemplo, é inegável que o fluxo de continuidade da língua respeita o *movimento da língua no tempo*. O autor exemplifica tal continuidade com o trabalho do russo Boguslawski, que tirou 480 fotografias de si mesmo, no decurso de 20 anos, duas vezes por mês. Quando analisadas as fotos mais próximas, não são observadas nenhuma mudança, contudo, ao dar saltos no tempo, observam-se o que se assemelha a duas pessoas diferentes, mesmo sendo o mesmo Boguslawski. Semelhante feito ocorre com as línguas, uma vez que ao se considerar um curto intervalo de tempo, não se observa nenhuma mudança, nem na estrutura, nem no vocabulário linguístico.

Antes de prosseguir a discussão saussuriana, vale uma reflexão sobre a realidade do século XXI, em comparação com o século XIX, pois com o advento da internet e das oportunidades de gravação, é possível observar com mais facilidade qualquer fenômeno linguístico. Importa separar o que é, de fato, uma mudança na língua, do que é um modismo de fala/escrita. Com o advento da internet e, conseqüentemente, das redes sociais, atualmente a população leiga tem discutido uma suposta mudança abrupta na língua, seja no vocabulário, seja na estruturação morfológico-sintática. Há que se observar, contudo, que os pontos assinalados normalmente se apresentam como efêmeros, pois brevemente são substituídos por um novo modismo das redes. Dessa maneira, não são mudanças na língua que ocorrem, mas uma breve assimilação de brincadeiras ou de usos pontuais, embasada em eventos e, muitas vezes, de uso exclusivo de um único nicho de fala. Com isso, embora alguns desses eventos, a longo prazo, possam eventualmente vir representar uma mudança linguística, a maioria absoluta configura fatos temporários. Usando a comparação de Boguslawski, o que se observa são mudanças nas roupas da fotografia e, no máximo, na cor do cabelo; a pessoa da fotografia, ou a língua em si, é exatamente a mesma da quinzena anterior.

Retornando às colocações saussurianas, as mudanças linguísticas se apresentam como uma transformação no decurso do tempo, sem haver rupturas, sem se pontuar mortes ou nascimentos de línguas. Da continuidade, então, provém a transformação.

Há *transformação*, ainda e sempre transformação, mas não há, em parte alguma, reprodução ou produção de um ser linguístico novo, com existência distinta do que o precedeu e do que seguirá a ele. Nada de línguas mães, nada de línguas filhas, mas uma língua uma vez dada, que rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado à sua existência, sem que haja, nem mesmo, a possibilidade interior de acabar se não houver aciden-

te, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la (SAUSSURE, 2004, p. 137).

Constata-se, por conseguinte, a correlação entre os aspectos de continuidade e de mudança, de modo que é impossível observar um sem alcançar o outro. A partir dessa compreensão complementar, importa destacar o “princípio da transformação incessante das línguas como absoluto” (SAUSSURE, 2004, p. 138), visto que não há pontos estáveis em língua alguma, assim como não há línguas mães ou filhas. Existe apenas um *continuum* em que a repetição dia após dia viabiliza as transformações no decorrer de 100, 500 ou 900 anos.

Nesta conferência, Ferdinand de Saussure também comenta a tirania da língua escrita. “Essa espécie de camisa-de-força que é o francês oficial, tem, certamente, o efeito de travar a sua marcha, mas é incapaz de detê-la completamente” (SAUSSURE, 2004, p. 138). Desse modo, ele demonstra que a padronização das línguas, via a escrita, não permite a transformação linguística de forma natural. Todavia, apesar da aparente força restritiva, as línguas permanecem mudando no decorrer do tempo e do espaço. É interessante observar que o poder restritivo da escrita é amplamente discutido no *Curso I* (1907)¹².

Dando continuidade à sua explanação, Ferdinand de Saussure pergunta a natureza das constantes mudanças, suas causas e seu caráter. Como um alicerce de explicação, ele aponta três parâmetros para a *essência* desses fenômenos: a universalidade (é a mesma em toda parte), a regularidade (é a mesma em todos os tempos) e a especificação (há duas espécies, fonética e analógica). A mudança fonética, física, ocorre de modo inconsciente; enquanto a analógica, psicológica, ocorre de modo relativamente consciente; “pode-se dizer que uma ataca a forma pelo som e a outra ataca pelo lado da ideia” (SAUSSURE, 2004, p. 139). Ambas mudanças são plenamente discutidas no *Curso II* (1908/1909) e desenvolvidas na terceira parte do *Curso de Linguística Geral*, intitulada *Linguística diacrônica*.

Nas notas de Ferdinand de Saussure, percebe-se um detalhamento maior das transformações analógicas e uns dados esparsos das mudanças fonéticas, não havendo uma explicação pontual para essa diferença.

¹² *Curso*, em itálico, representa cada disciplina do *Curso de Linguística Geral* ministrada por Ferdinand de Saussure em Genebra. Quando citamos *Curso I* ou *Curso III*, de fato referenciamos a edição de Eisuke Komatsu, 1993; quando citamos *Curso II*, referenciamos a edição de Eisuke Komatsu, 1997.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Quanto aos fenômenos oriundos da analogia, Luciana Marques sistematiza a importância da coletividade para a sua efetivação, baseado no que é defendido do *Curso II*:

Em vários momentos, os usuários da língua criam novas unidades por analogia, mas é a utilização pela comunidade de fala que as constitui como fatos de língua; destacando-se que a criação analógica possui dois lados: o criado, pelo qual há uma nova combinação; e o analógico, que retoma elementos preexistentes na língua (MARQUES, 2016, p. 111)

Dessa forma, como assevera Ferdinand de Saussure, a analogia surge da associação de formas pela mente humana, mas se estabelece no uso conjunto de uma comunidade linguística. Ademais, a analogia se apresenta mais profícua no cérebro infantil, dada a limitação temporal de sua memória; conseqüentemente, se o cérebro adulto fosse mais preciso, possivelmente os fenômenos oriundos de analogias seriam muito reduzidos. Deixadas de lado as suposições, todas as línguas, em qualquer momento, apresentam bastantes fatos analógicos, sejam eles perceptíveis ou irrecuperáveis no curso da história. Dessa forma, eles “não são fatos excepcionais e anedóticos, não são *curiosidades* ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem, em qualquer parte e em qualquer época” (SAUSSURE, 2004, p. 141)

No final dos apontamentos referentes a esta segunda conferência, Ferdinand de Saussure assinala um enfoque na causa fonética, afirmando que “por razões que não seria possível expor aqui, ela escapa à nossa atenção e à nossa consciência. Esse movimento fonético existe em todas as línguas” (SAUSSURE, 2004, p. 141). Conforme explicita Luciana Marques,

As leis fonéticas são entendidas como acontecimentos, de forma que é a existência do fenômeno que possibilita a descrição da lei; logo, as hipóteses sobre regularidade são criadas e testadas na prática linguística. Assim, a universalidade das ocorrências fonéticas tomou estatuto de “lei”, nomenclatura usada a contragosto por Saussure (por falta de uma melhor), buscando demonstrar a regularidade com que os fenômenos são observados. Efetivamente, o autor defende que as transformações fonéticas são contingenciais às línguas em exercício, como fruto do movimento criado por cada novo ambiente linguístico, e não em obediência a supostas “leis máximas da fonética”. (MARQUES, 2016, p. 41)

Nesses dois dias de conferência o professor destacou as perspectivas de continuidade e de mudança no tempo, em uma evidente correlação com os estudos diacrônicos. Observaram-se, até aqui, explicações embrionárias do que depois veio a ser discutido nos cursos de linguística geral, como as noções de mutabilidade e imutabilidade da língua, além das mu-

danças fonéticas e analógicas. Para concluir as três primeiras conferências, Ferdinand de Saussure acrescenta, enfim, o parâmetro espaço.

5. Descontinuidade geográfica: a terceira conferência

Considerando que há notas referentes apenas às três primeiras conferências, esta, para nós, é a última seção a ser observada, no que concerne ao início do exercício do professor em Genebra. Como ponto de partida, Ferdinand de Saussure retoma o aspecto *tempo*, trabalhado até aquele momento, com um grande esforço para não o relacionar ao espaço, aspecto guardado para ser discutido nesta terceira conferência. A escolha de separar a apresentação de *tempo* de *espaço* mostrou-se, exclusivamente, como uma decisão didática, com o propósito de permitir uma assimilação de cada aspecto pelo grupo. Diante disso, ministrados a continuidade e a mudança sob a face temporal, cabe agora examinar detalhadamente a face espacial.

Como são faces de um mesmo objeto, a segmentação é apenas epistemológica, assim, importa recuperar que o *francês não vem do latim*, mas é o latim num tempo/espaço diferente. Em muitas ocasiões, tanto nos cadernos dos alunos, quanto nas anotações do professor, Ferdinand de Saussure demonstra insatisfação com algumas nomenclaturas. Em sua opinião, o nome mal aplicado pode levar o ouvinte ao erro, principalmente quando se discute teoria. Semelhantemente, quando se aplicam dois nomes para dois momentos de uma língua (chamados de “desastrosas distinções nominais”), acaba-se por levar ao erro de que se trata de duas línguas distintas. A prova de que é uma mesma língua encontra-se na comparação com o grego, cujo movimento linguístico ocorreu de modo igualmente amplo e desenvolvido que o latim, mas com o nome preservado, cabendo apenas o acréscimo da datação para especificar o período a que se refere, como grego do século XII ou XV.

Diferentemente, o latim, ao se distribuir pelo espaço recebeu diferentes nomes, ocasionando a atual crise identitária da língua, e mesmo que o linguista explique o equívoco terminológico, para ele parece ser um trabalho vão, uma vez que “a denominação *francês* e *latim* é infinitamente mais forte [...], mil vezes mais poderosa no espírito de vocês do que todas as instâncias a que eu possa me entregar como linguista para fazer desabar esse dualismo de papelão, que nos importuna, sob o nome de *francês* e *latim*” (SAUSSURE, 2004, p. 144). Logo, eis uma prova cabal de que a terminologia possui um valor de verdade muitas vezes supe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

rior ao objeto de pesquisa em si mesmo, algo contra o que Ferdinand de Saussure briga bravamente.

Compreende-se, então, que o francês, o português, o espanhol, o holandês e o italiano nada mais são do que o próprio latim, recortado no tempo e no espaço. Essa multiplicidade de realizações comprova que a combinação dos eixos temporal e espacial viabilizam transformações linguísticas distintas em cada ponto do mapa. Isso se dá devido à *absoluta continuidade*, acrescida da *contínua transformação* da língua no tempo, por intermédio de operações mecânicas e psicológicas, ou fonéticas e analógicas, que ocorrem de forma independente em cada comunidade de fala. Assim, embora se tenha uma mudança inevitável dos fatos linguísticos, ela não é a mesma quando se acrescenta a variação geográfica.

O *Curso de Linguística Geral*, na quarta parte, apresenta um capítulo exclusivo às causas da diversidade geográfica. Tal capítulo está embasado, majoritariamente, nas anotações do *Curso III (1910/1911)*, no qual Ferdinand de Saussure amplia e detalha essa discussão. Conforme sintetiza Luciana Marques (2016, p. 132), “a diversidade geográfica é um fenômeno que implica tanto fatores linguísticos como fatores externos”; sendo que os linguísticos são resultado de mudanças fonéticas e analógicas, e os externos, resultados de migração dos povos, guerras, comércio, colonizações, entre outras possibilidades de contato. Em suma, uma vez que as populações se movimentam sobre o globo, verificar a migração e a miscigenação das línguas é tão comum quanto a própria multiculturalidade. Nas palavras de Ferdinand de Saussure,

Cada região está colocada no percurso de um certo número de fenômenos linguísticos, que tem, cada um, *seus percursos determinados*; a soma das características que resulta, para cada região, da superposição acidental de tal e tal fenômeno é o que constitui, se assim se preferir, o dialeto dessa região. Mas é impossível encontrar uma característica que permita delimitar esse dialeto com relação a qualquer outro. (SAUSSURE, 2004, p. 148)

A partir desse excerto, compreende-se que as diferentes línguas da atualidade correspondem ao resultado de uma série de alterações acidentais – fonéticas, analógicas e extralinguísticas – que não foram premeditadas, tampouco previstas. Muitas dessas possuem uma base comum, como as chamadas neolatinas, conseqüentemente, estas já foram consideradas dialetos do latim, mas a somatória das alterações do tempo e do espaço estabelece, neste recorte atual, a falsa percepção de diferentes línguas. Não é possível, entretanto, delimitar linguisticamente os aspectos exatos que as unem e que as diferenciam, assim como não é possível estabelecer até que ponto um dialeto vai se transformar e alcançar o estatu-

to de língua para a comunidade falante. Essas inconstâncias e incertezas frente às transformações no tempo/espaço mostram-se a base do que, 10 anos depois, o *Curso de Linguística Geral*, pautado no *Curso III*, estabelece:

1º Como não existe imobilidade absoluta da matéria de linguagem, ao fim de um certo lapso de tempo a língua não será mais idêntica a si mesma.

2º A evolução não será uniforme em toda a superfície do território, mas variará de acordo com os lugares; jamais se comprovou que uma língua se modificasse da mesma maneira na totalidade do seu domínio. (SAUSSURE, 1973, p. 230)

Eis aqui a explicação saussuriana de que as línguas se diversificam no tempo, mas não apresentam nenhuma regularidade nessa diversificação, logo, uma mesma língua distribuída em diferentes territórios, ou em uma grande extensão geográfica, certamente apresentará transformações, mas estas serão distintas conforme a distância geográfica umas das outras. Consequentemente, é equivocada toda ideia de que haveria algum aspecto que conduzisse as transformações a qualquer regularidade. Luciana Marques retoma as variações dialetais explicadas por Ferdinand de Saussure no que tange suas possibilidades de registro:

Consequentemente, delimitar as fronteiras de um dialeto implica reconhecer e estabelecer as características distintivas em relação aos dialetos circunvizinhos; de forma que tal delimitação não é possível quanto à estrutura global de cada dialeto, pois, se há algo que diferencia a fala nordestina da fala mineira, pode não haver a mesma distinção em relação à capixaba, isto é, os pontos de contato e de diferenciação são tão variáveis quanto a própria variação da língua. “Acaba-se, enfim, compreendendo que a área geográfica dos fenômenos pode perfeitamente ser traçada no mapa, mas que tentar distinguir unidades dialetais é absolutamente quimérico e inútil” (SAUSSURE, 2004, p. 148), dada a impossibilidade de se estabelecer os limites fronteiriços das variações no espaço. (MARQUES, 2016, p. 43-44)

Os registros dialetais, portanto, embora possam estabelecer características pontuais, não se apresentam tão bem delimitados a ponto de se poder delimitar onde termina um dialeto e onde começa outro. Semelhantemente, as línguas de povos sedentários também apresentam ambientes contíguos – as fronteiras – onde as duas línguas se misturam, todavia, conforme se distanciam do intermeio fronteiro, as línguas vão se diferenciando a tal ponto de se alcançar a completa incompreensão.

Para finalizar, é importante acrescentar que os movimentos linguísticos que se pode observar nas atuais configurações do latim são da mesma natureza daqueles que provocam as alterações em níveis dialetais. Em virtude disso, cada domínio econômico estabelece, por vias políticas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

e literárias, um dialeto oficial, em busca de manter uma unidade em meio à diversidade. Como os estudos sociolinguísticos vieram mostrar quase um século depois, o que determina a escolha da variante padrão são motivos político-econômicos e não linguísticos. Até porque não há como mensurar ou valorar um dialeto em detrimento de outro.

6. *Reflexões finais*

Como verificado até aqui, as três primeiras conferências ministradas por Ferdinand de Saussure em Genebra, no ano de 1891, apresentam alguns pontos fundamentais das discussões desenvolvidas durante os cursos de linguística geral, que ocorreram entre os anos de 1907 e 1911. Outro aspecto interessante é a compatibilidade dos conteúdos apresentados nessas conferências em relação à ordem como aparecem e são desenvolvidos mais de 10 anos depois. Como vimos, a continuidade da língua é amplamente desenvolvida no *Curso I (1907)*, as transformações são detalhadas no *Curso II (1908/1909)* e as variações geográficas são desenvolvidas no *Curso II* e ampliadas no *Curso III (1910/1911)*.

Observamos, portanto, que o aspecto espacial, junto com o temporal, compõe os eixos propulsores de continuidade e de transformação das línguas, e tais aspectos são separados com uma finalidade puramente didática, uma vez que é impossível falar de um sem tocar, mesmo que indiretamente, o outro. A partir dessas colocações o linguista demonstra que os fatos linguísticos sofrem diferentes influências e, por isso, devem ser tratados no conjunto de seus domínios.

Tanto numa perspectiva mais direta, da mutabilidade e da imutabilidade da língua; quanto numa perspectiva menos evidente, da sincronia e da diacronia, Ferdinand de Saussure demonstra a complexidade dos estudos da linguagem, cujos pontos fundamentais perpassam tempo e espaço, continuidade e transformação. Meillet, que foi aluno de Ferdinand de Saussure em Paris bem antes de seu período em Genebra, demonstra que parte do que Ferdinand de Saussure discutia não foi escrito, mas que importa destacar as duas maneiras de se considerar a os fatos linguísticos:

As reflexões sobre a linguística geral que ocuparam uma grande parte dos últimos anos não foram publicadas. F. de Saussure queria, sobretudo, destacar o contraste entre duas maneiras de se considerar os fatos linguísticos: o estudo da língua em um determinado momento e o estudo do desenvolvimento linguístico através do tempo. Somente os alunos que assistiram aos cursos em

Genebra sobre a linguística geral puderam aproveitar suas ideias. (MEILLET, *apud* GODEL, 1957, p. 33)

Por fim, embora o professor não tenha citado sincronia e diacronia nas primeiras conferências, é evidente que as bases dessa dualidade fulcral já estavam presentes em suas colocações. Se aos 14 anos Ferdinand de Saussure havia elaborado um “ensaio falho” sobre um sistema geral das línguas, no curso de sua vida ele desenvolveu uma clareza de pesquisa universal que se aplica até as abordagens mais recentes: a compreensão dos recortes sincrônico e diacrônico, e o modo como os fatos da língua se desenvolvem no tempo e no espaço, verdades que valem para todas as línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULEA, Ecaterina. O signo em Ferdinand de Saussure: um campo chave para a chave dos campos. *Revista Traduzires*. Brasília, vol. 2, n. 1, p. 31-53, 2013.

CANDAUX, Jean-Daniel. Ferdinand de Saussure: linguistique a quatorze ans et demi. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 29, p. 7-12, 1975.

CHIDICHIMO, Alessandro. Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 62, p. 257-276, 2010.

DE MAURO, Tullio. Notes biographiques et critiques/ Notes et commentaires. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*: edição crítica. Trad.: Louis-Jean Calvet. Paris: Payot & Rivages, 1967.

ENGLER, Rudolf. *Curso de linguística geral*: edição crítica. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Trad.: Pierre Caussat. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2000.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: E. Droz, 1957.

KOMATSU, Eisuke (Texto estabelecido por). *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909)*: d’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois. Tokyo: Pergamon, 1997.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. *As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016

SAUSSURE, Ferdinand de. Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 17, p. 12-25, 1960.

_____. *Curso de linguística geral* 9. ed. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *Cours de linguistique générale*. Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin. Texto estabelecido por Eisuke Komatsu. Tokyo: Université Gakushuin, 1993.

_____. *Escritos de linguística geral*, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

**PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ESTRUTURA SAUSSURIANA
NO DISCURSO PSICANALÍTICO LACANIANO:
LINGUAGEM E PSICANÁLISE**

Rita de Cássia Gemino da Silva (FAMA/FEUC)
ritagemino@ig.com.br

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo referendar a importância da teoria do signo, do linguista Ferdinand de Saussure, na sistematização do discurso psicanalítico de Jacques Lacan. Expondo uma linha de tempo sobre a formação da linguística, o texto caminha por entre as questões colocadas por Aristóteles, chegando ao que hoje conhecemos como a ciência da linguagem. Fazendo um contraponto com a psicanálise de Freud e os preceitos de Jacques Lacan, foi elaborado um esquema axiomático no qual são demonstradas as inter-relações dos dois psicanalistas e a formação do pensamento lacaniano centrado no arcabouço teórico de Saussure.

Palavras-chave: Linguística. Psicanálise. Linguagem. Lacan. Saussure.

1. Considerações iniciais

Com a chegada do século XXI, podemos perceber uma convergência mais ampla entre as ciências e a procura de novos paradigmas que possam dar conta de um pensamento científico mais complexo e, conseqüentemente, mais investigativo, a fim de desmistificar os padrões científicos do passado. Hoje, situar um estudo tendo como arcabouço a ciência e somente a ciência, de que é objeto o tema pretendido, nos faz desviar de um objetivo mais amplo, exigido pela nova metodologia de ensino, a inter-relação entre as ideias centrais que formam o discurso humano. Sendo assim, procurou-se caracterizar como a linguística, enquanto ciência, revela meandros para a formação de novas teorias, inclusive aquelas que abarcam o comportamento do pensamento humano, como a psicanálise.

2. Um breve histórico sobre a formação da linguística

Em geral, a linguística é definida como a ciência da linguagem, e tem como objeto de estudo a fala humana nas suas diversas manifestações desenvolvida ao longo do tempo. Considerada uma ciência ainda muito jovem, a linguística vai buscar suas características históricas no antigo interesse dos estudiosos pela linguagem. Três direções caracteri-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

zam considerações do mesmo objeto de estudo. Iniciada com os pré-socráticos, como o sofista Protágoras (480-410 a.C.) e solidamente estabelecida com Platão e Aristóteles, a primeira direção, voltada para uma orientação filosófica, vai especular o fato de a linguagem nascer dos problemas do conhecimento humano e da realidade exterior, e o da apreensão desta pela inteligência; o de descobrir a própria natureza da linguagem. Dentro de uma lógica estabelecida por Aristóteles, e logo continuada pelos estoicos, a segunda direção do objeto reside no exercício correto da linguagem para alcançar a verdade, sabendo que em tal exercício o lógico será determinar as regras de um perfeito discurso da razão, o perfeito discurso verbal. Por último, encontramos a terceira direção com características filológica e gramatical, com suas origens também em Protágoras e, portanto, na filosofia, na qual existirá uma íntima ligação com as observações dos lógicos, culminando na escola filológica de Alexandria. No princípio do século XIX, com o Romantismo alemão, começa a florescer um interesse extremamente intenso pelas obras das velhas civilizações, pelos documentos literários e pelas línguas da Índia antiga. A gramática comparativa ou comparada e a filologia indo-europeia, seguidas das filologias germânica e romântica, afirmam o nascimento da linguística. Ao nos remetermos aos primeiros estudos da linguística, vamos distinguir a *Fase da Gramática*, onde na Grécia a origem, a história e a estrutura da linguagem tiveram um cunho não-gramatical, mas principalmente filosófico. A discussão maior estava em aproximar o pensamento e a palavra. Aristóteles impulsionou o conhecimento das categorias gramaticais e os estoicos, os conhecimentos linguísticos sempre amparados pela lógica. Para eles “A linguagem se origina naturalmente na alma dos homens e a palavra expressa a coisa conforme a natureza dela, suscitando, do mesmo modo, no ouvinte, uma impressão conforme a dita natureza”. (BORBA, 1975, p. 13)

Mais tarde, no séc. III a.C., o interesse pela interpretação e reconstrução da antiga literatura objetivou mais o estudo da linguagem. A esse procedimento deram o nome de gramática, ou seja, o estudo mais objetivo da linguagem. Surgem assim grandes polêmicas que passam a ser questionadas não mais no âmbito filosófico, mas sim gramatical, como o desenvolvimento das ideias sobre a declinação, a conjugação, as vozes e os tempos verbais, as partes do discurso etc. A sintaxe, ainda esquecida desde os tempos de Dionísio, só começaria a ter força a partir dos estudos de Franz Bopp (1791-1867) e Friedrich Diez (1794-1876), e com Delbrück. Ao final da Idade Média, unem-se os estudos do grego, hebraico e árabe, iniciando o interesse pelas línguas contemporâneas, con-

tribuição dada pelo Cristianismo, que derrubou a barreira entre povos cultos e bárbaros. As tendências desse final de período são intensificadas no Renascimento. A *Fase da Filologia* é marcada pelo pensamento de Platão. Diferente do conceito atual, a filologia foi para esse filósofo o gosto pela conversação elegante, erudita e artística. Os estudos filológicos e gramaticais não tinham especificações. Foi Friedrich August Wolf (1759-1824), a partir de 1777, que iniciou um movimento científico para dar conta do que seria realmente o conceito e o objeto da filologia. A ele se juntaram outros estudiosos que “entendiam a filologia como ciência da antiguidade, como conhecimento do mundo antigo na sua totalidade”. (BORBA, 1975, p. 21)

A língua não é o único objeto da filologia, pois esta procura interpretar e comentar os textos. Ocupa-se da história literária dos costumes, das instituições etc. e usa o método crítico. Quando aborda questões linguísticas é para comparar textos de diferentes épocas, para determinar a língua particular de cada autor, para decifrar e explicar inscrições feitas numa língua arcaica ou obscura. Estas investigações preparam, sem dúvida, a linguística histórica. A falha do método filológico. (BORBA, 1975, p. 22)

A *Fase do Comparativismo* corresponde ao período científico propriamente dito da linguística, que terá grande impulso com a compreensão de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), em utilizar um maior número de línguas para analisar o completo conhecimento do pensamento do espírito humano. A comparação das línguas só vai acontecer quando Wolf faz a crítica comparativa nos antigos textos. No começo do século XIX, confirma-se o parentesco entre línguas a partir da descoberta do sânscrito. Franz Bopp, ao comparar os idiomas, em geral partindo do sânscrito, cria a linguística comparativa, compreendendo “que as relações entre as línguas de uma mesma família podiam converter-se em matéria de uma ciência autônoma” (SAUSSURE, 1995, p. 8). Franz Bopp se une a outros estudiosos que vão contribuir para a nova ciência. Entre eles estão Jacob Grimm (que se dedicou ao estudo da língua germânica, desenvolvendo um método histórico, do qual fundou a gramática histórica), Pott (criador da fonética comparativa), August Friedrich Schleicher (1821-1868), que sistematizou a ciência fundada por Franz Bopp, estabelecendo três tipos de línguas e três estágios da linguagem – assunto que não cabe aprofundamento neste trabalho. Por volta de 1878, na Alemanha, uma nova escola vai dar ênfase às mudanças fonéticas e a uma perspectiva histórica. Os estudiosos dessa escola serão chamados de neogramáticos. A linguística moderna se forma a partir de vários tipos de pes-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

quisas que marcaram o seu desenvolvimento, tais como: descrição de todas as línguas conhecidas, história das línguas e estudo geral das condições de funcionamento, estrutura e evolução da linguagem e das línguas. Hoje, sabemos que a linguística tem objeto, método e finalidades diferentes da filologia. A primeira se dedica ao estudo da língua como atividade do pensamento humano, e a última estuda a língua como meio de expressão literária. As duas se interessam pelo estudo da língua, sendo a filologia preocupada por toda utilização da mesma na cultura de um povo, sua linguagem, sua literatura, suas implicações na formação social e individual; já a linguística se restringe à linguagem oral e escrita, a língua por si mesma. Como podemos perceber, a base de estudo da filologia serão os textos literários, de onde se reconstruirá uma dada civilização, enquanto que da linguística será a língua falada em todos os seus aspectos, a fim de descrever, comparar e agrupar as línguas em blocos para melhor investigar as forças que atuam sobre elas. Dessa maneira, a língua é um meio para a filologia e um fim para a linguística, mas ambas necessitam de entrosamento para alcançar seus objetivos.

3. *Conceitos básicos da psicanálise*

Os estudos de Sigismund Schlomo Freud nasceram das disciplinas especializadas em neurologia e psiquiatria, tendo como objeto de estudo as motivações e manifestações do inconsciente, cujo método é a análise dessas manifestações, através da palavra, da ação, dos atos falhos, dos sintomas e dos sonhos. Sigismund Schlomo Freud explorou as áreas da psique que eram desconhecidas. Encontramos num dos pressupostos mais importantes da teoria freudiana as defesas e os impulsos inconscientes para explicar o comportamento humano. Reprimido por uma função social, o indivíduo luta por uma saída, que poderá se manifestar através dos erros de linguagem, entre outros. Para nós interessam os preceitos de Sigismund Schlomo Freud que sustentaram Jacques Lacan na estrutura do pensamento do indivíduo, tal como Ferdinand de Saussure estruturou a teoria dos signos linguísticos.

Sigismund Freud firma que nada ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. O fato da consciência foi um ponto de partida para os pressupostos do consciente, pré-consciente, inconsciente. As observações de Sigismund Freud a respeito de seus pacientes revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opunha-se outro; proibições sociais bloqueavam pulsões biológicas e os modos

de enfrentar situações frequentemente chocavam-se uns com os outros. Ele tentou ordenar esse caos aparente propondo três componentes básicos estruturais da psique: o id, o ego e o superego, que juntos formam a estrutura da personalidade. O id contém tudo que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está presente na constituição mental – acima de tudo. É o id a estrutura da personalidade original básica e mais central, exposta tanto às exigências somáticas do corpo como aos efeitos do ego e superego. As outras partes da estrutura mental se desenvolvem a partir do id e as leis lógicas do pensamento não se aplicam a ele. Mesmo atuando como um reservatório de energia de toda a personalidade, nele não existe a ideia de tempo, portanto desconhece qualquer julgamento de valores do bem, do mal e da própria moralidade. O ego é a porção do aparelho psíquico que está ligado à realidade. Expande-se a partir do id, e o resguarda como um invólucro que garante a segurança, a saúde e a sanidade da personalidade. Do ego é estruturado o superego, que atua como um censor, um impositor de regras. É um elemento mental que retém os preceitos da moral ditados pela sociedade, determina os modelos de conduta e os constructos que vão compor as inibições da personalidade.

Até aqui tivemos, particularmente, a preocupação com a teoria geral da personalidade, desenvolvida por Sigmund Freud, para desenrolar a linha de pensamento deste trabalho, focado na prática terapêutica da psicanálise, que, no propósito de ajudar o paciente a estabelecer o melhor nível de funcionamento do ego, utiliza o discurso – a linguagem. A palavra, por tudo que representa, principalmente na veiculação de significados de conteúdos abstratos, sejam de ordem cognitiva, emocional ou instintiva, tais como pensamentos, juízos, sentimentos, desejos, tem exercido e continua exercendo papel relevante no campo da psicanálise. Através da linguagem, o discurso entre o médico e o paciente constitui o caminho habitual para o processo terapêutico. Em *Linguagem e Psicanálise*, Sebastian e Herma, (1973, p. 6-7) mostram que a linguagem desempenha várias funções abaixo especificadas, todas elas relevantes para a situação psicanalítica de comunicação. Nesse sentido:

- a) a fala representa uma possibilidade de controle de fatores emocionais (função de escape, de aplicação catártica em terapia);
- b) a fala se representa como forma de verbalização, ou como capacidade de elevação de conteúdos mentais e nível linguístico e de sua consequente coordenação lógica, semântica e sintática do mesmo nível (separando o inconsciente do pré-consciente e do consciente);

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

d) a fala se apresenta como forma de atenção, confirmação e sedução, em contraposição ao silêncio, forma de recusa ou ameaça;

f) a fala se revela como processo criativo, do qual decorrem neologismos e construções curiosas;

Observa-se, porém, que a psicanálise dá ênfase às alterações da linguagem; isto é, a reconstrução da fala, criando um vínculo entre o paciente e o estudo do caso feito pelo psicanalista.

4. *Jacques Lacan e a psicanálise*

Os primeiros escritos de Sigismund Freud traduzidos na França aparecem por volta de 1913/1914, é claro, com atropelos e diversidade de opiniões e interesses. Após o final da Primeira Guerra Mundial, e pelos anos seguintes, é que vamos encontrar uma verdadeira propagação da psicanálise na França, onde no período de 1924/26 vamos descobrir Jacques Lacan em um grupo, que terminou por existir como *Sociedade Psicanalítica de Paris* (*Société Psychanalytique de Paris*). Nesse período, Jacques Lacan foi responsável por boa parte dos trabalhos que se realizaram no grupo, assim como a reunião de um considerável conjunto de discípulos e a responsabilidade da publicação em série de *La Psychanalyse*, revista da SFP. A adoção do cuidado linguístico, e da filosofia da linguagem em seus discursos e teorias, é que custou a Jacques Lacan o cataclismo no meio psicanalítico. Com o desacordo entre a Sociedade Francesa e a Internacional, Jacques Lacan e um pequeno grupo formam a Associação Francesa, que mais tarde vinha a tornar-se a *Escola Freudiana de Paris*. Entre tantas contribuições de Jacques Lacan, talvez a maior tenha sido, tanto para psicanálise como para toda ciência humana, o duplo movimento de um retorno às descobertas originárias de Sigismund Freud e de um recurso às ciências da linguagem, que permitem articular a ciência do inconsciente.

Nas descobertas recentes da antropologia estrutural e da linguística é que a teoria lacaniana se fundamenta, deixando também contribuições para as mesmas. O que Jacques Lacan vai destacar na teoria psicanalítica é a importância do dizer e do calar numa dialética em que a verdade fica além do discurso infinitamente travado entre poltrona e divã, da relação significativa da linguagem, colhendo os efeitos do significante. Na realidade, Jacques Lacan propõe fecundar a psicanálise com a análise estrutural, retornando os textos originais de Sigismund Freud, numa re-

leitura, na qual imbricam duas disciplinas, duas metodologias, nesse caso a psicanálise e a linguística.

A abrangência dessas duas ciências se cruza no discurso de Jacques Lacan, principalmente em *O Estádio do Espelho (Le Stade du mirole)*, no qual concebe a utilização da estrutura da fala, o significado, o significante como sendo parâmetros para o desenvolvimento do ser como pessoa e suas concepções do eu, do outro e do mundo. Jacques Lacan desenvolve através das teorias de Sigismund Freud sobre o drama da existência e da formação de uma personalidade, a sua teoria do espelho, que consiste em três processos contínuos da criança com o desenrolar de sua apropriação da linguagem e o contato desta com a família e a sociedade. No decorrer desses processos, logo de começo a criança reage como se a imagem apresentada pelo espelho fosse uma realidade (na verdade é um reflexo do que a criança vê), ou então que a sua própria imagem fosse a de outra pessoa. Em seguida, essa imagem deixa de ser tratada pela criança como real; não mais procura pegar o outro que estaria escondido detrás do espelho. Em uma terceira etapa, a criança vai reconhecer o outro como sendo a sua própria imagem – trata-se de um processo de identificação, uma conquista progressiva do sujeito. Surge uma relação dual, reduzida a dois termos, o corpo da criança e sua imagem.

O acesso à linguagem produz como consequência a introjeção de uma matéria significante (fonemas: vogais e consoantes) oferecida pelo meio social e cultural. O próprio Jacques Lacan enuncia um dos dados fundamentais de sua análise quando comenta sobre o caso: “Nossa doutrina (sic) se funda no fato (...) de que o inconsciente tem a estrutura radical da linguagem, que um material ali se joga segundo leis que são as que descobre o estudo de línguas positivas, línguas que são ou foram efetivamente faladas” (LACAN, 1978, p. 594). No momento em que o indivíduo detém a linguagem, é inteiramente dominado pela ordem simbólica. Não haverá apenas o domínio, mas o ser será constituído por sua ordem. Podemos dizer então que o sujeito é tecido pela trama da linguagem. Quando tratamos de linguagem, falamos das relações de significado e significante, e é isto que faz Jacques Lacan quando se refere à obra de Ferdinand de Saussure.

É a postura do psicanalista em fazer-se penetrar na distinção do significado e do significante, à procura de organizar essas relações em duas redes. Ao tratar da rede de significantes, Jacques Lacan assimilou com desenvoltura as lições saussurianas: “Cada elemento toma nela seu emprego exceto no que se difere dos outros” (*Ibid.*, p. 414). Sendo assim,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a língua é um complexo distributivo de significantes em todos os níveis, nas menores oposições fonemáticas, até nas locuções compostas, hoje analisadas pela moderna linguística, ou seja, a frase, o discurso, a retórica. Em suma, um sistema completo, aberto, capaz de modificar o homem como sujeito do seu fazer. Eliana de Moura Castro (1992, p. 48) apresenta qual é a função da linguagem na concepção lacaniana.

Para Lacan, a linguagem tem função constitutiva no homem; é a condição de possibilidade do mundo humano. O inconsciente obedece a leis formais análogas às leis linguísticas. O homem não domina a ordem do significante, sendo antes esta ordem que o constitui enquanto homem, o qual é perpetuamente descentrado em relação a um mundo que lhe escapa; vale dizer, há autonomia da função simbólica em relação ao sujeito.

Cabe dizer, então, que falar de Jacques Lacan e psicanálise é estreitar os vínculos entre a formação da personalidade do homem, a estruturação desta pela linguagem e a perspectiva de utilizar ambas no estreitamento entre a imagem (símbolos) e a realidade. Pode-se, dessa forma, conceber um axioma estrutural do desenvolvimento entre Sigmund Freud, Jacques Lacan, Ferdinand de Saussure e suas teorias, para que se possa visualizar o momento de imbricação.

5. *Psicanálise e linguística - A estrutura saussuriana no discurso psicanalítico de Jacques Lacan*

A intenção deste estudo está voltada para a importância do linguista Ferdinand de Saussure na concepção de Jacques Lacan sobre a estrutura do pensamento. É Jacques Lacan (1955), em *Seminare sur "La lettre volé"*, que afirma: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem e o material simbólico que ele encerra tem nisso uma influência".

No decorrer dos anos 1955 e 1956, vamos encontrar em *As psicoses* (no livro III, *O seminário*) centrado em torno das memórias de um neuropata de Schreber, pela primeira vez, o nome de Saussure e análises feitas por Jacques Lacan do livro *Curso de Linguística Geral*. Os termos significado e significante nos seus poderes simbólico e teórico são complexos e interpretados de forma diferente por cada teórico. A questão é retratar que, no momento em que Jacques Lacan percebe a importância da linguagem na formação do inconsciente humano, joga sua âncora nos arcabouços da metodologia de Saussure e de lá toma emprestado o léxico, criando uma subversão nos valores dos termos significante e signifi-

cado. Borba (1975) refere-se à linguagem em seu livro *Introdução aos Estudos Linguísticos*.

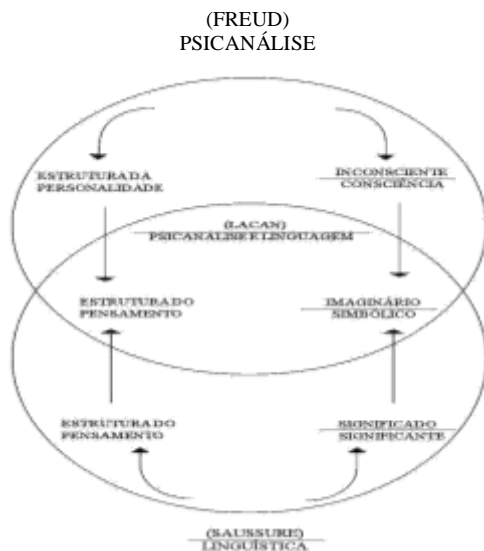
Se a linguagem é atividade mental e é capaz de expressar estados mentais, logo verificamos que a linguagem e pensamento se relacionam muito estreitamente. Um depende do outro para desenvolver-se em larga escala. O pensamento só é exteriorizado pela linguagem. sendo assim, esta teria apenas a função secundária de invólucro dos pensamentos? Seria melhor dizer que a linguagem é o caminho sobre o qual todo pensamento é verbalizado, que só conseguimos pensar em termos de linguagem, pois, quando relacionamos imagens, estamos formando, embora sem o percebermos, um silencioso fluir de palavras. Admitir um pensamento sem palavras seria o mesmo que admitir uma operação matemática sem auxílio dos números.

Podemos reconhecer com isso que a teoria lacaniana se fundamenta sobre o pensamento de Sigismund Freud e as descobertas da linguística. Remetemo-nos aos conceitos de *significante*. Para Ferdinand de Saussure, o significante é a imagem acústica, é a parte perceptível do signo, está intimamente unido ao significado, “um reclama o outro”. São interdependentes e inseparáveis. No sentido lacaniano: a definição acima é aceita no que se refere ao consciente. No inconsciente, o significante é o que pode articular em um sistema, uma cadeia (a partir do significante primeiro). E o *significado*? Para Ferdinand de Saussure o significado é o conceito que se tem da imagem acústica, é a contraparte inteligível do signo; parte que está “escondida”, imaterial. No sentido lacaniano: aquilo a que remete o significante, mas que, no inconsciente, é articulável. Jean-Baptiste Fages (1971) “Toda metáfora, segundo Jacques Lacan, é uma ‘substituição significante’, uma substituição de significantes. Tomemos agora a supremacia da palavra e do significante discutida por Jacques Lacan em sua obra *A teoria do espelho*. A imagem, somente enquanto se articula com a cadeia significante, é que o imaginário se torna expressivo. A etapa do espelho nos dá o princípio de distinção entre o imaginário e o simbólico, mostrando-nos que, por trás da cena imaginária do espelho e do reconhecimento que se realiza, se esboça o perfil da cadeia simbólica. A imagem de relação do significante e do significado é que o significante é unidade de ser único, sendo por natureza símbolo apenas de uma ausência. A verdade do inconsciente é que o homem é povoado e transformado pelo significante. Nesse ponto, a análise deve, pois, constituir-se em fazer cessar as falsas certezas do sujeito, em desfazer-lhe as miragens até que chegue à decisão suprema.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

No discurso pleno (término da regressão, momento de interpretação, momento de nomeação do termo que não deveria ser renegado pelo sujeito), o analista compõe passo a passo a rede de significantes inconscientes, colocando a disposição do sujeito a trama secreta. Reconstituindo pacientemente cada momento. Chega a hora da resolução, quando o analista nomeará, revelará ao sujeito tudo aquilo que ele teceu a partir do seu significante primeiro. Esse discurso pleno e essa nomeação trazem o sujeito do estágio do imaginário e o colocam na ordem simbólica, que lhe conferem dizer, verbalizar tudo aquilo que inconscientemente ele tramou. Jacques Lacan (1955), no momento da revelação do discurso pleno, “pronuncia mesmo a palavra verdade; uma verdade fundada pelo discurso revelador”. Através das colocações acima citadas, podemos perceber como Jacques Lacan concebeu a linguagem inspirada em Saussure, que o permitiu reformular a análise de Sigismund Freud sobre o inconsciente. “A linguagem, a ordem simbólica, constitui o sujeito; ela o transcreve por uma trama de significados, desde seu nascimento”. (*Ibid.*, 1955). Os significados serão as variações de cada um, e só ganham entendimento dentro da coerência da rede dos significantes. Sendo assim a teoria vai concluir a supremacia do significante.

6. Esquema axiomático das estruturas teóricas lacanianas



7. Considerações finais

Ao término deste estudo podemos estabelecer um eixo nos conceitos que trazem à tona uma aglutinação de teorias e pensamentos que fazem a linguística e a psicanálise ciências coirmãs nas investigações da linguagem humana. Esperamos ter acrescentado aos estudos atuais sobre o assunto, traços inovadores para o conhecimento da importância de Ferdinand de Saussure nas concepções da psicanálise lacaniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1970.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASTRO, Eliana de Moura, *Psicanálise e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FAGES, Jean-Baptiste. *Para compreender Lacan*. Trad.: M. D. Magno e Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1971.

GREENE, Judith. *Pensamento e linguagem*. Trad.: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad.: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Escritos*. Trad.: Inês Oseki Dipré. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *O seminário*, livro 3 – As psicoses – 1955-1956. Versão brasileira de Aluísio Menezes. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEBASTIAN; GOELPPERT, Herma C. *Linguagem e psicanálise*. Trad.: Otto Crich Walter Mass. São Paulo: Cultrix, 1973.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

SEGUINDO SAUSSURE:
DELINEANDO A FORMA E A SUBSTÂNCIA
DA *LANGUE* E DA *PAROLE*

Terry Shortall (Rio de Janeiro)
tshortall@me.com

RESUMO

Langue consiste de padrões e regras abstratas e internas do sistema de signos e significados, e *parole* é a produção de significado através do uso da *langue* por indivíduos em um contexto social (SAUSSURE, 1986). Noam Chomsky (1986, 2000, 2006) propôs as noções de *competência linguística* e *desempenho linguístico*, enquanto Dell Hathaway Hymes (1972) sugeriu *competência linguística* e *competência comunicativa*. Usaremos a linguística cognitiva para rever os conceitos de *langue* e *parole*. Para testar: i) se o sistema interno de *langue* é universal e não dependente de língua, e ii) se *langue* e *parole* diferem uma em relação à outra. Serão comparados dados extraídos de falantes nativos de inglês e português com dados de *corpora* falados nesses dois idiomas. Especificamente, serão investigados exemplos da construção existencial extraídos de falantes nativos de inglês e português para verificar se existem protótipos (ROSCH, 1975, 1976, 1977) da construção na mente dos falantes. Depois, estes dados serão comparados com dados extraídos de um *corpus* de inglês e outro de português. A estrutura existencial tem até oito variações estruturais. Por exemplo: Exist+SN+SP – *Há muitos parados em Sumaré*; Exist+SN+SAdv – *Há uma política de sigilo agora*; Exist+SN+SV – *Há cerca de 25 médicos envolvidos com o projeto*; Exist+SN+RelQU – *Há homens que se sentem atraídos por essas mulheres*. Mais de 60% das frases produzidas pelos sujeitos em ambas as línguas eram do tipo Exist+SN+SP, sugerindo este como o protótipo da estrutura. Os dados do *corpus* diferem dramaticamente dos extraídos dos falantes. Para ambas as línguas, o *corpus* demonstra que falantes nativos usam mais variantes da estrutura existencial e menos da frase prototípica, resultados que apoiam separação de *langue* e *parole* (SAUSSURE, 1986) e põem em questão o trabalho de Noam Chomsky.

Palavras-chave: *Langue*. *Parole*. Saussure. Forma. Substância.

1. Introdução

Quando Ferdinand de Saussure (1916) propôs a separação como objetos de estudo a *langue* (o sistema interno da linguagem de cada pessoa) e o *parole* (o uso da linguagem na vida social) o mundo da linguística mudou para sempre. Infelizmente para nós, essas ideias não foram plenamente desenvolvidas pelo mestre antes da sua morte.

Este artigo propõem uma visão da *langue* e da *parole* que inclui a descrição das diferenças de ambas em termos lexicais e gramaticais, seguindo a teoria dos protótipos (Eleanor Rosch e outros). Estas diferenças

serão identificadas através de uma investigação da categoria existencial e como ela é representada nas mentes de falantes nativos (*langue*) e num *corpus* de língua falada (*parole*). Os resultados desta investigação indicam que a sintaxe da *langue* é altamente prototípico, enquanto a sintaxe da *parole* é fortemente influenciada pelos conhecimentos compartilhados pelos falantes. Ao mesmo tempo, os substantivos no léxico da *langue* são quase exclusivamente concretos e animados, enquanto os substantivos na *parole* são essencialmente abstratos e de referência vaga.

2. A influência do Saussure

O Ferdinand de Saussure foi, de fato, o fundador da linguística moderna. Segundo Marcelo Moraes Caetano (2016), no início do século vinte, enquanto Sigmund Freud brilhava na ciência da psicologia, e Karl Marx na sociologia, Ferdinand de Saussure estava montando o que viria a ser a ciência da linguística.

As ideias do Ferdinand de Saussure influenciaram as grandes teorias sobre a linguística durante o século vinte: o estruturalismo de Leonard Bloomfield (1933), a gramática transformacional de Noam Chomsky (1957), e a linguística funcional do Halliday (1961).

Vários desses linguistas tomaram como base do seu trabalho as noções de *langue* e *parole*. Noam Chomsky (1965; 2000 e 2006) sugere a competência linguística, que ele coloca como um mecanismo mental inato e é universal. Isso para Noam Chomsky é o que se denomina *langue*. Noam Chomsky, como Ferdinand de Saussure, falou de uma faculdade da língua que, para Noam Chomsky, explica como as crianças adquirem a língua materna. Com o desenvolvimento do sistema de Noam Chomsky, o léxico foi abandonado como objeto de estudo; ele insistia que os léxicos das línguas do mundo eram específicos para cada língua, e, portanto, não teriam propriedades universais. Ele também afirmou que a língua no ambiente social (*parole*) era repleta de erros de uso não previsíveis e, portanto, também não merecia ser pesquisada. Afinal, ficou somente a gramática. Ficou para Noam Chomsky então somente a *langue* e não a *parole* como indicador da universalidade das línguas.

Essa posição tem sido criticada. Dell Hathaway Hymes (1972) disse que não era suficiente investigar somente a competência linguística (*langue*), e que tinha que investigar a competência sociolinguística (*parole*) também.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Michael Alexander Kirkwood Halliday (1961), por sua parte, investiga somente a *parole* através da sua gramática funcional.

Agora, cem anos depois da publicação do *Cours de Linguistique Générale* do Ferdinand de Saussure, ainda não existe nenhuma teoria da linguística que leva para frente as ideais do Ferdinand de Saussure sobre a *langue* e a *parole*. Nenhuma teoria até hoje conseguiu explicitar exatamente como seriam a forma e a substância desses dois aspectos do pensamento do Ferdinand de Saussure.

Este artigo propõe descrever em termos mais ou menos precisos como podemos ver a *langue* e a *parole*, suas semelhanças e suas diferenças, tanto em termos da sintaxe como do léxico. Começaremos com uma descrição de categorias e os seus protótipos para depois examinar os dados sobre a categoria existencial extraídos de um grupo de falantes nativos e dados extraídos de um *corpus* falado da língua portuguesa.

3. A natureza de categorias

As categorias existem em toda parte das nossas vidas. Quando a gente vai ao supermercado, está tudo organizado em termos de categorias: frutas, carnes, enlatados etc. Doenças são comumente classificadas também, como contagiosa ou não, risco de vida ou não, curável ou não. Na lei, os tribunais classificam mortes como assassinato, homicídio, acidental e assim por diante. Sem a categorização, a vida social não seria possível.

E a categorização também serve para explicar a aquisição das línguas. As crianças primeiramente aprendem itens lexicais como *cadeira* e *mesa*. Depois reconhecem que há um relacionamento entre a mesa e a cadeira. Depois constroem a categoria *móveis*, e a partir daí começam a adicionar mais itens à categoria como *prateleira* e *armário*. Segundo John M. Ellis (1993, p. 27) "a categorização, e não a comunicação, é a mais importante função da linguagem, e é anterior a todas as outras". Em outras palavras, as crianças têm que aprender categorizar antes de poder comunicar.

Pertencer a uma categoria e o nível de pertencimento depende de quanto um item tem as características da categoria. Quanto mais características um item tem, mais prototípico o item é. A categoria *pássaro* tem as características seguintes:

+asas
+penas
+bico
+2 pernas
+voo

O pardal, por ser um pássaro prototípico, tem as características mostrado em **Fig. 1**, enquanto para a galinha a característica +voo falta, fazendo da galinha um sócio menos típico (Extensão). Os protótipos são nas nossas mentes os melhores exemplos de uma categoria.

Pardal: +asas +penas +bico +2pernas +vôo	Galinha: +asas +penas +bico +2pernas -vôo
---------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------

Fig. 1: as características da categoria *pássaro*

A categoria *pássaro* está mostrada em **Fig. 2**.

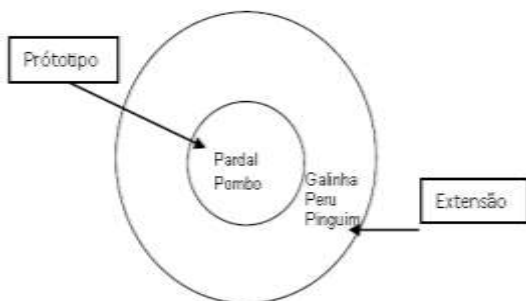


Fig. 2: a categoria *pássaro*

As categorias existem não somente ao nível do léxico, mas também da gramática. O pretérito perfeito, por exemplo, é usado para designar um evento ocorrido num momento fixo no passado, tendo, portanto, as características +pontual (ponto no tempo), e +passado no tempo. A **Fig. 3** demonstra que este tempo pode também ocorrer num tempo não pontual (Extensão 1). O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo designa um fato que poderia ter ocorrido no passado (uma expectativa ou esperança, talvez), mas não é nem +passado nem +pontual (Extensão 2)

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

Protótipo: +Passado no tempo +puntual	→	Chegaram ontem. Encontrei com ele às três.
Extensão 1 +Passado no tempo -puntual	→	Nós caminhamos para a escola. Eu assisti TV a noite toda.
Extensão 2 -Passado no tempo -puntual	→	Se eu tivesse dinheiro. Se você soubesse como me sinto.

Figura 3: a categoria *pretérito perfeito*

Para uma discussão aprofundada da natureza das categorias e os seus protótipos, procure George Lakoff (1982), Ronald Wayne Langacker (1987, 1991) e John R. Taylor (2002).

4. A categoria *existencial em português*

A existencial em português demonstra bastante variação no sintagma X com até oito variações, i.e., no sintagma ou cláusula que segue a sintagma nominal (existencial+SN+X) (Tabela 1).

	Variação	Exemplos
1.	Exist+SN+SP	Há vários alunos <u>na classe hoje</u> .
2.	Exist+SN+SV	Há uma garota <u>sentada no chão</u> . Há uma garota <u>chegando aí</u> .
3.	Exist+SN+SNsolitária	Há políticos corruptos.
4.	Exist+SN+RelQu	Tem gente <u>que não ajuda ninguém</u> .
5.	Exist+SN+Comp	Há <u>mais</u> coisas entre o céu e a terra <u>do que</u> a gente imagina.
6.	Exist+SN+SAdv	Há algo errado <u>aqui</u> . Há algo errado <u>agora</u> .
7.	Exist+SN+ORcomQU	Não há dúvidas <u>que a gente vai ganhar</u> .
8.	Exist+SN+Idiom	Enquanto há vida, há esperança.

Tabela 1: variações sintáticas dentro da categoria EXISTENCIAL

A primeira variação envolve o uso na posição X de um sintagma preposicional. A segunda é uma sintagma verbal; nota-se que há duas variações aqui, uma é sintagma verbal no infinitivo e a outra é um sintagma com gerúndio. O terceiro é o sintagma nominal sem acompanhamento. A quarta variação tem uma cláusula relativa que descreve ou amplia a referência do substantivo no sintagma nominal. A quinta variação envolve comparação. A sexta tem sintagma adverbial, um locativo e o outro temporal. A sétima tem uma oração com *que* que é complemento do verbo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A oitava é uma frase idiomática, que, portanto, tem pouca força existencial.

Na próxima seção examinaremos os dados de 105 sujeitos brasileiros para ver se existe, nas representações mentais deles, um protótipo para a categoria existencial.

5. O estudo

O estudo consiste de duas partes: exame de dados de 105 falantes de português para verificar se há uma representação gramatical da categoria existencial em comum entre os falantes, que seria o protótipo, e exame de dados de um *corpus* falado da língua portuguesa do Brasil para ver se há diferenças entre a língua falada e social (o *parole*) e a língua da mente (a *langue*).

6. Informantes

Os informantes foram 105 estudantes de uma escola de inglês no estado de São Paulo. A maioria eram estudantes do ensino médio em tempo integral, com exceção de dezenove informantes que trabalharam em várias ocupações no setor de serviços. A faixa etária dos sujeitos decorreu de 12 a 38 anos, com uma idade média de 19 anos.

7. Procedimentos com os informantes

Os informantes foram convidados para escrever cinco frases cada, usando *há* ou *tem*. As instruções não deram nenhuma indicação quanto à natureza da investigação. As instruções foram como se segue:

Escreva em português as primeiras 5 frases que você puder imaginar que contenham ou a palavra "há" ou a palavra "tem".

Os informantes produziram 525 sentenças; 47 deles foram excluídos por não serem existenciais, deixando um total de 478 frases.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

8. A gramática das frases existenciais produzidos pelos informantes

Os padrões gramaticais produzidos pelos sujeitos são mostrados na Tabela 1.

Padrões	Nº	%	Exemplos
Exist+SN+SP	255	53%	Há vários alunos <u>na classe hoje</u> . Tem muita violência <u>em São Paulo</u> .
Exist+SN+SV	58	12%	Há borboletas <u>voando</u> sobre a cabeça da Marisol. Há uma garota <u>sentada</u> no chão.
Exist+SN+SNsolitária	51	11%	Há dois tipos de visão: branco e preto e colorido. Há políticos corruptos.
Exist+SN+RelQu	46	10%	Há coisas <u>que devo fazer</u> , mas não faço. Tem gente <u>que não ajuda ninguém</u> .
Exist+SN+Comp	38	8%	Há <u>mais</u> coisas entre o céu e a terra <u>do que</u> sonha a nossa vã filosofia.
Exist+SN+SAdv	29	6%	Há algo errado <u>aqui</u> . Tem muita violência <u>hoje em dia</u> .
Exist+SN+ORcom QU	1	0.21%	Não há dúvida <u>que ela me ama</u> .
Exist+ SN+Idiom	0	0%	-
Total	478		

Tabela 1: padrões gramaticais produzidos pelos informantes

O padrão NP PP predomina em 53% (255 ocorrências), sugerindo este como o protótipo da categoria existencial.

O português tem dois verbos existenciais, *haver* e *ter*; *haver* é geralmente utilizada como existencial, enquanto *ter* é também o verbo possessivo. Houve 229 usos de *haver*, 48% do número total de sentenças existenciais. Isto não está de acordo com a afirmação do Maria Helena Mira Mateus et al (1989) de que *haver* é usado no português europeu, enquanto *ter* é mais usado no português brasileiro.

9. Os substantivos dentro da SN principal

Os substantivos, com frequência de seis ou mais, aparecem na Tabela 2.

Substantivo	No.
Pessoa(s)	54
Coisa(s)	40
Gente	30
Tempo(s)	14
Menino/a(s)	14
Ano(s)	12
alguém	9

aluna	8
Dia(s)	8
Livro(s)	8
Garoto/a(s)	7
Aluno(s)	6
Gato(s)	6
Carro(s)	6
Prova(s)	6

Tabela 2: substantivos produzidos dentro do SN

Dez dos quinze substantivos (66%) são concretos. Destes, oitos (53%) são substantivos animados. O substantivo *coisa(s)* pode aparecer em isolamento como concreto, mas, na prática, é mais usado para referir a itens não concretos:

Há muita coisa pra fazer hoje.

Segundo John R. (1995, p. 192) um substantivo prototípico designa "uma entidade concreta, tridimensional e distinta/descontínua", i.e., o substantivo prototípico é um objeto ou coisa que é delimitada no espaço tridimensional.

	Características	No.	%	Exemplos
Protótipo	+concreto +descontínuo +tangível	291	61%	pessoa, gente, alguém, aluna, livro, menina
Extensão 1	+concreto -descontínuo +tangível	10	2%	arroz, cola, comida, café, sobremesa (2), grafite, papel, sujeirinha, comidinha
Extensão 2	+concreto -descontínuo -tangível	6	1%	mundo (2), ar, fumaça, nuvens, luz
Extensão 3	-concreto -descontínuo -tangível	171	35%	coisa, tempo, ano, dia, prova
Total		478		

Tabela 3: os protótipos e extensões dos substantivos produzidos pelos informantes

A classificação dos substantivos em termos de aspectos prototípicos está mostrada na Tabela 3. Os aspectos +concreto, +descontínuo e +tangível são usados para distinguir os protótipos nos dados.

Os substantivos concretos, descontínuos e tangíveis, substantivos prototípicos, são claramente preferidos pelos sujeitos como representações mentais do substantivo, com preferência não somente para o concre-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

to, mas também para o substantivo animado, de acordo com a hierarquia da animacidade. (SILVERSTEIN, 1976)

10. Os resultados do corpus

O *corpus* empregado foi o *Corpus de Português* (DAVIES & FERREIRA, 2006-) de 45 milhões de palavras. A parte usada foi a seção falada do *corpus* de um milhão de palavras. A Tabela 4 mostra os padrões gramaticais extraídos do *corpus*.

Padrões	Nº	%	Exemplos
Exist+SN+SP	417	41%	Tem câmaras no Interior, como em Ipu Não há nenhum grupo no Brasil desse tamanho.
Exist+SN+SV	51	5%	tem muita gente boa querendo espaço e não consegue. Há encontros regionais provando isso.
Exist+SN+SNsolitária	305	30%	que eu tenho jardim - tem gafanhoto - tem lagarta - tem besouro não há nenhum animal nacional brasileiro
Exist+SN+RelQu	163	16%	tem um animalzinho que parece um gato mas eu não sei como é Há pessoas que não atacam frontalmente o Presidente
Exist+SN+Comp	14	1%	E tem muito mais guitarrista do que batera e baixista. Não há nada mais fácil do que a crítica para aqueles que se acreditam críticos.
Exist+SN+SAdv	51	5%	lá tem tigre - lá tem: deixa eu ver. porque parece que só há duas iluminações aqui na terra
Exist+SN+ORcom QU	14	1%	Não há dúvidas de que as denúncias são muito graves. Mas há indicações de que a inadimplência não vem crescendo
Exist+ SN+Idiom	0	0%	-
Total	1015		

Tabela 4: padrões existenciais tirados do corpus

Como para os informantes, o padrão prototípico, Exist+SN+SP, predomina, mas não tão expressivamente. O padrão SN solitária é relativamente alto com 30%. Isso tem a ver com o fato que na interação entre as pessoas existe porque os interlocutores têm conhecimentos compartilhados do contexto e não precisam especificar nem o tempo nem a localidade do SN:

não há nenhum animal nacional brasileiro
e se não há dinheiro, vamos buscar parcerias.
a criatividade humana pode ser rica, mas tem limitações.

A Tabela 5 mostra os substantivos com frequência de seis ou mais nos dados do *corpus*.

Substantivo	Numero
coisa	32
problema(s)	19
nada	14
gente	14
possibilidade	11
razão	11
quem	10
diferença	9
duvida	9
espaço	9
necessidade	8
caso	7
muito	7
questão	7
tempos	7
tipo	7
condição	6
que	6

Tabela 5: os substantivos do *corpus* dentro do SN

Somente um dos substantivos, *gente*, é concreto, e também é animado. O resto são abstratos e de referência vaga.

A Tabela 6 mostra os substantivos do *corpus* em termos do sua prototypicalidade.

	Características	No.	%	Exemplos
Protótipo	+concreto +descontínuo +tangível	153	15%	gente, animais, mulher, senhora, televisões, portão, galinha, doberman
Extensão 1	+concreto -descontínuo +tangível	48	5%	mancha, papel, poças, plantação
Extensão 2	+concreto -descontínuo -tangível	15	1%	empresa, equipe
Extensão 3	-concreto -descontínuo -tangível	800	79%	coisas, jeito, problema, negócios, vida
Total		1016		

Tabela 6: os protótipos e extensões dos substantivos tirados do *corpus*

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

Quase 80% dos substantivos do *corpus* tem as características – concreto, -descontínuo, -tangível, sendo isso o perfil do substantivo mais usado na interação social.

11. Discussão

Aqui nos vamos comparar os dados dos informantes com os dados do *corpus* para ver as diferenças entre o *langue* e a *parole*. Tabela 7 mostra os aspectos gramaticais dos dados.

	Informantes		Posição	<i>Corpus</i>		Posição
Padrões	Numero	%				
Exist+SN+SP	255	53%	1	417	41%	1
Exist+SN+SV	58	12%	2	51	5%	4
Exist+SN+SNSolitária	51	11%	3	305	30%	2
Exist+SN+RelQu	46	10%	4	163	16%	3
Exist+SN+Comp	38	8%	5	14	1%	5
Exist+SN+SAdv	29	6%	6	51	5%	4
Exist+SN+ORcom QU	1	0.21%	7	14	1%	5
Exist+ SN+Idiom	0	0%	8	0	0%	6
Total	478			1015		

Tabela 7: variação gramatical nos dados dos informantes e do *corpus*

Mais de metade das frases produzida pelos informantes é da forma Exist+SN+NP, sugerindo esse padrão como o protótipo da categoria existencial. A grande diferença entre os dois conjuntos de dados é em termos do padrão Exist+SNSolitária. Nos dados do *corpus* 30% dos exemplos são deste padrão, enquanto somente 11% para as frases dos informantes. Como já foi discutido, isto ocorre porque em interações sociais os interlocutores têm conhecimentos compartilhados sobre a situação de que estão falando e, no caso da categoria existencial, isto quer dizer que não é preciso indicar a localidade nem ou tempo do SN que está sendo discutido. Isto é uma evidência grande de que a língua social e interativa (*parole*) difere profundamente da língua como é representada na mente humana (*langue*).

A Tabela 8 mostra os substantivos com frequência de seis ou mais no SN principal nos dados dos informantes e do *corpus*.

Informantes		<i>Corpus</i>	
Substantivo	No.	Substantivo	No.
Pessoa(s)	54	coisa	32
Coisa(s)	40	problemas(s)	19
Gente	30	nada	14

Tempo(s)	14	gente	14
Menino/a(s)	14	possibilidade	11
Ano(s)	12	razão	11
alguém	9	quem	10
aluna	8	diferença	9
Dia(s)	8	duvida	9
Livro(s)	8	espaço	9
Garoto/a(s)	7	necessidade	8
Aluno(s)	6	caso	7
Gato(s)	6	muito	7
Carro(s)	6	questão	7
Prova(s)	6	tempos	7
		tipo	7
		condição	6
		que	6

Tabela 8: os substantivos no SN principal nos dados dos informantes e do *corpus*

Nos dados dos informantes 10 dos 15 substantivos (66%) são concretos e sete (47%) desses dez são animados. Nos dados do *corpus* somente há 2 substantivos concretos, sendo um animado; a maioria são abstratos e de referência vaga.

A diferença na distribuição dos substantivos ente os informantes e o *corpus* é substancial.

Quando as pessoas têm que pensar sobre a língua (*langue*) tendem a pensar em substantivos concretos e animados, pensando com bastante frequência em seres humanos. Em contrapartida, na língua interacional e social, a tendência é para as pessoas comunicarem sobre abstrações com substantivos como *problemas*, *possibilidades*, *diferenças*, *dúvidas* e *questão*, e de uma maneira vaga com substantivos como *coisa*, *caso* e *tipo* (veja Joanna Channell, 1994, para uma discussão sobre a linguagem vaga).

Resumindo, pela visão apresentada aqui da categoria existencial, *langue* e *parole* têm as seguintes características:

<i>Langue</i>	<i>Parole</i>
• Sintaxe tende para os protótipos	• Sintaxe é influenciada pela conhecimento compartilhado
• Substantivos são concretos e animados	• Substantivos são abstratos e com referencias vagas

Até agora, cem anos depois da publicação da *Cours de Linguistique Générale* do Ferdinand de Saussure, ninguém tem conseguido definir e descrever em forma concreta e explícita a *langue* ou a *parole*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Este artigo procurou através de uma teoria de categorias e os seus protótipos fazer exatamente isso: delinear com alguma precisão a forma e a substância da *langue* e da *parole*.

Este texto é somente um início. Falta muita pesquisa para se ter um perfil completo dessas duas facetas importantes da obra do Ferdinand de Saussure. Precisamos examinar como funciona, outras categorias e os seus protótipos, e como se comportam diferentemente na *langue* e no *parole*. Acredito que, indo por este caminho, estaremos seguindo os pensamentos do grande mestre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
- CAETANO, Marcelo Moraes. Saussure: formalismo e funcionalismo solidários. In: II Congresso Internacional de Linguística e Filologia. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 28/08-02/09/2016. *CADERNOS DO CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XX, n. 13 – Herança de Ferdinand de Saussure, p. 170-175, 2016.
- CHANNELL, Joanna. *Vague Language*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *Approaching UG from below*. Mass: MIT, 2006.
- _____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- _____. *Knowledge of Language: Its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: CUP, 2000.
- _____. *Syntactic Structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s, 2006-* Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.
- ELLIS, John M. *Language, Thought, an Logic*. Illinois: Northwestern University Press, 1993.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Categories of the Theory of Grammar. *Word*, vol. 17, n. 3, p. 241-292, 1961.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HYMES, Dell Hathaway. On Communicative Competence. In: PRIDE, John Bernard; HOLMES, Janet. (Eds.). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972, p. 269-293.

LAKOFF, George. *Categories and Cognitive Models*. Monograph reproduced by Linguistic Agency, University Trier, 1982.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Concept, Image, and Symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

ROSCH, Eleanor. Cognitive Reference Points. *Cognitive Psychology*, n. 7, p. 532-547, 1975.

_____. Structural bases of typicality effects. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, n. 2, p. 491-502, 1976.

ROSCH, Eleanor. Human Categorization. In: WARREN, Neil. (ed.) *Studies in Cross-cultural Psychology*. London: Academic Press, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Org.: Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert; Riedlinger. Paris: Payot, 1916.

SILVERSTEIN, Michael. Hierarchy of Features and Ergativity. In: DIXON, Robert M. W. (Ed.), *Grammatical Categories in Australian Languages*. Canberra: Australian National University, 1976, p. 112-171.

TAYLOR, John R. *Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

LACAN, LEITOR DE SAUSSURE
– O QUE SE TRANSMITE 100 ANOS DEPOIS¹³

Patrícia Alves Ribeiro (UNICAMP)

Bruno Molina Turra (UNICAMP)

bruno.m.turra@gmail.com

RESUMO

Ler Ferdinand de Saussure com Freud. Há cem anos da publicação do *Curso de Linguística Geral* e há cerca de sessenta da primeira publicação lacaniana que aborda as reflexões do mestre genebrino, o que se transmite, ainda? No presente trabalho, buscaremos traçar algumas considerações sobre a leitura que Jacques Lacan realiza da teoria do valor em Ferdinand de Saussure. Se, como afirma o psicanalista francês, Freud antecipa o que Ferdinand de Saussure chamou de relações associativas e sintagmáticas – pensando-as em sua relação com o inconsciente –, acreditamos poder afirmar que Jacques Lacan antecipa Ferdinand de Saussure no que diz respeito à função do sujeito falante no campo da linguagem. Uma antecipação, obviamente, que não é cronológica, mas que se fundamenta na posição da qual se lê o que se transmite. O que lemos em Jacques Lacan da transmissão de Ferdinand de Saussure se aproxima menos do *Curso de Linguística Geral* do que aquilo que pode ser lido nos manuscritos esquecidos na estufa do hotel pertencente à família do linguista e encontrados há apenas 20 anos. Um exercício de leitura que, por não responder a partir da posição do discurso universitário (como Jacques Lacan o formula em 1969-70), lê na barra do algoritmo saussuriano o ponto de sustentação dos lapsos, dos chistes, dos esquecimentos – o lugar para se pensar o sujeito falante. A partir do que sustentamos como uma antecipação lógica (e não cronológica) da leitura lacaniana pode-se afirmar que a não publicação dos anagramas ou de um livro de linguística escrito de próprio punho não impediu o efeito de transmissão de sua palavra. Efeito que se produz não por “comunicação universitária”, mas como o que ressoa quando se fala às paredes. Sendo, tanto Ferdinand de Saussure quanto Freud, instauradores de discursividades, o efeito de sua palavra é o deslocamento de todo um discurso.

Palavras-chave: Saussure. Lacan. Signo linguístico. Valor. CLG.

Neste centenário de publicação do *Curso de Linguística Geral*, em que discutimos a atualidade do pensamento do linguista genebrino para a linguística atual, trataremos de uma leitura em particular, das muitas realizadas ao longo destes cem anos. Escolhemos falar da leitura do psicanalista Jacques Lacan e, desta leitura, o que se pode ler hoje. Se nosso lugar de leitura é o da psicanálise, ou melhor, o do discurso do

¹³ Trabalho apresentado no simpósio “Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*: (re)leituras (im)possíveis cem anos depois” do II Congresso Internacional de Linguística e filologia, na Universidade Veiga de Almeida, em 30 de agosto de 2016.

analista, é a história das ideias linguísticas que nos convoca a essa reflexão.

Iniciamos nossa discussão com algumas importantes reflexões produzidas no interior da história das ideias linguísticas no que diz respeito às recepções e heranças (PUECH, 2013) do *Curso de Linguística Geral*. Christian Puech, em diversos trabalhos (2000, 2010, 2013) estabelece fundamentalmente quatro momentos de recepção do livro editado por Bally e Sechehaye em 1916.

Destes, é o terceiro que nos interessa aqui. Para Christian Puech, tal momento inicia-se no pós-segunda guerra, em Nova Iorque, asilo de diversos intelectuais europeus, dentre eles Jakobson, Lévi-Strauss, Ernst Cassirer. É a partir das discussões desse grupo de intelectuais que, em 1945, Ernst Cassirer amplia a noção do termo estruturalismo, em artigo publicado na revista *Word*, onde também publicaram os dois primeiros, fazendo com que o *Curso de Linguística Geral* ganhasse novos leitores. Ainda segundo Christian Puech, é o filósofo Merleau-Ponty quem faz a ponte entre o círculo de Nova Iorque e o velho mundo. Em sua aula inaugural no Collège de France, em 1953, o filósofo, ao questionar o papel da língua e do sentido para a filosofia e para a história, atribui a Ferdinand de Saussure o esboço de uma nova filosofia da história.

É nesse momento de leitura de Ferdinand de Ferdinand de Saussure que se encontra Jacques Lacan. Período que se inicia, como dissemos, com a leitura do *Curso de Linguística Geral* em Nova Iorque e sua retomada, na França, via Merleau-Ponty e se estende até as releituras do *Curso de Linguística Geral* feitas a partir das publicações de Robert Godel (1969), Rudolf Engler (1968-74) e De Mauro (1967), que se caracterizam por uma busca pelo “verdadeiro” Ferdinand de Saussure.

Nesse período de estruturalismo generalizado,

o modo de referência a Saussure apenas se acentuará e radicalizar-se-á: o *Curso de Linguística Geral* não desempenha então seu papel de referência absoluta (uma referência que não é, ela própria, referida), senão através de uma série indefinida de mediações, de leituras de leituras, de prismas disciplinares cujos interesses são infinitamente diversos. (PUECH, 2008, p. 1100 – tradução nossa)

Essa leitura da vulgata saussuriana que caracterizou o estruturalismo, do qual Ferdinand de Saussure é tido como pai, tinha como um de seus axiomas a exclusão do sujeito falante do escopo da linguística, não lendo, no próprio Ferdinand de Saussure, o papel do sujeito falante. Tal

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

maneira de ler o *Cours*, com o sujeito fora do interesse do linguista, lança luz, nos anos seguintes, a teorias que colocam, *en revanche*, o sujeito no centro, como o gerativismo e a sociolinguística (lembremo-nos de Calvet e seu *Pour et contre Saussure*, de 1975), ou mesmo a Análise do discurso. Nesse sentido, a (re)formulação do que se entendia por sujeito falante era pensada por diversos intelectuais nos anos de 1950/60, no que se chamou estruturalismo, tendo a vulgata saussuriana – o sujeito fora da língua – como ponto de partida.

Nesse cenário se instaura a leitura do psicanalista Jacques Lacan, uma leitura cuja especificidade, a nosso ver, foi a de ler no próprio Ferdinand de Saussure o lugar do sujeito. O que buscaremos expor no presente artigo é que tal leitura só pode ser realizada a partir de uma montagem discursiva que Jacques Lacan nomeou de discurso do analista.

Dessa forma, o que nos interessa tratar não é a maneira como a teoria saussuriana afetou a psicanálise lacaniana mas, fundamentalmente, como Jacques Lacan leu Ferdinand de Saussure. Antes, porém, de nos debruçarmos em tal montagem, cabe enfatizarmos dois pontos fundamentais: i. não buscamos propor que a leitura de Jacques Lacan tenha sido além ou aquém de seu tempo, não se trata de uma leitura descolada da produção intelectual da época, trata-se, sim, de uma leitura deslocada; ii. uma leitura a partir do discurso do analista não é uma leitura exclusiva do analista, como explicitaremos a diante.

A primeira referência ao linguista aparece na aula de 23 de junho de 1954, em seu primeiro seminário. Jacques Lacan não a faz senão para atestar a pertinência do texto de Santo Agostinho. De um bom leitor de Quintiliano e Santo Agostinho, Jacques Lacan passa, em 1957, a ter em Ferdinand de Saussure a chave da releitura de Freud:

Porventura não são esses mesmos os três registros [o sonho, o chiste e o ato falho] que foram objeto das três obras primordiais em que Freud descobriu as leis do inconsciente, e onde, se vocês as lerem ou relerem com esta chave, terão a surpresa de constatar que Freud, ao enunciar essas leis em sua minúcia, só fez formular de antemão as que Ferdinand de Saussure só iria trazer à luz alguns anos depois, abrindo a trilha da linguística moderna? (LACAN, 1998, p. 448)

É nesse mesmo ano que Jacques Lacan escreve “A instância da letra ou a razão desde Freud”, texto em que Jacques Lacan faz um balanço da psicanálise pós-freudiana e da urgência pela releitura de Freud em que se levasse em conta o trabalho com a linguagem, tendo então Ferdinand de Saussure como chave de leitura. Rerler Freud com Ferdinand de Saus-

sure faz saltar aos olhos o trabalho com a linguagem do psicanalista, o trabalho com as relações associativas e sintagmáticas – um exemplo primoroso disso é o caso Signorelli.

É a partir desse momento, então, que observamos na obra de Jacques Lacan uma leitura bastante particular dos textos saussurianos, uma leitura cruzada com Freud, uma leitura pelo avesso. Em suas palavras:

Uma retomada pelo avesso [...] O que isso quer dizer? Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras. É que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. (LACAN, 1969-1970, p. 10-11)

Lembrando-nos que tais relações não se mantêm fora da linguagem, Jacques Lacan formaliza, com o matema do discurso do analista, a posição de todo seu ensino até então – retornar a Freud retomando o fundamento: a incidência da linguagem no sujeito falante, tomando a linguagem como causa.

Jacques Lacan retoma Freud a partir do ponto de virada de sua doutrina, a partir do “Mais além do princípio do prazer”, onde o avesso se apresenta: o gozo – avesso ao sentido, às palavras, ao prazer, a vida. Jacques Lacan legitima o salto que Freud dá do princípio do prazer à pulsão de morte, da repetição do mesmo na cadeia simbólica à repetição de algo estrutural que insiste no sujeito na tentativa de recuperar um objeto desde sempre perdido, de repetir uma experiência mítica de satisfação na busca de um objeto que, alucinado, nunca houve, entretanto, deixou seu rastro. Objeto perdido que Jacques Lacan nomeia como “pequeno a”, na esteira da coisa freudiana, das Ding.

Ding, elemento isolado pelo sujeito na sua experiência com o Outro como “estranho”, algo que num primeiro encontro mítico com o Outro, tesouro do significante, resta como impossível de associar, permanecendo coeso, como coisa, espécie de bloco impenetrável, impossível de simbolizar, pura alteridade. De sua leitura estrutural da mítica freudiana, Jacques Lacan depreende esse elemento como resto que escapa ao simbólico, “o fora-do-significado”, que relança o sujeito em seu ponto de falta constitutiva, causa de todo movimento desejante. Trata-se de um ponto de perda que a linguagem impõe ao falante recuperar e

isso pouco tem a ver com sua fala, com sua palavra. Isso tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano, que sem dúvida é assim chamado por-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

que nada mais é do que o *humus* da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavar com esse aparelho. (LACAN, 1969-1970, p. 53)

É a partir deste ponto inomeável, inapreensível, inconsistente, inquietante, insuportável, que convém tomar a psicanálise. É este "pequeno a" que move seu discurso, é seu agente, seu fundamento, sua causa. Tê-lo como o que põe em marcha um discurso tem suas consequências éticas: a chamada revolução coperniciana-freudiana, golpe narcísico na humanidade – o eu não é mais senhor na sua própria casa, a consciência não é mais o princípio regulador exclusivo do pensamento. A realidade, a única a que temos acesso, não passa de uma construção calcada numa alucinação. Está tudo pelo avesso. Toda uma noção de representação cai por terra. A palavra não representa, ela mata a coisa. O pensamento, (e)feito de linguagem, obedece a uma lei Outra que suporta a contradição e é avesso ao princípio do terceiro excluído, isso muda a ordem do saber e o estatuto da verdade. O inconsciente, a descoberta freudiana, é saber que não se sabe, insabido que produz saber, saber do qual se goza.

Jacques Lacan escreve essa ética que comanda a psicanálise com um matema, o do discurso do analista. Sem querer dar "aparência de significar", mas apenas revelar relações estruturais fundamentais, ele escreve quatro fórmulas compostas de quatro lugares, ocupados por quatro termos, letras, que em sua combinação estabelecem quatro discursos: o do mestre, da histérica, da universidade e do analista. Quatro formas de lidar com a causa, com o Outro, com a verdade e com a produção, formas bastante diversas de produção de conhecimento, de construção de saber.

A questão que nos concerne aqui, como já dito, é: em que posição discursiva Jacques Lacan se coloca como leitor de Ferdinand de Saussure? Jacques Lacan lê Ferdinand de Saussure conforme a ética do discurso do analista, não do discurso universitário. O que isso quer dizer?

Em primeiro lugar, devemos considerar que ler a partir de tal ou tal discurso exige do leitor uma relação diferente com o saber e a verdade numa posição e noutra. Na "posição universitária" é o saber que comanda a leitura e trata-se de um saber totalizante, saber-todo, adquirido por acumulação de conhecimento. O leitor obedece ao imperativo do Mestre de tudo-saber e visa alcançar a "Verdade suprema", o "sentido do sentido", sem que nada lhe escape, devendo ser capaz de esgotar os enigmas. Jacques Lacan aponta que isso implica uma distorção que é própria ao discurso universitário pela não aceitação "de algo que tem suas próprias leis" (LACAN, 1969-1970, p. 42), distorção, portanto, da relação com a linguagem, que certamente tem suas próprias leis às quais nos submetemos.

mos, às quais somos sujeitados, “Quando digo emprego da linguagem, não quero dizer que a empreguemos. Nós é que somos seus empregados”. (LACAN, 1969-1970, p. 69)

A psicanálise, por sua vez, promove um questionamento radical de todo-saber e da função da verdade, combatendo a ideia de que o saber possa constituir uma totalidade fechada e de que se possa dizer “o verdadeiro sobre o verdadeiro”, ter “a última palavra”, aquela que encerraria em si o significado, uma vez que o “elemento estranho”, o “fora-do-significado”, impede qualquer totalidade, fechamento. Ao contrário, o semidizer é para o psicanalista a lei interna de enunciação da verdade que tem estrutura de ficção, de enigma, e só se pode dizer com meias-palavras. A verdade, não podendo ser dita fora da linguagem e, portanto, submetida à lógica do significante, é um efeito de sentido que emerge justamente de uma queda de saber. Assim, para a psicanálise, na leitura universitária, comandada pelo imperativo superegoico do tudo-saber, a verdade fica silenciada, pois justamente não há queda de saber, cortes, só acumulação, não há deslocamento. O leitor não se deixa atravessar pelo que lê, não se deixa comandar pela leitura, pois é o eu que lê.

Em seu ensino, Jacques Lacan aborda o objeto a por diversos prismas: objeto causa de desejo; efeito de rechaço do discurso; resto da operação de divisão do Outro; o fora do significado; o que escapa ao simbólico; ponto inapreensível que barra o fechamento da estrutura; abertura que faz girar o discurso. Se ler no discurso do analista implica em tê-lo como o agente, o que faz agir a leitura, isso significa pegar a coisa a partir daí. O agente da leitura, o que move, seria justamente o que escapa ao sentido, e o efeito dessa leitura é queda de saber, atirando o leitor na produção de um saber de outra ordem – saber que não se sabe, insabido que produz efeito e do qual se goza.

A verdade não é um dos termos dos discursos, ela não tem consistência, é apenas um lugar ocupado por este saber não-todo, enigma, ficção que ganha corpo, pois foi efetivamente produzido por um sujeito dividido pelo Outro, um sujeito que deu algo de si para produzir seu S_1 , seu significante-mestre, que no discurso do analista corresponde ao traço unário, tomado como sua marca, seu estilo, e é isso que torna esse saber “verdadeiro”, original, inédito.

Em seus manuscritos vemos Ferdinand de Saussure numa posição bastante diferente da que encontramos no *Curso*. No *Curso de Linguística Geral*, vemos uma leitura triangulada, são as anotações dos alunos dos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

curios de Genebra editadas por Bally e Sechehaye, que, vale lembrar, não assistiram aos cursos. Há uma tentativa de síntese explicitada pelos editores no prefácio da obra e que se distancia das hesitações e retornos que lemos nos manuscritos.

É esta posição que interessa a Jacques Lacan, é aí, mais precisamente na pesquisa dos anagramas, onde algo escapa à Ferdinand de Saussure, que Jacques Lacan reconhecerá uma verdade, onde ele lê o fundamental, a essência dupla da linguagem. Assim, Jacques Lacan, por efeito de lê-lo no discurso do analista, retroativamente, antecipa Ferdinand de Saussure. Em a “Instância da letra ou a razão desde Freud”, o psicanalista afirma que sem dúvida aconteceu a Ferdinand de Saussure ter escutado a poesia e nela ter ouvido a polifonia, o que o teria levado a transpor a barreira de seu algoritmo em vários sentidos ali comentados por Jacques Lacan.

Ferdinand de Saussure, nos estudos sobre os anagramas, diz ter interrogado o monstro, operando apenas às cegas contra ele, “se amedronta com a coisa”, admite o perigo de sua descoberta: a homofonia pode “ameaçar toda hipótese mais disciplinada”, queda de saber universitário. Nos termos de Jacques Lacan, ao escutar a polifonia, a linearidade que Ferdinand de Saussure postulara como necessária à cadeia significante desmorona. É exatamente o que emerge como efeito desse ponto de tropeço que Jacques Lacan tomará como ponto essencial na construção do saber psicanalítico.

É então a partir desse trabalho de leitura cruzada dos estudos anagramáticos apresentados por Jean Starobinski com o texto estabelecido por Charles Bally e Albert Sechehaye que Jacques Lacan antecipa o Ferdinand de Saussure esquecido na estufa do hotel e descoberto apenas em 1996.

Impressiona como da posição discursiva que encontramos na “Sobre a essência dupla da linguagem” podemos ler em Ferdinand de Saussure formulações muito próximas ao pensamento de Jacques Lacan. É nesse movimento de leitura que esboçaremos, ainda que brevemente, como, partindo da noção de linguagem e língua do próprio Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan lê o signo linguístico.

Se, por um lado, o signo linguístico torna possível a constituição da ciência linguística atendendo ao modelo euclidiano, por outro lado, o signo é um ponto crítico da teorização, pois ele “permite dimensionar o que, em Ferdinand de Saussure, está ligado a uma concepção particular

da ciência e o que disso escapa” (MILNER, 2012, p. 56). Certamente é lá, onde isso escapa, que Jacques Lacan se colocará como leitor de Ferdinand de Saussure.

Nos *Escritos de Linguística Geral*, onde o texto descoberto em 1996 foi publicado, o que se evidencia é justamente a dificuldade de Ferdinand de Saussure em situar a linguística no rol das ciências clássicas. Há um “inconveniente fundamental que jamais se suprimirá da língua. Esse inconveniente, nós o apontamos como todos os outros pesquisadores: não há um único objeto material ao qual se aplique exatamente e exclusivamente uma palavra” (SAUSSURE, 2012, p. 38). Portanto, “não há nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua”. (SAUSSURE, 2012, p. 40)

Vemos aqui dois cortes importantes, especialmente para a psicanálise: a queda do referente e o deslocamento da noção de linguagem como representação.

Ferdinand de Saussure postula então uma “essência dupla da linguagem”: negativa e diferencial.

Jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente diferencial, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos precipitadamente uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência [...] para formular de outra maneira, a menos talvez que empurrem os fatos até os limites da metafísica, ou da questão do conhecimento, de que pretendemos fazer plena abstração), ora parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade em si. (SAUSSURE, 2012, p. 61)

Para Ferdinand de Saussure, portanto, o sentido só se dá no encadeamento dos signos, sendo produzido na cadeia, como efeito desta. Não há sentido prévio, só há efeitos de sentido.

É partindo, então, da dupla essência apresentada por Ferdinand de Saussure e de sua resultante, a teoria do valor, que Jacques Lacan introduz aos psicanalistas o signo saussuriano: significante barra significado. O que é tido pelos psicanalistas como a genial inversão de Jacques Lacan – uma deturpação para os linguistas – para o próprio Jacques Lacan não passa da leitura ao pé da letra: “O signo assim redigido [significante barra significado] merece ser atribuído a Ferdinand Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos” (LACAN, 1998a, p. 500). Jacques Lacan lê em Ferdinand de Saussure a inversão do signo do Cours, mesmo sem que o próprio linguista, como dis-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

se Jacques Lacan, o tivesse proposto. Entretanto, o que escapou aos olhos do psicanalista é que há um momento no terceiro curso de Genebra, mais precisamente a aula de 30 de maio de 1911 (SAUSSURE, 1993, p. 99), ao mostrar o deslizamento de sentido do verbo latino *necare*, em que a inversão aparece e põe em cena justamente isso que Jacques Lacan ressoa: o significado desliza sob o significante.

A formalização saussuriana significante barra significado, diz Jacques Lacan, caracteriza uma diferença em relação às escolas de linguística anteriores: a barra do algoritmo promove um corte inaugural, e podemos dizer epistemológico, introduzido por Ferdinand de Saussure, uma vez que essa barreira de resistência à significação, nos intima a nos livrarmos da “ilusão” de que o significante representa o significado, ilusão esta que “conduz o positivismo lógico à busca do sentido do sentido”. (LACAN, 1998a, p. 501)

A barra só se sustenta, portanto, caso seja mantido o paralelismo apresentado em 30 de maio, mas que não constou do *Curso de Linguística Geral*. Sem tal paralelismo, aponta Jacques Lacan, tem-se a ideia de que o significante representa o significado. Assim, o psicanalista propõe, na *Instância da letra*, uma outra notação que ele diz “exagerar a dimensão incongruente” do signo. Colocando termos paralelos na parte superior – dois significantes – e inferior – dois significados –, ele reintroduz as noções essenciais de diferença, negatividade e valor no signo linguístico. Deste modo, “produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas” (LACAN, 1998a, p. 503). A ilustração de Jacques Lacan serve para “mostrar como de fato o significante entra no significado” (idem, ibidem) e torna mais evidente que são as relações do significante com outro significante que impõe a busca de significação, produzindo efeitos de sentido, produzindo o “efeito Ferdinand de Saussure” – ruptura do significado pelo significante. (LACAN, 2003, p. 414)

Dando à barra do algoritmo sua devida importância, Jacques Lacan mostra como o signo não deve comportar em si nenhuma significação, ele mesmo sendo função do significante, ou seja, exigindo uma cadeia. É aqui que cremos poder dizer que Jacques Lacan antecipa Ferdinand de Saussure. Ao ler o mestre genebrino a partir daquilo que lhe escapava, Jacques Lacan ressoa o que de fundamental – a nosso ver – ensinou Ferdinand de Saussure: a dupla essência não diz respeito à relação entre dois signos. Essa relação é necessariamente quádrupla, ou seja, não há uma anterioridade na relação significante–significado para então

haver a relação entre signos, como podemos observar no signo da difereciação urinária de Jacques Lacan.

Precisamos esperar até 1996, quando da descoberta dos novos manuscritos de Ferdinand de Saussure, para ler no próprio linguista o que apontou Jacques Lacan. Diz Ferdinand de Saussure em “Sobre a essência dupla da linguagem”:

A primeira expressão da realidade seria (...) só percebe a relação entre duas relações (...). É isso que chamamos de QUATERNION FINAL (p. 39-40, maiúsculas do autor). – e mais adiante um pouco: – Como entender o extremo mal-entendido que domina as reflexões sobre a linguagem? Supõe-se que existem termos duplos que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma ideia [...] Dizemos, antes de tudo, [...], que esse ser é quádruplo. (SAUSSURE, 1996, p. 41-42)

Sente-se o efeito da leitura de Jacques Lacan, o que talvez o autorize a afirmar que “em Ferdinand de Saussure mesmo S[ignificante] está acima de s[ignificado], sobre a barra” (LACAN, 1992, p. 40). Ele acrescenta ainda que se isso acontece é porque os efeitos do inconsciente têm suporte nessa barra. É na barra que se sustentam os lapsos, os chistes, os esquecimentos, por exemplo. Portanto, poderíamos pensar, com Jacques Lacan, que a barra inscreve, no signo saussuriano, o falante? Jacques Lacan certamente faz uma leitura de Ferdinand de Saussure atravessada por Freud e vice-versa. “Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado, da linguagem, pela linguística. Se não houvesse essa barra acima da qual há significante passando, vocês não poderiam ver que há injeção de significante no significado”. (LACAN, 1992, p. 40)

Que Freud antecipa Ferdinand de Saussure, só pode ser dito numa temporalidade que faz retroagir uma leitura sobre outra, no só-depois, ou seja, implica um movimento de ressignificação. Portanto, que Freud antecipa Ferdinand de Saussure e que o inconsciente é condição da linguística são dizeres que devem ser tomados como efeito de leitura, da leitura cruzada de Jacques Lacan.

Para o psicanalista, o erro de Ferdinand de Saussure teria sido não ter publicado sua pesquisa sobre os anagramas e isto porque eles vão contra toda descrição universitária da linguagem. Ferdinand de Saussure vê cair por terra toda e qualquer certeza, impondo-lhe uma suspensão do saber. Suspensão que exigiria um ato, mas como Jean Starobinski bem diz, todas as hipóteses são possíveis e “ele não aceita nem recusa”. (STAROBINSKI, 1974, p. 109)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Entretanto, a Universidade não deu a última palavra e pode-se ver a influência de Freud em Ferdinand de Saussure que teria percebido “melhor do que o próprio Freud, aquilo que ele antecipou, em especial a metáfora e a metonímia lacanianas” (LACAN, 2003, p. 404). São as convulsões da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: E. Droz, 1969.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 438-460.

_____. A instância da letra ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 496-533.

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. Radiofonia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 400-447.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012

PUECH, Christian. L'esprit de Saussure : réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien: Paris contre Genève). *Les dossiers de HEL* [supplément électronique à la revue *Histoire Épistémologie Langage*], Paris, SHESL, 2013, no. 3, disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>>.

_____. Qu'est-ce que faire l'histoire du « récent » ? Durand J. Habert B., Laks B. (éds.). *Congrès Mondial de Linguistique Française - CMLF'08*, Paris, 2008, p. 1093-1102. Disponível em: <<http://www.linguistiquefrancaise.org>>.

_____. et al. *Histoires des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911)* d'après les cahiers d'Émile Constantin. Org. e trad. por Eisuke Komatsu e Roy Harris. Language & Communication Library, 1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Curso de linguística geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1986.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. T.1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

_____. Sobre a essência dupla da linguagem. In: BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. (Eds.). *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 19-80.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras*, os anagramas de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Perspectiva, 1974.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
DIACRONIA NO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL*
DE FERDINAND DE SAUSSURE

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

Aqui se pretende apresentar uma síntese dos capítulos em que Ferdinand de Saussure trata da diacronia, no *Curso de Linguística Geral*, demonstrando que o autor se dedicou mais à diacronia do que se tem divulgado. Isto será apontado em diversos capítulos, a partir do capítulo III da primeira parte do livro, demonstrando o contrário do que geralmente se ensina, neste particular. São dois os nossos objetivos: ampliar o destaque que se vem dando aos estudos históricos e diacrônicos e relembrar a contribuição que Saussure prestou a essa causa até 1913, contestando a ideia de que ele não prestigia os estudos diacrônicos. Será utilizado o próprio texto do *Curso de Linguística Geral*, já tradicional nas universidades brasileiras, na esperança de contribuir para o progresso dos estudos diacrônicos, principalmente da língua portuguesa, a que serão feitas algumas aplicações, com exemplos adequados e ilustrativos. Na referida obra ainda em preparo, serão tomadas como aporte teórico trabalhos recentes, como: Paul Bouissac (2012), Castelar de Carvalho (2003), José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (2013), Sebastião Elias Milani (2011) e outros. Apresenta-se, neste momento, a síntese de uma pesquisa bibliográfica bastante simples, mas não percebida por alguns autores que utilizaram o pressuposto de que Saussure não teria valorizado a diacronia em sua produção acadêmica, o que se prova em contrário em seu livro mais tradicional. Com isto, espera-se convencer os contradicentes de que, tendo falecido há mais de um século, Saussure se tornou mais conhecido, quando vivo, por sua dedicação aos estudos do indo-europeu e como professor de sânscrito e de linguística histórica.

Palavras-chave: Diacronia. Sincronia. Saussure. Linguística.

1. *Considerações iniciais*

Nossa pretensão, nesta exposição, é demonstrar que a diacronia foi tão importante na vida acadêmica e profissional de Saussure quanto a sincronia, ou, como veremos, provavelmente, até mais importante.

O nome de Saussure está associado na mente de muitos a uma concepção estática de língua. Sua noção de signo é compreendida como uma relação estável, tanto do signo com ele mesmo quanto com os outros signos que formam um sistema restrito. Saussure foi postumamente criticado por ter ignorado a dinâmica do tempo. Nada poderia estar mais distante da verdade. (BOUISSAC, 2012, p. 175)

Entre os que acredita que Saussure deixa a diacronia em segundo plano está Castelar de Carvalho (2003, p. 81), que, partindo do *Curso de*

Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, acredita que ele "rompeu radicalmente com a tradição dos neogramáticos" priorizando a pesquisa descritiva (sincrônica), insurgindo "frontal e veementemente" contra os estudos diacrônicos, abonando-se com o parágrafo de abertura do capítulo sobre a linguística estática e a linguística evolutiva, que é o seguinte: "Poucos linguistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência diante de duas rotas absolutamente divergentes". (SAUSSURE, 2012a, p. 120, *apud* CARVALHO, 2003, p. 81)

Vamos nos valer principalmente de elementos comprobatórios disponíveis no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012a) não deixando de registrar outros pontos destacados de seus *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012b).

2. Linguística sincrônica ou estática versus linguística diacrônica ou evolutiva

O termo "linguística histórica" suscita ideias como a de que, "ao descrever estados sucessivos da língua, se estivesse estudando a língua conforme o eixo do tempo" (SAUSSURE, 2012a, p. 122), para o que seria necessário levar em conta separadamente os fenômenos que fazem a língua passar de um estado a outro, ou seja, as causas dessas modificações. O termo *linguística evolutiva* era empregado frequentemente, no início do século XX, assim como *linguística estática*, significando linguística diacrônica e linguística sincrônica, respectivamente.

Mas, neste artigo, pretende-se dar a entender que sincrônico é tudo que se relaciona com o aspecto estático da linguística, e diacrônico é o que diz respeito às evoluções, e que *sincronia* e *diacronia* designam um estado de língua e um estágio de sua evolução, evitando-se outras interpretações.

O falante comum, como lembra Saussure, não percebe a sucessão dos fatos da língua, visto que "ele se acha diante de um estado" (SAUSSURE, 2012a, p. 123). Por isto, o linguista deve ignorar a diacronia quando quiser compreender o estado da língua em determinada momento, suprimindo o passado.

Assim como seria absurdo, por exemplo, fotografar o Rio da Madeira focalizando-o simultaneamente de vários pontos da foz à nascente (ou descrever uma pessoa a partir de retratos feitos quando ela estava

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

com cinco, dezoito, quarenta e setenta anos, simultaneamente), a intervenção da história na descrição de um estágio da língua falsearia a análise linguística. Ou seja: um panorama deve ser focalizado de um só ponto. Do mesmo modo se deve agir para a descrição da língua: não se pode descrevê-la nem fixar normas para o seu uso sem se colocar em um estado determinado. Assim é o caso a linguística sincrônica ou estática, em oposição à linguística diacrônica ou evolutiva.

A linguística moderna nasceu como linguística diacrônica, com a gramática comparada do indo-europeu. O mesmo método foi utilizado também no estudo das línguas românicas, das línguas germânicas etc., casos em que os estados pontuais de cada uma dessas línguas intervêm muito imperfeitamente e apenas por meio de fragmentos, como o fez Franz Bopp.

Após ter concedido um lugar bastante grande à história, a linguística voltará ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A gramática antiga via somente o fato sincrônico; a linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta. (SAUSSURE, 2012a, p. 124)

Pode se concluir da transcrição acima o quanto Saussure valoriza a diacronia, considerando-a indispensável para a melhor compreensão de cada um dos estados de uma língua, apesar de deixar claro que isto não se fará com o abandono da sincronia, mas com a comparação das duas ordens de fenômenos (os sincrônicos e os diacrônicos).

De acordo com o que pensa Sebastião Elias Milani (2011), considerando que " Na língua, lei nenhuma pode ser dada como garantia de regularidade de algum fator reinante numa determinada parte" (MILANI, 2011, p. 99), "Saussure expõe com reservas as leis da diacronia: ao contrário da aparência, têm em geral características de acidentes e são bastante particulares em seus acontecimentos". (*Idem, ibidem*, p. 100)

Para o falante, o aspecto sincrônico é mais importante que o diacrônico, porque só ele constitui a verdadeira realidade linguística perceptível. Quando o linguista se coloca na perspectiva diacrônica, percebe uma série de acontecimentos que modificam a língua, mas não a língua viva em uso. Conhecer as condições que formaram determinado estado da língua é, portanto, muito importante, porque são essas condições que esclarecem sobre a sua verdadeira natureza, livrando-nos de ilusões. É a

diacronia que explica e justifica os fatos da língua, mas, apesar disso, não tem utilidade na descrição do seu estado atual.

3. A diferença entre diacronia e sincronia, ilustrada por comparações

Para mostrar simultaneamente a autonomia e interdependência do sincrônico e do diacrônico, pode-se comparar a primeira com a projeção da imagem de um corpo sobre um plano. Com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte. Sem isso, não haveria toda uma ciência das projeções; bastaria considerar os corpos em si mesmos. Em linguística, existe a mesma relação entre a realidade histórica e um estado de língua, que é como a sua projeção em um dado momento. Não é estudando os corpos, isto é, os acontecimentos diacrônicos, que se conhecerão os estados sincrônicos, do mesmo modo que não se terá noção das projeções geométricas por haver estudado, ainda que de muito perto, as diversas espécies de corpos. (SAUSSURE, 2012a, p. 129)

Finalmente, para passar de uma sincronia a outra, o deslocamento de uma peça [um traço de um fonema, por exemplo] é suficiente; não ocorre mudança geral. Aí está o paralelo do fato diacrônico, com todas as suas particularidades. (SAUSSURE, 2012a, p. 130)

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente à língua e consagra a distinção radical do diacrônico e do sincrônico. A fala só opera sobre um estado de língua, e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm, nestes, nenhum lugar. (SAUSSURE, 2012a, p. 131)

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a *intenção* de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada. (SAUSSURE, 2012a, p. 131)

Segundo Evani Vioti (2013),

Ele define língua como "um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade" (SAUSSURE, 2012a, p. 45), mas insiste que é separada da fala que a língua se torna um objeto de investigação científica. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 46, *apud* VIOTI, 2013, p. 140)

4. A sincronia e a diacronia opostas em seus métodos e em seus princípios

Os métodos de cada ordem diferem também, e de dois modos:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a) A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher o seu testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que faça o mesmo em sentido contrário. (SAUSSURE, 2012a, p. 132)

b) Uma segunda diferença resulta dos limites do campo que abrange cada uma das duas disciplinas. O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua (SAUSSURE, 2012a, p. 132); [mas] a linguística diacrônica não somente não necessita de semelhante especialização, como também a repele; os termos que ela considera não pertencem forçosamente a uma mesma língua. (SAUSSURE, 2012a, p. 133)

O “fenômeno” sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento. (SAUSSURE, 2012a, p. 133)

A lei sincrônica se impõe a todos, sujeitando-os ao uso coletivo, mas não é uma obrigação imperativamente imposta porque nada garante a manutenção da regularidade em qualquer ponto.

É a “simples expressão de uma ordem vigente” (SAUSSURE, 2012a, p. 135) na comunidade, comprovando um estado de coisas. “Ela é da mesma natureza da que comprova que as árvores de um bosque estão dispostas em xadrez. E a ordem que ela define é precária, precisamente porque não é imperativa”. Enfim, “se se fala de lei em sincronia, é no sentido de ordem [organização], de princípio de regularidade”. (SAUSSURE, 2012a, p. 135)

Ao contrário da sincronia, a diacronia supõe um fator dinâmico, pelo qual se produz um efeito. Mas não basta esse caráter imperativo para se aplicar a noção de lei à evolução da língua; fala-se de lei porque um conjunto de fatos obedece à mesma regra. No entanto, apesar de não parecer, os fatos diacrônicos “têm sempre caráter acidental e particular”. (SAUSSURE, 2012a, p. 135)

“No tocante aos fatos semânticos, somos convencidos imediatamente” (SAUSSURE, 2012a, p. 135): se a palavra “baiano”, em São Paulo, por exemplo, significa o mesmo que “paraíba” no Rio de Janeiro, tratando-se do migrante nordestino, isso se deve a causas particulares que não dependem de outras mudanças ocorridas na língua; foi apenas um acidente registrado na história do português brasileiro.

5. Conseqüências da confusão entre sincronia e diacronia

A mudança sincrônica supõe sempre dois termos simultâneos, enquanto o fato diacrônico não precisa de mais que um termo, porque a forma nova toma o lugar da forma antiga, que desaparece.

Resumindo: os fatos sincrônicos apresentam certa regularidade, mas não têm nenhum caráter imperativo; os fatos diacrônicos, ao contrário, se impõem à língua, apesar de não ter um caráter geral.

Ou seja: “A verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra”. (SAUSSURE, 2012a, p. 138)

O verbo “pôr” e seus derivados, por exemplo, são da segunda conjugação porque é uma evolução de poer (< pōer < poner < ponere < pōnere), mas também, do ponto de vista sincrônico, pode ser explicado que é da segunda conjugação porque a sua vogal temática, identificável na segunda pessoa do singular, é a mesma vogal átona “e” dos demais verbos da segunda conjugação.

A verdade sincrônica não contradiz a diacrônica, porque a consciência linguística aproxima a gramática tradicional da gramática histórica. Pelo contrário elas concordam tanto que se costuma confundir uma com a outra.

Considerando o duplo princípio da diacronia e da sincronia, pode-se concluir que “*tudo quanto seja diacrônico na língua só o é pela fala*” (SAUSSURE, 2012a, p. 141), porque é no discurso ou na língua falada, pela qual cada uma das modificações é transmitida aos outros indivíduos de uma comunidade, que tem origem a evolução da língua. Enquanto as inovações permanecerem no nível individual, não terão qualquer efeito diacrônico.

Um fato de evolução linguística é sempre precedido de outros fatos similares na esfera da fala, porque sempre se encontram dois momentos distintos, na sua história: “1º – aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º – aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade”. (SAUSSURE, 2012a, p. 141)

6. Generalidades sobre a linguística diacrônica

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A fonética, e toda a fonética, constitui o primeiro objeto da linguística diacrônica; com efeito, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado; comparar fonemas ou grupos de fonemas com o que foram anteriormente equivale a estabelecer uma diacronia. A época antecedente pode ser mais ou menos próxima; mas quando uma e outra se confundem, a fonética deixa de intervir; só resta a descrição dos sons de um estado de língua, e compete à fonologia levá-la a cabo. (SAUSSURE, 2012a, p. 193-194)

Em fonética, nada é significativo ou gramatical, de tal modo que para se fazer a história dos sons de uma palavra pode ser totalmente ignorado o seu sentido, ficando evidente que “diacrônico equivale a não gramatical, assim como sincrônico a gramatical”. (SAUSSURE, 2012a, p. 194)

Há sons que se transformam com o tempo, assim como o significado das palavras e as categorias gramaticais¹⁴. Numerosos casos são mostrados na gramática histórica. Por isto, sem a fonética, é difícil estabelecer uma distinção absoluta entre diacronia e sincronia. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 194)

A linguística diacrônica estuda as relações que unem termos sucessivos não percebidos pela comunidade, termos que substituem uns aos outros sem formar um sistema, enquanto a linguística sincrônica trata das relações lógicas e psicológicas, unindo termos coexistentes e formando sistemas percebidos pela comunidade. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 142)

A linguística diacrônica estuda as relações entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo; não as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua. Estes são estudados pela linguística sincrônica. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 193)

Maria Fausta Pereira de Castro (2013) lembra um trecho dos manuscritos de Saussure (2012b), em que ele formula uma de suas hipóteses sobre a intervenção do tempo no estudo da linguagem, que vale apenas registrar aqui também:

O fato de que o Tempo intervém para alterar a língua, como intervém para modificar qualquer coisa, não parece, de início, um fato muito grave para as condições em que se coloca a ciência linguística. E eu devo acrescentar que vejo apenas uma ínfima proporção de linguistas, ou talvez nem isso, dispostos a acreditar que a questão do Tempo criou, para a linguística, condições particulares, dificuldades particulares, questões particulares e até mesmo uma

¹⁴ Não é este o lugar nem o momento adequado para se tratar da gramatização, mas seria interessante refletir sobre isto, a partir de variantes linguísticas que estão se gramaticalizando atualmente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

questão central, podendo acabar por cindir a linguística em duas ciências.
(SAUSSURE, 2012b, p. 285, *apud* CASTRO, 2013, p. 88)

Enfim, apesar da intervenção da fonética na evolução das línguas, não é ela que a explica em todos os seus detalhes: “uma vez eliminado o fator fonético, encontra-se um resíduo que parece justificar a ideia *de uma história da gramática* (SAUSSURE, 2012a, p. 196), que é a história dos fatos marcantes de uma comunidade que influenciaram em sua evolução, que se costuma chamar de história externa ou social da língua, em oposição à história interna, que é exatamente a gramática histórica.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

7. *As mudanças fonéticas e suas causas*

Nas mudanças fonéticas, o que se transforma é um fonema e, às vezes, apenas em determinadas posições, como é o caso exemplificado da nasalização das vogais tônicas que precedem a consoantes nasais no português brasileiro ou da fricativação das linguodentais /t/ e /d/ seguidas de /i/ em grande extensão do país. Nesses casos, registra-se um “sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos” (SAUSSURE, 2012a, p. 197), que atinge todas as palavras em que figure o fonema em questão, naquelas mesmas condições.

Apesar de sempre haver “uma causa determinante” para o desencadeamento de um sucesso histórico, nem sempre fica evidente a sua causa imediata, “cuja causa geral existia há muito tempo” (SAUSSURE, 2012a, p. 204), como é o caso do desenvolvimento da nasalização da vogal tônica que precede uma consoante nasal, no Brasil, em oposição ao que ocorre em Portugal e em outros países da lusofonia, graficamente marcada nas vogais /a/, /e/ e /o/, como em Afrânio X Afrânio, Eugénio X Eugénio, António X António etc.

Busca-se, por vezes, uma dessas causas determinantes no estado geral da nação em um dado momento. As línguas atravessam algumas épocas mais movimentadas que outras: pretende-se relacioná-las com os períodos agitados da história exterior e descobrir, assim, um vínculo entre a instabilidade política e a instabilidade linguística; isso feito, acredita-se poder aplicar às mudanças fonéticas as conclusões concernentes à língua em geral. (SAUSSURE, 2012a, p. 204)

8. *A analogia e a aglutinação na evolução linguística*

Sentimo-nos por vezes tentados a perguntar se a analogia tem verdadeiramente a importância que lhe concedem os desenvolvimentos precedentes, e se possui ação tão extensa quanto a das mudanças fonéticas. De fato, a história de cada língua permite descobrir um formigueiro de fatos análogos acumulados uns sobre os outros, e, tomados em bloco, esses contínuos reajustes desempenham um papel considerável na evolução da língua, mais considerável, inclusive, que o das mudanças de sons. (SAUSSURE, 2012a, p. 229-230)

Algumas vezes, há insegurança para se afirmar que uma forma atual da língua nasceu por aglutinação ou se surgiu como construção analógica, em palavras como também/tão bem, contudo/com tudo, senão/se não, porquanto/por quanto, portanto/por tanto etc. Somente com testemunhos na história, é possível resolver tal problema porque “Todas as vezes que ela permite afirmar que um elemento simples foi outrora dois ou vários elementos da frase, está-se diante de uma aglutinação [...]. Mas

quando falta a informação histórica, é bem difícil determinar o que seja aglutinação e o que resulta da analogia”. (SAUSSURE, 2012a, p. 238)

9. Unidades, identidades e realidades diacrônicas

Pode-se definir a diacronia como o deslocamento da relação entre o significante e o significado, aplicado à alteração do sistema. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Depois de “comprovado um determinado deslocamento das unidades sincrônicas”, é preciso identificar a “unidade diacrônica em si” (SAUSSURE, 2012a, p. 241), pesquisando-se sobre “cada acontecimento” para se identificar “qual o elemento submetido diretamente à ação transformadora”, sempre atento ao fato de que “a palavra, enquanto unidade, lhe é estranha”. (SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Em todo caso, não será completamente elucidada enquanto não tiver sido estudada em seus dois aspectos, o estático e o evolutivo. Somente a solução do problema da unidade diacrônica nos permitirá ultrapassar as aparências do fenômeno de evolução e atingir-lhe a essência. Aqui, como na sincronia, o conhecimento das unidades é indispensável para distinguir o que é ilusão do que é realidade. (SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Nem sempre é fácil definir *identidade diacrônica*, pois é preciso saber se uma unidade persistiu idêntica a si mesma, ou se, persistindo como unidade distinta, mudou de forma ou de sentido. Por exemplo, se a palavra *cadeira* ou a palavra *leite* significa a mesma coisa que o elemento tomado do latim *cathedra* < *cáthedra* ou do latim *laite* < *lacte*. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 241)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

10. *Objetividade da diacronia e subjetividade da sincronia*

A análise histórica ou diacrônica consiste em projetar sinteticamente as construções das palavras em diferentes épocas, de modo que, como a divisão da palavra em suas subunidades é feita para conhecê-las melhor, a síntese resultante pretende identificar sua forma mais antiga (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 244). Comparativamente,

A palavra é como uma casa cuja disposição interior e destinação tivessem sido alteradas em várias ocasiões. A análise objetiva soma e superpõe essas distribuições sucessivas; entretanto, para os que ocupam a casa, nunca existe mais que uma análise. (SAUSSURE, 2012a, p. 244)

A etimologia não é uma disciplina distinta nem uma parte da linguística evolutiva; é somente uma aplicação especial dos princípios relativos aos fatos sincrônicos e diacrônicos. Ela remonta ao passado das palavras até encontrar algo que as explique. (SAUSSURE, 2012a, p. 249)

Tratando-se da origem de uma palavra, quando se diz que ela “vem” de outra, várias coisas podem ser entendidas: simples alteração do som (*lupa* > *loba*); alteração do sentido somente (*oculus* > *óculos*); alteração do sentido e do som (*senior* > *senhor*) ou, enfim, uma derivação gramatical (*casa* > *casebre*). Neste último caso, trata-se de uma relação sincrônica de vários termos diferentes; deste modo, a analogia se torna a parte mais importante da pesquisa etimológica. “A etimologia não se contenta em explicar palavras isoladas; faz a história de famílias de palavras, assim como a faz dos elementos formativos, prefixos, sufixos etc.” (SAUSSURE, 2012a, p. 250)

11. *As duas perspectivas da diacronia*

A linguística sincrônica só admite a perspectiva dos falantes e, conseqüentemente, um único método, mas a linguística diacrônica supõe um ponto de vista prospectivo (seguindo o curso verdadeiro dos acontecimentos, desenvolvendo a história da língua), e um retrospectivo, indo em sentido oposto, ao passado, porque a linguística diacrônica prospectiva pode ser insuficiente ou inaplicável em casos como os estudos etimológicos. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 281)

Com efeito, para poder fixar a história de uma língua em todos os seus detalhes, acompanhando o curso do tempo, seria mister possuir uma infinidade de fotografias da língua, tomadas, momento após momento. Ora, tal condição nunca se verifica: os romanistas, por exemplo, que têm o privilégio de conhecer o latim, ponto de partida de sua pesquisa, e de possuir uma massa imponente de documentos pertencentes a uma longa série de séculos, verificam, a

cada instante, lacunas enormes em sua documentação. Cumpre então renunciar ao método prospectivo, ao documento direto, e proceder em sentido inverso, remontando o curso do tempo pela retrospecção. Nesse segundo modo de ver, colocamo-nos em uma época dada para pesquisar não o que resulta de uma forma, mas qual é a forma mais antiga que lhe pode dar origem. (SAUSSURE, 2012a, p. 281-282)

12. A língua mais antiga, as reconstruções

Raramente duas formas linguísticas fixadas pela escrita em datas sucessivas representam exatamente o mesmo idioma em dois momentos de sua história, mas, pelo contrário, dialetos que não são a continuação linguística um do outro. A mais ilustre exceção a esta regra são as línguas românicas relativamente ao latim. Recuando, por exemplo, do português ao latim, nós nos encontramos bem na vertical porque o território dessas duas línguas é o mesmo em que se falava o latim lusitano num passado remoto, sendo ele, naturalmente uma evolução do latim. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 287)

Graças ao método retrospectivo, apesar de se poder recuar no tempo e reconstituir línguas faladas muito antes de sua entrada na história, em grande parte é uma ilusão pensar que essas reconstruções poderiam esclarecer a respeito da raça desses povos, filiação, relações sociais, costumes, instituições etc. e que a língua subministra luzes à antropologia, à etnografia, à pré-história. É claro que há alguma verdade nisto, mas, com certeza, trata-se, de uma verdade relativa e restrita a alguns aspectos. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 294)

Feitas as devidas ressalvas e consideradas as suas limitações, "a língua é um documento histórico". Por isto, "o fato de as línguas indoeuropeias constituírem uma família nos leva a concluir um etnismo primitivo, do qual todas as nações que hoje falam tais línguas são, por filiação social, as herdeiras mais ou menos diretas". (SAUSSURE, 2012a, p. 296)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

13. *Reflexões conclusivas*

Poderíamos concluir com as palavras dos próprios organizadores do *Curso de Linguística Geral*, que definiram o objeto da linguística com a seguinte frase, que não parece ser de Saussure: “*A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*” (SAUSSURE, 2012a, p. 305), naturalmente, no sentido que Saussure deu a *langue*, ou seja, o sistema linguístico de uma comunidade, considerado abstratamente – despojado das variações naturais da *parole* (fala), redefinida mais tarde por Noam Chomsky como “desempenho”, oposto a “competência”.

No penúltimo parágrafo do livro, os seus organizadores ainda escreveram que

Embora reconhecendo que Schleicher violentava a realidade ao ver na língua uma coisa orgânica, que trazia em si própria a sua lei de evolução, continuamos, sem vacilar, a querer fazer dela uma coisa orgânica em outro sentido, ao supor que o “gênio” de uma raça ou de um grupo ético tende a conduzir a língua incessantemente por caminhos determinados. (SAUSSURE, 2012a, p. 305)

Refletindo sobre fragmentos dos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012b), Loïc Depecker acredita ficar evidente que a diacronia linguística – “observações sobre o conjunto das línguas através do tempo” – é um dos elementos de que dispõe o linguista para entender o que é “língua” seu objeto de estudo, ou seja “esse conjunto de observações e princípios que o linguista extrai do estudo das línguas”. (DESPECKER, 2012, p. 32)

Enfim, a única forma de analisar a língua objetivamente é através de sua história, da história de sua evolução, da diacronia linguística, porque a percepção da língua viva pelo falante, inclusive pelos linguistas, é subjetiva e muito parcial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Trad.: Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 87-98.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 34. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2012a.

_____. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2012b.

_____. *Écrits de linguistique générale*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

VIOTTI, Evani. Mudança linguísticaa. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 137-179.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
FILOLOGIA, SEMIOLOGIA
E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE
PARA A TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA

Camillo Cavalcanti (UESB)
camillo.cavalcanti@gmail.com

RESUMO

Esta conferência pretende desvelar um pensador velado num instrumentalista. O que se revela, pois, é a bipolaridade fundamental que ofuscou um pensamento superlativo pelo equacionismo insistente: complexa rede de abstrações engessada no mecanicismo positivista-estrutural. A ênfase recairá sobre as questões atinentes à teoria literária e à crítica. Nessa tensão gnosiológica, Ferdinand de Saussure deixou uma obra tão elevada quanto contraditória; expositiva e difícil; abrangente, porém confusa. Por trás do aparente rigor científico, subjaz o latente caos teórico, nas entrelinhas do *Curso de Linguística Geral* (1916) cuja autoria só se confirma plenamente à luz dos *Escritos de Linguística Geral* (1996). O primeiro ponto respeita à questão da linguagem; o segundo, à própria definição de literatura e estudos literários. Daí se desdobram o terceiro e o quarto pontos: a filologia como parte ou totalidade dos estudos literários e a semiologia como ciência geral do signo. As classificações (semas, relações, negativo) estão crivadas de méritos e deméritos: por um lado, a literariedade como fenômeno sógnico, harmonizando-se com as demais teorias linguísticas; afastando-se delas, por outro lado, a confusão de terminologias imprecisas e idiossincráticas. Advém o contrapeço ou sexto ponto (retornando ao início): literatura não ultrapassa a materialização verbal porque linguagem é apenas somatório ideal das línguas. Sem a construção do real como fundamento da linguagem, sobressai a pesquisa semântica: a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo. Os fenômenos semânticos resultam do fenômeno sógnico. Especificamente na dinâmica literária, são duplicadores de nível: a literatura utiliza a construção do real operada inicialmente pela palavra (primeiro nível) para a construção de um outro real (segundo nível) repetindo (mimetizando) o construir e o seu sentido, entretanto mediante nova operatividade capaz de produzir um espelhamento da linguagem.

Palavras-chave: Filologia. Semiologia. Crítica literária. Teoria literária. Saussure.

Esta conferência pretende desvelar um pensador velado num instrumentalista. O que se revela, pois, é a bipolaridade fundamental que ofuscou um pensamento superlativo pelo equacionismo insistente. A ênfase recairá sobre as questões atinentes à teoria literária e à crítica. Devido a tensões por que passa o país nesse ano, fui compelido a preservar e dizer a memória de alguns pontos do meu currículo, para desfazer mal-entendidos. Peço licença à ordem franciscana para, mesmo com meus três votos teológicos, possa expor algo que pareça vaidade.

Ontem mesmo consegui encontrar na Academia Brasileira de Letras o Prof. Eduardo Portella, da UFRJ, que me confirmou a carta branca que já me havia dado durante nossos dez anos de debate acadêmico.

O leitor pode perguntar: por que um crítico literário se animou a falar sobre Ferdinand de Saussure? De início, eu me considero filólogo em formação, mas, para suavizar controvérsias, utilizarei um pleonasmto estilístico: “filólogo da modernidade”. Depois, a inclusão é compromisso ético que assumi desde a infância, antes mesmo de existir esse conceito. De modo que o interesse em pluralizar, diversificar, ampliar o saber tem sido minha meta. Foi assim que recebi o convite do Prof. José Pereira, durante a cerimônia de professor emérito de Rosalvo do Valle, Maximiano de Carvalho e Silva e Carlos Eduardo Falcão Uchoa no teatro da UFF. Ao aceitar o convite, fui contemplado com a publicação do meu primeiro artigo independente, isto é, sem a coautoria da extraordinária Profa. Lucia Helena, que me ensinou a pesquisar e se constrangeu em ter que assinar um texto totalmente escrito por outro, mesmo sob sua orientação. Lembro como se fosse hoje os debates que tive de travar com o Prof. Pereira no VI CNLF para inserir um trabalho de crítica literária num evento de filologia. Consegui convencê-lo de que a crítica, como todas as especialidades de letras, deriva da filologia. A essa altura, eu ainda frequentava a Oficina Literária Ivan Proença, professor da UFRJ e capitão da guarda oficial do presidente João Goulart. Sua competência militar lhe impediu a morte na década de 1960. Outro dia lhe enviei minha dura crítica ao pai dele, Manoel Cavalcanti Proença, sobre o *Roteiro de Macunaíma*. Ele me convidou para um reencontro acadêmico.

Falar de Ferdinand de Saussure, hoje, é relevante sob todos os aspectos. Ao invés da crítica gratuita e despreparada, perdida num sentido comezinho de evolução linear (que muito envaidece), a modernidade deveria reconhecer o esforço de um homem que dedicou a vida a organizar, formatar, cientificar o estudo sobre linguagem, língua e fala. Desse interesse incansável em sistematizar o caos, surge o que se chamou estruturalismo, embora seja, enquanto pioneiro, um protoestruturalismo, que se desenvolverá ao longo do século XX. A admiração por parte de todas as ciências humanas, foi retirando o morfema “proto” à medida que auxiliou o desenvolvimento do pensamento.

No campo de letras, Ferdinand de Saussure construiu, por um lado, complexa rede de abstrações, mas a engessou, por outro, no mecanicismo positivista-estrutural (quer dizer, protoestruturalista) de seu pensamento. Em meio a essa tensão gnosiológica, deixou uma obra tão ele-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vada quanto contraditória; expositiva e difícil; abrangente, porém confusa. Por trás do aparente rigor científico, subjaz o latente caos teórico. Seu objeto de estudo ficou em aberto, nas entrelinhas de um *Curso de Linguística Geral* (1916), cuja estilística confirmativa de sua escritura só foi possível após virem a público os *Escritos de Linguística Geral* (1996).

A partir destes velhos manuscritos (porém novos quanto à publicidade e à recepção), o pensamento de Ferdinand de Saussure se mostra contraditório nas bases, o que não se devia à polifonia dos alunos e compiladores.

Partindo-se pelo âmbito geral, o primeiro ponto diz respeito à questão da linguagem; e o segundo, à própria definição de literatura e estudos literários. Daí se desdobram o terceiro e o quarto pontos: a filologia como parte ou totalidade dos estudos literários e a semiologia como ciência geral do signo (a semiologia confere todos os sistemas de signos, inclusive o literário, o qual Ferdinand de Saussure considera diferenciado da língua, porém conexo, tal a escrita se diferencia da língua, atividade exclusivamente oral).

Depois, no âmbito propriamente do literário, o quinto ponto incide sobre o funcionamento do signo para, dentro dele, determinar a especificidade da dinâmica literária. Para tanto, Ferdinand de Saussure elabora propostas normativas ou classificações (p. ex., semas e relações) entre méritos e deméritos: por um lado, a contribuição para o entendimento da literariedade como fenômeno sógnico, harmonizando-se com as demais teorias linguísticas; afastando-se delas, por outro lado, a confusão nas indefinições e idiosincrasias no uso de terminologias. Assim, o quinto ponto recebe o contrapeso do sexto ponto: para Ferdinand de Saussure, a literatura não ultrapassa a materialização verbal porque a linguagem é somente somatório ideal das línguas. Sem a construção do real como fundamento da linguagem, sobressai a pesquisa semântica, isto é, a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo.

Ferdinand de Saussure se contradiz ao igualar fenômeno sógnico (com apoio seja na teoria abstrata dos semas ou na semiologia) e fenômeno social (com apoio seja na relação com o “fato de linguagem”, seja na interatividade com a “figura vocal”). Possuindo extensão (em paradoxo com sua natureza abstraída da matéria vocal), a língua é um objeto factível, e a linguagem se reduz à língua (porque assim se manifesta) e à fala (porque se reclinou sobre todos os discursos). A literatura caiu nas contradições de Ferdinand de Saussure: primeiro é signo verbal e, portan-

to, integra língua, mas depois é parte da escrita, tratada estranhamente como outro sistema diferente da língua. Assim, o quinto ponto (percepção do funcionamento do signo para dentro dele determinar a especificidade da dinâmica literária) recebe o contrapeso do sexto ponto (percepção que recusa a construção do real como fundamento da linguagem, embora alardeie a semântica, isto é, a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo). Os fenômenos semânticos são apenas resultados do fenômeno sígnico. Especificamente na dinâmica literária, são duplicadores de nível: a literatura utiliza a construção do real operada inicialmente pela palavra (primeiro nível) para a construção de um outro real (segundo nível) repetindo (mimetizando) o construir e o seu sentido, entretanto mediante nova operatividade capaz de produzir um espelhamento da linguagem. Ferdinand de Saussure parece perder a amplitude das questões da linguagem, da língua e do signo pelo materialismo necessário à visão estrutural.

Antes de adentrarmos a teoria saussuriana sobre o literário, eis que um ponto sobressai desde o campo geral da linguística: a questão da linguagem. Ferdinand de Saussure estabelece uma definição orientada pelo reducionismo formalizante: a linguagem passa a ser a estrutura (o “frame”), agora visto tanto primeiramente como sistema quanto depois como fechamento, limite, finitude. A linguagem, então, é pensada como conjunto finito: mas de quê? Signos. Mas por quê? Porque formam um interessante código humano, porquanto, ao longo do século XX, linguagem começa a ser confundida com capacidade física (cordas vocais) e ou mental (cognição). Ferdinand de Saussure insiste que o signo é um fenômeno de natureza divergente da matéria vocal e do pensamento, porém mediador entre ambos. Depois, num segundo momento, a linguagem é limitada, excluindo outras situações (surdos, mudos) e outros códigos (a linguagem só é “frame” *in abstracto* das línguas, de vez que a linguagem não tem relação com gestos, apitos, sistemas de trânsito, ou seja, nenhum outro código, nem mesmo a escrita)

a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 1971, p. 24)

O mestre de Genebra concebia a linguística como disciplina que estuda um fenômeno para além da instância verbal: o signo, formado de significante e significado, é extraído da matéria fônica, através de uma “imagem acústica”, a que corresponde uma imagem conceitual. Este é o primeiro nível de abstração. De tal modo que a fala, encarada como dis-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

posição organizada de signos, também habita esse mesmo nível abstrato, pelo significante, jamais pelo som: a fonética para Ferdinand de Saussure é um estudo fora da língua. A partir daqui, a língua se apresenta como um segundo nível de abstração; e a linguagem, um terceiro nível. Ferdinand de Saussure, porém, conserva o caráter material de sua abordagem, abraçando inteiramente até mesmo a linguagem como reificação, mas não pelo sentido venal, e sim pelo sentido de coisificação, quer dizer, se manifesta como coisa: e eis que surge o tal “fato da linguagem”, para o qual o linguista nunca ofereceu uma definição completa, mas apenas caracterizações esparsas aqui e ali, dizendo-lhe alguns atributos, sem, no entanto, considerá-lo no âmago. Em outras palavras, o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos de Linguística Geral* carecem de precisão ao definir o que seja fato de linguagem, mas utilizam essa caracterização, tipologia ou nomenclatura para se referir à linguagem: a linguagem para Ferdinand de Saussure é um fato, pois a linguagem é, por um lado abstraída da língua em suas especificidades para restar numa espécie de gramática universal, um “frame” universal do qual as línguas não seriam mais que manifestações; por outro, a linguagem é um fato assim como as línguas são, cada qual, um fato. Porém esse “frame” universal já é preenchido desde tempos remotos, demonstrando, ainda segundo Ferdinand de Saussure, que a linguagem, manifesta em diversas línguas, é a língua do homem, e somente o fato de mudar é que diferencia os termos língua (a linguagem considerada como positividade nas e pelas línguas ou *in praesentia*) e linguagem (a língua considerada em geral ou *in abstracto*)

Os primeiros capítulos do *Curso de Linguística Geral* pretendem delimitar o objeto da linguística, todavia as questões enredam um labirinto indecifrável, que muito diz em outras palavras o que se quis silenciado.

A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...], considerando-se em cada período [...] todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. A tarefa da linguística será: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas [...] fazer a história das famílias de línguas e reconstruir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo [...] e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1971, p. 13)

Como estudar todas as manifestações da linguagem humana se ela, a linguagem, escapa à observação? Tentando contornar o problema, Ferdinand de Saussure afirma que a matéria, agora, são os textos escritos.

Porém, ao longo do *Curso de Linguística Geral*, encontra-se a estranha diferença entre fala e escrita:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita (p. 24)

Língua e escrita são dois sistemas distintos (p. 34)

A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita (p. 35)

Com estudar os textos escritos, o objeto da linguística não mais se constitui em todas as manifestações da linguagem. É uma contradição para o próprio linguista de Genebra, pois à língua “lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem” (SAUSSURE, 1971, p. 17) ou então: “a língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta” (SAUSSURE, 1971, p. 23). Corolário é a distinção que ele reconhece entre *langue* e *parole*.

Afinal, qual o objeto de estudo da linguística? Língua (*langue*) ou textos escritos (*parole*)? Ou será a linguagem? Ferdinand de Saussure sempre teve dificuldades para definir o que é linguagem, caracterizando-a de maneiras conflituosas. Por vezes entendia a linguagem como abstração das línguas: a operatividade subjacente a todas as línguas (é o caso dessa citação). Ora, se a matéria da linguística são todas as manifestações da linguagem, e a tarefa da linguística é descrever, historiar e analisar todas as línguas, nada mais justo dizer que a tarefa explora a matéria, daí todas as línguas são manifestações da linguagem. Em outras palavras, as línguas seriam positivamente sistêmicas de um sistema pressuposto (a linguagem), assim como as falas são positivamente da língua. Sob este ponto de vista, a linguagem se aproxima do objeto da gramática universal, em busca de um sistema ou código comum cuja operacionalidade reuniria as diferentes línguas, mas cujas diferenças, por mero acaso de época ou lugar, dariam apenas uma coloração específica à linguagem, porque a estariam determinando num espaço-tempo.

Outras vezes, Ferdinand de Saussure encarava como manifestações da linguagem também as falas. Está enunciado nessa mesma citação: “não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão”. Tal entendimento é reafirmado adiante: “o ato individual, que não é senão o embrião da linguagem” (SAUSSURE, 1971, p. 21). Eis a definição mais difundida na área de letras, com apoio em duas citações ao *Curso de Linguística Geral*: “a língua para nós é a linguagem menos a *fala*” (SAUSSURE, 1971, p. 92) e um esquema abaixo transposto:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

linguagem língua sincronia
 fala diacronia

(SAUSSURE, 1971, p. 115)

Essa visão saussuriana gerou a seguinte fórmula: linguagem = língua + fala. Em várias partes do *Curso de Linguística Geral*, tal concepção é ratificada, implícita ou explicitamente. Dois exemplos claros:

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (SAUSSURE, 1971, p. 16)

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (SAUSSURE, 1971, p. 27)

Tal positivismo compartimentalista é predominante na exposição do *Curso de Linguística Geral*. As contradições se multiplicam: “Não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem”. (SAUSSURE, 1971, p. 18).

No entanto, Ferdinand de Saussure parece desconfiar que a linguagem ultrapassa a mera soma entre língua e fala, justamente nestas passagens:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1971, p. 17)

Não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de construir uma língua (SAUSSURE, 1971, p. 18)

A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é. (SAUSSURE, 1971, p. 23)

Aliás, se o conjunto (linguagem) composto de língua e fala for elevada à alta reflexão, será inevitável a conclusão de que o sistema semiológico (língua), encarado na sua operatividade dinâmica e incessante, cria expressões (fala) que elaboram e exprimem a leitura de mundo do sujeito. Como o acesso do indivíduo ao mundo se dá necessária e exclusivamente pela interposição de signos, o homem habita a linguagem, como disse Martin Heidegger (1967, p. 24): “a linguagem é a casa do Ser.

Em sua habitação mora o homem”. Tal citação é largamente conhecida, mas outra não menos importante é assinada por Walter Benjamin, o eterno pesquisador do haxixe:

Pero el ser del lenguaje no sólo se extiende sobre todos los ámbitos de la expresión espiritual del hombre, de alguna manera siempre inmanente en el lenguaje, sino que se extiende sobre todo. No existe evento o cosa, tanto en la naturaleza viva como en la inanimada, que no tenga, de alguna forma, participación en el lenguaje, ya que está en la naturaleza de todas ellas comunicar su contenido espiritual. (BENJAMIN, 2011, p. 63)

Ferdinand de Saussure, fora do *Curso de Linguística Geral*, tangencia a questão da linguagem nos *Escritos de Linguística Geral*, por uma concepção superlativa: "Ora, o fenômeno primordial da linguagem é a associação de um pensamento a um signo; e é justamente esse fato primordial que é suprimido na transmissão do signo". (SAUSSURE, 2012, p. 46)

O pensamento de Ferdinand de Saussure sobre a linguagem chega ao clímax nesse ponto: ele consegue vislumbrar a pluridimensionalidade da linguagem desde o pensamento ao ato, mas restringe sua abordagem ao âmbito da língua e da fala. Considerando, porém, a morte do linguista genebrino em 1913 e a escrita do trecho benjaminiano em 1916, o pensamento de Ferdinand de Saussure sobre a linguagem, freado pelas contingências da virada do século, consistiu pródromo ou rudimento da abertura conceitual mais tarde realizada por Walter Benjamin e Martin Heidegger.

O objeto do *Curso de Linguística Geral* ministrado por Ferdinand de Saussure foi a linguagem, definida pela equação (língua + fala). O mestre de Genebra procurou compreendê-la nos limites semiológicos, encarando a relação entre pensamento e signo, mas se perdeu nas vicissitudes positivistas.

Para a teoria literária e a crítica, a definição máxima de linguagem é imprescindível: dela depende o entendimento da literatura como construção, dinâmica e habitação. A linguagem instaura a realidade, de modo que tal estatuto o literário utiliza em plenitude.

O segundo ponto que Ferdinand de Saussure aborda, pertinente à teoria literária e à crítica, diz respeito à filologia. Seu espectro depende da definição aplicada. Numa primeira interpretação, a filologia é uma proposta de estudo da literatura. Num outro entendimento, a filologia constituiria trabalhos auxiliares à leitura do texto, como ecdótica, crítica

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

textual, paleografia, crítica genética, etc. Quando é preciso decidir por uma ou outra acepção, Ferdinand de Saussure circula entre as possibilidades, o que prejudica seu trabalho naquilo que tem de estrutural, mas sugere sua propensão à pluralidade. O pensador e o instrumentalista continuam disputando o texto saussuriano.

Ferdinand de Saussure, como moderno fundador da linguística, isto é, a linguística geral, deixou a filologia perdida entre a primeira e a segunda noções. Já nas primeiras linhas do *Curso de Linguística Geral*, ele expõe um pensamento bastante positivista, marcado por uma ideia de progressismo linear:

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Começou-se por fazer o que se chamava de “gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.

A seguir, apareceu a filologia. Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das intuições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas preparam a linguística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados linguísticos, mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente. [...]

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “gramática comparada. (SAUSSURE, 1971, p. 7-8)

A questão da filologia já foi abordada por muitos teóricos e linguistas, todavia sem resposta satisfatória. É certo que a filologia abrange todos os setores da área de letras, como espécie de atividade-mãe, uma abordagem interdisciplinar e antiga, antes da compartimentação do saber pelo excesso tecnocrático. O filólogo se incumbia de estudar os diversos aspectos de um texto, desde a parte material até os meandros da signifi-

cação. Uma breve estilometria do trecho citado esclarece a ideologia vigente no enunciado.

A começar, “ciência”, “fatos da língua”, “fases sucessivas”, “verdadeiro e único objeto” dizem muito mais que a superfície do texto transmite de imediato: estes termos demonstram, logo no primeiro parágrafo do curso, o interesse pelo método científico, a sede de objetivismo, o apego ao progressismo e a insistência na presunção. As três fases por que passou o campo de estudo das línguas e seus usos, para Ferdinand de Saussure, foram incompletas e equivocadas, e o enunciado, mais uma vez, delata certa paixão: somente a linguística, depois dos três fracassos, percebeu o “verdadeiro e único objeto”.

Em seguida, o linguista genebrino, sob o disfarce da descrição objetiva, expõe seus juízos de valor, em geral depreciativos. No caso da gramática, “inaugurado pelos gregos” parece, ao lado dos outros desabonos, conferir um estado obsoleto; “desprovido de qualquer visão científica” e “desinteressada da própria língua” de tão claras dispensam explicações, “afastada da pura observação” desqualifica a gramática face à presunção de cientificidade e objetividade.

Finalmente, Ferdinand de Saussure avalia a filologia e o que ele chama de “gramática comparada” (este último tópico não interessa diretamente a este trabalho). Ele não atacou a filologia tanto quanto a gramática, talvez por conter sua paixão diante de Alexandria, mas quis igualmente desqualificar a filologia para entronar a linguística, alegando que nem todos os trabalhos filológicos devem ser considerados linguísticos, “aliás a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente”, isto é, não vale quase nada a filologia dos vernáculos, sendo estes o hábito de todo o Ocidente até hoje.

Esse entendimento saussuriano a respeito da filologia, talvez por figurar logo na primeira página, é a mais conhecida definição da matéria. Felizmente, trata-se de uma definição abrangente, fazendo jus à complexidade do campo do saber que originou todo o curso de letras.

No entanto, as contradições que cercam a epistemologia na obra de Ferdinand de Saussure impactam também na formulação do conceito de filologia. Nos *Escritos de Linguística Geral*, existem várias outras definições, às vezes conflituosas:

O estudo de uma literatura, do ponto de vista propriamente literário, é para todo mundo, bastante distante dos estudos auxiliares que a ele se ligam, com um caráter mais técnico, e que são o campo de atividade especial do filó-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

logo, como, entre outros, a crítica de manuscritos e de edições, a paleografia e a epigrafia, a explicação (hermenêutica) dos autores, a lexicografia, a gramática, a métrica de obras versificadas etc. o filólogo poderá ainda, se for o caso, se tornar momentaneamente arqueólogo, jurista, geógrafo, historiador, mitólogo, etc., ocupando-se, geralmente, de tudo o que contribui, de perto ou de longe, para a melhor compreensão do espírito ou da letra dos autores. (SAUSSURE, 2012, p. 152)

Agora, o estudo de uma literatura não é mais pela filologia, que se tornou “estudos auxiliares”. O corolário surge logo à frente: “qualquer um percebe o lugar que cabe legitimamente aos estudos filológicos assim como os separa dos estudos puramente literários”. (SAUSSURE, 2012, p. 152)

Enfrentando toda a dificuldade de tratar um conceito tão amplo, Ferdinand de Saussure, no mesmo manuscrito, volta a fundir filologia e estudos literários: "Na realidade, é tão pouca a tentação de confundir-los que se faz necessário lembrar que são apenas um, em última análise, sendo que a filologia não passa de um vasto comentário que se apõe a uma literatura". (SAUSSURE, 2012, p. 152)

O terceiro ponto, estudado por Ferdinand de Saussure, que concerne à teoria literária e à crítica tem relevância muito maior: é o estudo do sentido, pela semiologia ou pela semântica.

A respeito da semiologia Ferdinand de Saussure propugnava no *Curso de Linguística Geral*:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos de semiologia. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. [...] A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 2012, p. 24)

Nos *Escritos de Linguística Geral*, o vetusto linguista acrescenta:

I. [...]

II. Domínio linguístico do signo vocal (Semiologia): nele também é inútil querer considerar a ideia fora do signo e o signo fora da ideia. Esse domínio é, ao mesmo tempo, o do pensamento relativo, da figura vocal relativa e da relação entre os dois. (SAUSSURE, 2012, p. 43)

III. [...]

Ainda nesse texto, Ferdinand de Saussure decide esclarecer os tópicos apresentados. Sobre a semiologia, expõe:

II. Domínio linguístico do pensamento, que se torna IDEIA NO SIGNO, ou da figura vocal, que se torna SIGNO NA IDEIA: o que não é duas coisas, mas uma, contrariamente ao primeiro erro fundamental. É também, literalmente verdadeiro dizer que a palavra é o signo da ideia e dizer que a ideia é o signo da palavra; ela o é a cada instante, já que não é possível, sem ela, nem mesmo fixar e limitar materialmente uma palavra na frase. (SAUSSURE, 2012, p. 44)

E depois finaliza com um dos trechos mais fundamentais de sua doutrina e da repercussão em toda a área de letras até hoje:

A distinção fundamental e única, em linguística, depende, então, de saber:

– se é considerado um signo ou uma figura vocal como signo (Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável), o que implica diretamente quatro termos irredutíveis e três relações entre esses quatro termos, sendo que as três devem ser, além disso, transportadas pelo pensamento na consciência do sujeito falante;

– ou se é considerado um signo ou uma figura vocal como figura vocal (fonética) [...] (SAUSSURE, 2012, p. 44)

Foi preciso esperar por um Roland Barthes para desenvolver a semiologia à altura de sua tarefa, desfazendo a sinonímia saussuriana com a filologia. A semiologia de Barthes abriu as condições para a análise de/do discurso.

Percebe-se, gradativamente, que a ciência geral dos signos é a ciência dos signos em geral. Neste ponto, Ferdinand de Saussure antecipa até mesmo Roland Barthes:

Discutiu-se para saber se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento de ciências que, se não existe, deveria existir sob o nome de semiologia, ou seja, ciência dos signos ou estudo do que se produz quando o homem procura exprimir seu pensamento por meio de uma convenção necessária. (SAUSSURE, 2012, p. 223)

Estudar todos os sistemas de signos é tarefa da semiologia, por isso a linguística é apenas uma parte dessa “ciência geral dos signos em geral”. Ela pertence à psicologia porque para Ferdinand de Saussure o signo é fenômeno da consciência, pois a partir do som a imagem acústica (significante) já é uma abstração.

Ferdinand de Saussure chega a usar o termo “semiologia linguística” (*Escritos de Linguística Geral*, p. 100), que, em seu ponto de vista, é o setor da ciência geral dos signos particularizada no signo verbal. Como pode o signo ser a mesmo tempo da consciência e produto social?

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Considerado, então, dentro da semiologia, o signo inseparável da significação, o entendimento de Ferdinand de Saussure sobre o que é significação ganha relevo para o desenvolvimento da teoria literária e da crítica.

Após toda essa controvérsia epistemológica a respeito do que venham a ser “lingüística”, “filologia” e “semiologia”, Ferdinand de Saussure, no âmbito do entendimento conceitual, começa a se mostrar mais produtivo no estudo sobre a significação, entendida como relação entre significante e significado. Das suas propostas, destacam-se as “relações associativas”, mais tarde conhecidas como paradigmas:

AS RELAÇÕES ASSOCIATIVAS. Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement*, *enseigner*, *enseignons* etc. (*ensino*, *ensinar*, *ensinemos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* (ou *ensino*) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement*, *armement*, *changement* etc.; *ensinamento*, *armamento*, *desfiguramento* etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo *enseignement* e *justement*, ou *ensinamento* e *lento*). Por conseguinte, existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. (SAUSSURE, 1971, p. 145-146)

A substituição terminológica – de “relações associativas” para “paradigmas” - foi reconhecida tanto no Brasil como na França:

PARADIGMA - Conjunto de formas linguísticas que se associam por um traço linguístico permanente, que é o denominador comum de todas elas. Na base desse traço estabelecem-se as correlações e as oposições entre os membros do paradigma (v. oposição): as formas, “oferecendo qualquer coisa de comum, se associam na memória e assim se constituem grupos, dentro dos quais reinam relações, que podem ser das mais diversas” (Saussure, 1922, 171). (CÂMARA Jr., 1968, p. 272-273)

Paradigma [definição] 2. Em linguística moderna, o paradigma é constituído pelo conjunto de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de substituíbilidade. F. Saussure ressalta, sobretudo, o caráter virtual desses paradigmas. Com efeito, a realização de um termo (= sua formalização no enunciado) exclui a realização concomitante dos outros termos. Ao lado das relações *in praesentia* (v. sintagma, relações sintagmáticas), os fenômenos da língua implicam igualmente relações *in absentia*, virtuais. Dir-se-á, então, que as unidades *a*, *b*, *c*, ... *n* pertencem ao mesmo paradigma se elas são susceptíveis de substituir umas às outras num mesmo quadro típico (sintagma, frase, morfema). (DUBOIS, 1993, p. 452-453)

O estabelecimento de paradigmas é essencial para a análise literária, pois, em seu caráter sígnico, a literatura possui uma dinâmica articulada pelos meandros da significação.

É muito interessante, neste ponto, a noção saussuriana de “negativo”, pois através dela é que se coordenam as relações associativas/paradigmáticas. A língua, para Ferdinand de Saussure, é fundamentada em diferenças. Ele chega mesmo a dizer que “não há na língua, nem signos, nem significações, mas diferenças de signos e diferenças de significações”, “tudo é negativo na língua. (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 65)

O conceito de negatividade permite maior flexibilidade ao signo, de sorte que subsiste mais dinâmico. Concebendo o signo de maneira elástica, o linguista não aceita a oposição entre sentido próprio e sentido figurado. O exemplo que ele levanta é a frase “uma pessoa é o sol da existência da outra” (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 67). Observe-se que se trata aqui de um comportamento sígnico característico da literatura.

O mestre do *Curso de Linguística Geral* argumenta que se houvesse uma palavra para expressar a especificidade da palavra “sol”, como empregada na frase, ela a substituiria e toda a frase voltaria ao nível da denotação. Ora, mas acontece que o texto literário apresenta essas conotações porque explora ao máximo a língua, denunciando suas limitações e a necessidade de criativamente transpassá-los mediante perturbações semânticas. (PORTELLA, 1974)

De todo o modo, é preciso esclarecer o ponto de vista de Ferdinand de Saussure: o signo não se restringe ao sentido próprio, mas contém já em si, pelo menos potencialmente, o sentido figurado que em certas frases aparecem. É claro, não obstante, que a distinção entre conotação e denotação é, ao contrário do que Ferdinand de Saussure pensa, pertinente e diz respeito ao entendimento da contextualização específica que o signo ganha em cada frase.

Ferdinand de Saussure entende que o fato de se poder dizer “o sol da existência de outra pessoa” (*passim*) tem por base o caráter negativo do signo, isto é, a diferença que ele estabelece com outros signos como “lua” e “sombra”, marcando, então, todo um sistema de oposições que organiza a língua. A confirmação desse pensamento vem através de outro exemplo: “o suplício de usar luvas muito apertadas” (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 73). O linguista de Genebra ratifica sua posição:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

“não é a ideia positiva contida em suplício ou martírio, mas o fato negativo de sua oposição, que estabelece toda a série de seus empregos, permitindo qualquer emprego, contanto que não invada o domínio vizinho”. (SAUSSURE, 1971, p. 73)

Por mais que seu pensamento demonstre coerência em vários aspectos, controverteu-se ao desconsiderar o emprego de uma palavra em sentido figurado já invade o domínio vizinho, qual seja, o das palavras cognatas (mesmo cognatas, são dois, porque, de alguma forma, preservam a diferença, o negativo ou a oposição). Sobre a problemática dos sinônimos, ainda não tenho opinião.

O objetivo central da crítica é promover uma leitura do texto literário, isto é, um entendimento da complexa mensagem literária. Para tanto, é necessário organizar em paradigmas os conteúdos, pelo que apresentam de semelhanças e diferenças. A análise literária tem por base, então, os aspectos semânticos, que se revelam etapa preliminar para o entendimento da obra literária.

Recentemente, Evanildo Bechara prosseguiu as constantes atualizações e revisões de sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Tive o privilégio de conhecê-lo nas edições anteriores deste congresso, quando lhe pedi fizesse a revisão das “orações declarativas”. Com sua humildade e excelência acadêmica, ele fez muito mais. Um trecho de sua gramática corrobora a importância que conferi aos conteúdos, o que implica o próprio entendimento humano:

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: criatividade (ou *enérgeia*), materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade. [...] Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico. (BECHARA, 2009)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones IV*. Trad.: Roberto Blatt. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2011

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: Ozon, 1968.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
INQUIETAÇÕES EM TORNO DE UMA CONTRADIÇÃO:
DA DISTINÇÃO ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA
NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL
DE FERDINAND DE SAUSSURE

Thaís de Araujo da Costa (UERJ/UFF/Sorbonne)
araujo_thais@yahoo.com.br

RESUMO

A inquietação diante da contradição constitutiva do movimento de designação/distinção entre o que é tomado no *Curso de Linguística Geral* por estudos fonéticos e fonológicos é o que nos leva à (re)leitura de Ferdinand de Saussure. Entendemos que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes que ocorrem “em relação às outras designações com as quais se encontram em relação de reformulação parafrástica ou de contradição no arquivo” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 250). Tomaremos a contradição como objeto de análise e princípio de historicidade do discurso. Os discursos são constitutivamente contraditórios porque são constituídos “pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos” (MITTMANN, 2010, p. 85) que estão filiados a diferentes posições-sujeito. Essas posições-sujeito estão inscritas numa dada formação discursiva duplamente heterogênea, como depreendemos de Eni Puccinelli Orlandi (2007a; 2007b) e Freda Indursky (2006; 2008), porque comportam diferentes posições-sujeito e permitem a aproximação de posições-sujeito filiadas a outras formações discursivas, sob determinação do interdiscurso, de modo que estabelecem entre si relações de conflito, confronto, aliança, sobreposição etc. Assim, entendemos, com Mônica Graciela Zoppi-Fontana (2003), que a análise dos movimentos de (re)formulação nos permitirá refletir sobre as diferentes posições-sujeito em jogo nesse ir e vir do dizer, bem como sobre o(s) efeito(s) da contradição estabelecido(s) entre elas. Tomando o *Curso de Linguística Geral* como lugar de materialização de discursos, em nossa (re)leitura, propomo-nos a depreender, como a contradição histórica constitutiva se faz significar na sua materialidade linguística, através dos movimentos de (re)formulação, no que diz respeito ao processo de designação/distinção entre os chamados estudos fonéticos e fonológicos. Para isto, refletimos ainda sobre a relação entre essas formas de saber e o que se toma por língua/escrita e língua/fala.

Palavras-chave: Fonética. Fonologia. *Curso de linguística geral*. Saussure.

1. Introdução

As inquietações que nos levaram às reflexões que ora apresentamos surgiram durante a nossa pesquisa de doutorado e ganharam corpo no grupo de estudos de "Análise de discurso e história das ideias lingüís-

ticas" organizado pela Profa. Dra. Vanise Medeiros em 2014-2015¹⁵. Na ocasião, tendo em vista o centenário da morte, em 2013, do linguista genovês Ferdinand de Saussure – que é comumente significado, na história dos estudos da linguagem, como o fundador da chamada corrente estruturalista – e o de publicação, em 2016, do *Curso de Linguística Geral* – livro póstumo cuja autoria é a ele atribuída –, propomo-nos a revisitar este último, visando refletir sobre a sua historicidade. Isso significa que, ao lançarmos nossos olhares sobre o *Curso de Linguística Geral*, consideramos também o seu entorno, o passado que o constitui e o futuro que dele se desdobra, pensando-o, tal como propuseram Jean-Louis Chiss e Christian Puech (1994), não somente enquanto um *domínio de pesquisa*, a partir do qual enunciados são discutidos e trabalhados no seio de um dado projeto científico, mas sobretudo como um *domínio de memória*, com o qual, por meio de diferentes (re)leituras, são estabelecidas relações de gênese, filiação, continuidade, descontinuidade, repetição, silenciamento e deslocamento e, a partir do qual, entendemos produzir-se aquilo que Michel Pêcheux (1999) chamou de efeito-Saussure.

Imbuídos desse objetivo, ao (re)lermos o *Curso de Linguística Geral*, tendo em vista que, como pontua Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), Ferdinand de Saussure teria sido o primeiro a propor uma certa distinção entre fonética e fonologia, chamou-nos de imediato atenção a contradição, primeiramente em relação aos sentidos que se naturalizaram para esses dois campos de estudo em nossa tradição linguístico-gramatical e, em seguida, àqueles que se fazem significar em sua própria materialidade. Sendo assim, neste artigo, à luz da história das ideias linguísticas, tal como instituída no Brasil a partir do lugar da Análise de discurso, de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi, analisaremos, num primeiro momento, o processo de designação/distinção entre o que se compreende por estudos fonéticos e fonológicos para, então, tentar relacionar os efeitos produzidos a partir desse processo à função-autor que organiza o *Curso de Linguística Geral*.

2. A designação vista enquanto processo discursivo

Como nos ensina Michel Pêcheux (2009, p. 149), para compreender o processo de (re)produção de sentido é preciso considerar que exis-

¹⁵ Além de mim e da Profa. Dra. Vanise Medeiros, participavam do grupo a Profa. Dra. Luiza Katia Castello Branco e o Prof. Me. Alexandre Zanella.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

te “algo [que] fala (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Este algo, que chamamos de interdiscurso, configura-se, conforme Eni Puccinelli Orlandi (2007b, p. 31), como um saber discursivo, uma memória de dizeres a partir da qual o sujeito, por meio da língua(gem), (res)significa o mundo a sua volta à medida que se (res)significa é (res)significado como sujeito nesse/desse mundo e que se coloca, portanto, como condição para todo e qualquer dizer.

Entendemos que a designação faz parte dessa engrenagem a partir da qual se dá a (re)produção de sentidos, porque se constitui como um processo discursivo e, por conseguinte, histórico por meio do qual, como podemos depreender a partir de Eduardo Guimarães (2005), um nome é (res)significado numa dada sociedade. Tal processo – que é histórico porque implica uma história de enunciações, “de nomeações, de renomeações e referências realizadas (com suas temporalidades próprias)” (GUIMARÃES, 2005, p. 42) a partir das quais se estrutura – coloca em questão um efeito de referencialidade¹⁶ ou, conforme Bethânia Mariani (1998), de exterioridade. Esse efeito produz, por sua vez, uma ilusão de objetividade, isto é, de unidade para o nome e para o objeto a partir *de* e *nesse* nome construído, ao mesmo tempo em que, para que estes se instituem enquanto tais, apaga o processo por meio do qual se dá a sua construção discursiva. Uma vez constituídos, os objetos do dizer, na sua relação com os nomes pelos quais são designados, passam, então, a funcionar como “pontos de estabilização de processos [de significação]” (PÊCHEUX & FUCHS, 2010, p. 236). No entanto, como a referencialidade, como nos lembra Bethânia Mariani (1998, p. 118), “é uma operação de base linguística que envolve mecanismos de substituição, construção de sinônimos e paráfrases determinados pelo interdiscurso”, nada garante que no jogo do dizer, em consonância com o que já haviam postulado Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (2010, p. 236), “as substituições e as transformações não mudem o sentido” outrora estabilizado.

Sobre a tensão travada no dizer entre manutenção e deslizamento de sentidos, Eduardo Guimarães (2002, p. 74) acrescenta que, embora o objeto seja uma exterioridade produzida pela linguagem, ele “não se reduz ao que se fala dela”, isto é, da sua exterioridade, porque esta é objetivada – entenda-se: torna-se objeto do dizer – pelo confronto de discursos. Isso significa que todo processo de designação pressupõe uma “relação instá-

¹⁶ Retomamos Paul Henry (1975, p. 88) para quem “la référentialité est un effet de sens”. [Tradução minha: “A referencialidade é um efeito de sentido”].

vel entre a linguagem e o objeto”, e isso porque “o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário exposto à diferença”. Daí ser importante considerar, quando da análise dos processos de (res)significação, aquilo que, a partir da imposição pelo interdiscurso de uma dada designação, “o cruzamento de discursos não deixa significar” (*ibid.*, *loc. cit.*). A designação, como nos explica o autor, “ao se instituir no léxico (...), instala como lugar de estabilidade referencial um sentido pelo apagamento de outros”, fazendo funcionar, por meio de diferentes gestos de interpretação a partir dos quais se tem a sua (re)produção, aquilo que Eduardo Guimarães chama de “política do sentido” (*ibid.*, p. 75) ou, em outras palavras, promovendo a estabilização e, por conseguinte, a naturalização de determinados sentidos em detrimento de outros, que são silenciados.

É, portanto, sob essa perspectiva, que Mônica Graciela Zoppi-Fontana (2003, p. 250) afirma que as designações se dão “em relação às outras designações com as quais se encontram em relação de reformulação parafrástica ou de contradição no arquivo”. Em nossa análise, como dissemos, temos por objetivo compreender a contradição que se coloca a partir da designação/distinção entre aquilo que é significado, no *Curso de Linguística Geral*, como estudos fonéticos e fonológicos.

Tomar a contradição como objeto de análise significa concebê-la como princípio de historicidade de todo e qualquer discurso. Os discursos são constitutivamente contraditórios porque, conforme Solange Mittmann (2010, p. 85), são constituídos “pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos”, os quais se filiam a diferentes posições-sujeito. Estas, por sua vez, inscrevem-se em formações discursivas, domínios de saber em que se encontram organizados os sentidos em circulação no interdiscurso e que, como podemos depreender a partir de Eni Puccinelli Orlandi (2007a; 2007b) e de Freda Indursky (2006; 2008), são duplamente heterogêneas. Heterogêneas porque comportam em seu interior diferentes posições-sujeito a cujos saberes os indivíduos se identificam, ao serem interpelados em sujeitos do dizer, para poderem (se) significar. Heterogêneas porque, de fronteiras porosas, permitem, sob determinação do interdiscurso, a aproximação de posições-sujeito filiadas a outras formações discursivas, de modo que se estabelecem entre estas e aquelas relações de conflito, de confronto, de aliança, de sobreposição etc.

Essa articulação, isto é, a costura no dizer entre as diferentes posições-sujeito, é organizada, como nos lembra Solange Mittmann (2010, p.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

86), por uma função-autor¹⁷, que, embora seja interna ao discurso, “leva ao efeito externo de uma função de autor, uma função enunciativa do sujeito em relação ao discurso e perante o social”. Nesse sentido, pensar a função-autor que organiza o *Curso de Linguística Geral* seria pensar mais uma vez em heterogeneidade constitutiva. Além da dispersão de posições e de formações discursivas que o constitui e o atravessa, a sua formulação (ORLANDI, 2001) coloca em questão ainda diferentes gestos de interpretação que resultam num gesto de autoria (uma função-autor) atribuído a Ferdinand de Saussure, ao mesmo tempo em que este é dele um efeito (uma função de autor).

Como sabemos, o *Curso de Linguística Geral* – livro pelo qual Ferdinand de Saussure é ainda hoje significado como o fundador do Estruturalismo – foi publicado em 1916, três anos após a sua morte, por dois colegas e antigos alunos seus, Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir da compilação de manuscritos de Ferdinand de Saussure e de anotações feitas por alguns alunos que acompanharam a disciplina, de mesmo nome, ministrada pelo mestre genovês na *Université de Genève* durante três anos universitários (1907, 1908-1909 e 1910-1911). Cabe aqui ressaltar que nem Bally nem Sechehaye assistiram a essa disciplina. Sendo assim, entendemos que se faz significar no *Curso de Linguística Geral* pelo menos três gestos distintos de interpretação, os quais, de diferentes formas, constituem a função-autor que o organiza, a saber: 1) o do próprio Ferdinand de Saussure, ao elaborar suas aulas¹⁸; 2) os dos estudantes, cujas notas são (suas) (re)leituras (suas interpretações) do que havia dito o mestre em sala de aula; e 3) o dos editores, que tiveram não só de (re)ler e recortar o que das anotações dos alunos permaneceria, relac-

¹⁷ Eni Puccinelli Orlandi (2007b, p. 97), a partir das considerações tecidas por Michel Foucault (2006; 2007), nos explica que a função-autor é uma função exercida pelo sujeito discursivo que se caracteriza pela “produção de um gesto de interpretação” a partir do qual o autor é colocado como o responsável pelo sentido do que diz, do que formula, significando-se e produzindo sentido de acordo com as determinações históricas a que está assujeitado.

¹⁸ No prefácio à edição brasileira Isaac Nicolau Salum nos traz um fragmento de uma carta enviada por Saussure a seu discípulo L. Gautier, na qual o linguista genovês comenta o seu próprio gesto de interpretação ao preparar as aulas para a disciplina em questão – “Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos” (SAUSSURE *apud* SALUM, prefácio à edição brasileira, 1975, p. XVII-XVIII).

onando aos poucos manuscritos de Ferdinand de Saussure encontrados¹⁹, como também de dar a todo esse material uma estrutura de livro.

Posto isso, cabe assinalar, por fim, que, em nosso gesto de leitura, tomaremos o *Curso de Linguística Geral* como lugar de materialização de discursos sobre a língua(gem) e que, com vistas a compreender como se constitui, a partir do processo de designação/distinção, a contradição entre os termos fonética e fonologia no dizer atribuído a Ferdinand de Saussure, investigaremos o movimento de (re)formulações parafrásticas que voltam sobre esses termos, buscando depreender as diferentes posições-sujeito em jogo, bem como o(s) efeito(s) estabelecido(s) entre elas e o modo pelo qual se fazem significar na materialidade linguística em análise.

3. O lugar dos estudos fonéticos e fonológicos nos estudos da língua-gem

Como nos explica Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), até meados do século XIX, a fonética, situada no âmbito das ciências naturais, consistia num estudo biológico da linguagem e era significada como uma “disciplina auxiliar da linguística”, a qual se entendia que convinha aos linguistas estudar e dominar por lhes proporcionar uma compreensão mais profunda do mecanismo da fala. Na segunda metade do século XIX, a partir dos estudos do alemão Eduard Sievers (1876), notadamente aqueles de base comparativa relacionados ao indo-europeu, “fonética” passa a designar também uma disciplina histórica que, situada no âmbito das ciências humanas, é significada como uma ramificação dos estudos linguísticos. Tem-se, então, nesse momento, uma convivência tensa entre duas disciplinas distintas, filiadas a distintas posições-sujeito. Os sentidos não são os mesmos, assim como também não são os fazeres associados a essas disciplinas, mas, por elas terem designações homônimas, muitas vezes se “confundem”. (ORLANDI, 2008)

¹⁹ Sobre os manuscritos de Ferdinand de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye comentam, no prefácio à primeira edição publicada em 1916, que, embora a Mme Saussure os tivesse lhes colocado à disposição, grande foi a sua decepção ao perceberem que, em vez de encontrar uma “imagem fiel de suas geniais lições”, as quais pretendiam organizar e publicar como anotações pessoais do linguista genovês, combinando-as às anotações de seus discípulos, nelas havia “nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos”, e isso porque Ferdinand de Saussure “ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição”. (BALLY & SECHEHAYE, 1975, p. 1)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Ainda de acordo com Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), é a Ferdinand de Saussure (o do *Curso*) que é atribuída, na história da produção dos conhecimentos linguísticos, a partir da retomada do conceito de fonema proposto pelo linguista polonês Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) e da sua inserção na teoria geral e essencial dos sinais linguísticos, uma certa distinção entre esses estudos. Tulio de Mauro, no entanto, em nota explicativa à edição italiana do *Curso de Linguística Geral*, publicada em 1967²⁰, esclarece que, na verdade, o termo *fonema*, empregado pela primeira vez, em 1873, pelo foneticista francês Dufriche-Desgenettes, em uma comunicação proferida na Sociedade Linguística de Paris, foi adotado por Ferdinand de Saussure, em 1878, em *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, para designar o “elemento de um sistema fonológico em que, qualquer que seja a sua articulação exata, é reconhecido como diferente de todos os outros elementos” (SAUSSURE *apud* DE MAURO, 2005, p. 433, nota 111)²¹. A partir do conceito saussuriano, o linguista russo Sergei Losifovich Karcevski (1887-1955), membro do Círculo de Praga, teria proposto, a distinção entre *som* e *fonema*, a qual então teria sido adotada, em 1895, por Jan Baudouin de Courtenay, para quem o fonema passou a ser concebido como “uma representação psíquica abstrata dos sons linguísticos” (id., *ibid.*).

No *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure, portanto, ainda em conformidade com o linguista italiano, teria aprofundado a sua própria noção de fonema delineada no *Mémoire*, passando a concebê-lo como “um elemento puramente diferencial e opositivo”, “entidades identificáveis na *fala*, na realização *fônica*” (DE MAURO, 2005, p. 433-434, nota 111) das quais se distinguem o que se toma por “unidades irredutíveis” do significante – distinção esta que, por sua vez, justifica, como podemos depreender a partir dos comentários de Tulio de Mauro (*ibid.*), a proposta de contornos e nomes distintos para os estudos de base linguística e os de base biológica, como podemos ler na sequência abaixo:

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir

²⁰ Consultamos aqui a edição francesa de 2005 em que as notas e comentários de Tulio de Mauro foram traduzidas do italiano por Louis-Jean Calvet.

²¹ Tradução minha.

no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo de articulação permanece sempre igual a si mesmo.

Longe de se confundir, êsses dois estudos nem sequer podem ser postos em oposição. O primeiro é uma das partes essenciais da ciência da língua; a fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala. (SAUSSURE, 1975, p. 42-43)²².

No *Curso de Linguística Geral*, mais especificamente no capítulo intitulado “Fonologia”, esta é significada como a “fisiologia dos sons” e, por isso, considerando que o mecanismo de articulação da fala não muda, é percebida como uma ciência a-histórica, “fora do tempo”, que se constitui enquanto “disciplina auxiliar” da ciência linguística. Já a fonética é significada como “uma ciência histórica”, que “analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo”, o que a caracteriza como “uma das partes essenciais da ciência da língua”.

Para melhor compreendermos essa distinção, é preciso refletirmos sobre outras duas dualidades saussurianas que estão diretamente intrincadas a ela, a saber: língua/escrita e língua/fala. Com vistas a legitimar a eleição da língua como objeto da linguística, existe um movimento de distinção desta em relação à escrita e à fala que é retomado em diversos momentos ao longo do *Curso de Linguística Geral*. No que tange ao primeiro par, língua e escrita são significadas como “dois sistemas distintos de signos” (SAUSSURE, 1975, p. 34), entre os quais se estabelece um efeito de representação – aquela é tomada como “um depósito de imagens acústicas”, e esta como “a forma tangível dessas imagens” (SAUSSURE, 1975, p. 23), cuja “única razão de ser [...] é representar o primeiro” (SAUSSURE, 1975, p. 34). Assim é que, no *Curso de Linguística Geral*, a confusão entre esses dois sistemas se configuraria como uma “cilada” em que haveriam caído os primeiros linguistas: “desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade” (SAUSSURE, 1975, p. 42). E o caminho para essa verdade (nós diríamos, imaginária) estaria no “estudo dos sons através dos próprios sons” (SAUSSURE, 1975, p. 42). Como lemos no *Curso de Linguística Geral*, a linguística só se “libertou da palavra escrita” com a adoção de uma ciência auxiliar (SAUSSURE, 1975, p. 42): a fonologia. Ou seja, é pela necessidade de distinção entre o signo linguístico e o sig-

²² A edição citada neste artigo do *Curso de Linguística Geral* é a edição brasileira de 1975 da editora Cultrix.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

no escrito que se justifica no *Curso de Linguística Geral* o lugar dos chamados estudos fonológicos.

No que diz respeito ao segundo par, língua e fala são tomadas como diferentes domínios da linguagem. Diz o *Curso de Linguística Geral* que, ao separá-las, “separa-se ao mesmo tempo: 1º. o que é social do que é individual; 2º. o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 1975, p. 22)²³. Em outro momento, retomando o efeito de representação da escrita em relação à língua e utilizando-se de uma analogia ao ato de fotografar, justifica-se o porquê de ser a língua o objeto eleito e não a fala – “seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos de fala” (SAUSSURE, 1975, p. 23). A fala não é, pois, considerada tangível como a língua é através da escrita; a sua representação é significada como da ordem do impossível. Ela não é representável, traduzível. Dessa maneira, a escrita comparece nesta sequência, não em oposição à língua, como vimos anteriormente, mas como argumento para legitimar o lugar desta como objeto da linguística, a partir do estabelecimento de um efeito de tradução – a língua, como vimos, é tomada como um “depósito de imagens acústicas”, e a imagem acústica, por sua vez, “pode traduzir-se numa imagem visual constante” (SAUSSURE, 1975, p. 23), isto é, escrita. Assim, da mesma forma como o estudo da fala permitiu, num primeiro momento, distinguir a língua da escrita, agora a escrita é retomada para que se produza não só um efeito de distinção entre língua e fala, mas, como pontuamos, de legitimação da primeira como objeto de estudo.

No que concerne à distinção entre língua e fala, no capítulo intitulado “Linguística da língua e linguística da fala”, uma outra analogia entre, de um lado, a língua e a produção de sons necessários à fala, entendida como fonação, e, de outro, o alfabeto Morse e os aparelhos que servem para transcrevê-lo é formulada, produzindo um efeito de exterioridade dos órgãos vocais (aparelho fonador) em relação à língua – “os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto” (SAUSSURE, 1975, p. 26). A partir dessa analogia, a fonação é significada como

²³ Cabe destacar aqui o efeito de sentido produzido pelo comparecimento da palavra *social* algumas vezes no *Curso de Linguística Geral*. Nele, *social* não diz respeito à relação entre língua e sociedade, conforme já vinha sendo pensada à época por outros linguistas (Meillet e Vendryes, por exemplo), mas ao fato de supor-se que a língua, enquanto sistema, encontra-se “depositada” nos cérebros de *uma comunidade de indivíduos* – diferentemente da fala que seria da ordem do *indivíduo* –, cabendo ao linguista depreender e analisar o funcionamento desse sistema.

“a execução das imagens acústicas” e, enquanto tal, entende-se que ela “nada afeta o sistema em si”. (SAUSSURE, 1975, p. 26)

Em seguida, são excluídos dos estudos da língua dois tipos de estudos que teriam como objeto a fala: o que se debruça sobre a produção dos sons, a fonação, e o que trata das chamadas “transformações fonéticas”, entendidas como “as alterações dos sons que se produzem na fala” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Sobre essas transformações, num primeiro momento, afirma-se que produzem “influência tão profunda nos destinos da própria língua” (SAUSSURE, 1975, p. 26) e depois questiona-se: “Teremos, de fato, o direito de pretender que esta [a língua] exista independentemente de tais fenômenos?” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Ao que se responde que sim, justificando-se que elas “não atingem mais que a substância material das palavras” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Observemos aqui um primeiro conflito entre posições. O que antes era tomado, de uma posição, como uma “influência profunda” desloca-se para outra posição de modo que passa a ser significado como algo que não pertence nem à ordem da fonética, nem à da língua: “se atacam a língua enquanto sistema de signos, fazem-no apenas indiretamente pela mudança de interpretação que daí resulta: ora esse fenômeno nada tem de fonético” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Nesse posicionamento, embora se entenda que “o estudo dos sons” possa ser interessante à investigação das “causas de tais mudanças”, este não é considerado como “coisa essencial”.

No quadro a seguir, buscamos filiar os dizeres analisados até aqui às duas posições depreendidas em nossa análise, as quais, por um princípio de organização, passaremos a chamar de posição-sujeito 1 (PS1) e posição-sujeito 2 (PS2). Cabe explicar que, em nosso gesto de leitura, partimos dos dizeres que recortamos do capítulo intitulado “Fonologia”, no qual, como vimos, há um movimento de designação/distinção do que se toma por fonética e fonologia, e, em seguida, percorremos o *Curso de Linguística Geral* em busca de pontos em que observássemos (re)formulações parafrásticas/manutenções/deslocamentos desses sentidos. Assim foi que, no capítulo intitulado “Linguística da língua e linguística da fala”, embora não compareçam os termos fonética e fonologia, encontramos, a partir do que se toma por transformações fonéticas e fonação, sentidos de aproximação e de distanciamento em relação aos que havíamos visto anteriormente.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

PS1		PS2
CAPÍTULO: FONOLOGIA		
FONÉTICA	FONOLOGIA	
<p>“estudo das evoluções dos <u>sons</u>” “<u>ciência histórica</u>” “<u>analisar acontecimentos, transformações e se move no tempo</u>” “uma das <u>partes essenciais</u> da ciência da <u>língua</u>”</p>	<p>“fisiologia dos <u>sons</u>” “se coloca <u>fora do tempo</u>” “o mecanismo de articulação <u>permanece sempre igual</u> a si mesmo” “<u>não</u> passa de <u>disciplina auxiliar</u> e só se refere à <u>fala</u>”</p>	
CAPÍTULO: LINGÜÍSTICA DA LÍNGUA E LINGÜÍSTICA DA FALA		
TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS	FONAÇÃO	TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS
<p>“alterações que se produzem na <u>fala</u>” “exercem <u>influência tão profunda</u> nos destinos da própria <u>língua</u>”</p>	<p>“produção dos sons necessários à <u>fala</u>” “execução das imagens acústicas” “os órgãos são tão <u>exteriores à língua</u> como...”</p>	<p>“alterações que se produzem na <u>fala</u>” “<u>não</u> atingem mais que a substância material das palavras” “<u>atacam a língua [...]</u> <u>indiretamente</u>” “esse fenômeno <u>nada tem de fonético</u>” “<u>não é coisa essencial</u>”</p>

Como podemos depreender a partir do quadro acima, na PS1, os sentidos filiados a transformações fonéticas e fonação, no capítulo “Linguística da língua e linguística da fala”, inscrevem-se, respectivamente, no mesmo eixo parafrástico de fonética e fonologia, no capítulo intitulado “Fonologia”: as transformações ou alterações fonéticas são tomadas como o objeto de estudo da fonética, assim como a fonação é tomada como o objeto de estudo da fonologia. No entanto, há, nos capítulos analisados, um deslize entre sons da língua e sons da fala que, a nosso ver, possibilita o comparecimento da PS2. No capítulo “Linguística da língua e linguística da fala”, as alterações fonéticas são significadas como da ordem da fala, aproximando-se, assim, também do que se tem por fonação. É, pois, a partir dessa aproximação, que sentidos outros, filiados à PS2, irrompem no *Curso de Linguística Geral*, fazendo-se significar na sua materialidade e, com isso, estabelecendo entre essas duas posições um efeito de contradição – se na PS1 o estudo das transformações fonéticas é tomado como uma parte essencial da ciência da língua, na PS2 essas transformações, tomadas como da ordem da fala, são significadas

como algo exterior à língua, sendo inclusive questionado o seu estatuto enquanto um fenômeno fonético.

Como arremate dessa distinção entre o que é da língua e o que não é da língua, no *Curso de Linguística Geral* propõe-se uma nova dualidade a partir da qual se divide o estudo da linguagem em um estudo psíquico e essencial, a “linguística propriamente dita”, que teria por objeto a língua, e um estudo psicofísico e secundário, a “linguística da fala”, que teria por objeto a fala. A ilusão de divisão entre esses dois campos de estudos é significada ainda como uma “bifurcação” que impede que o linguista se dedique aos dois concomitantemente, cabendo-lhe “escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo” e que, portanto, “devem ser seguidos separadamente”. (SAUSSURE, 1975, p. 28)

Sobre os sintagmas que designam esses dois campos de estudo, Michel Arrivé (2010, p. 119) ressalta ainda que se constituem, no caso de *Linguística da língua*, como uma tautologia, visto que “reafirma inutilmente o objeto que acaba de ser explicitamente atribuído à linguística”, e, no caso de *linguística da fala*, como um oxímoro, já que “confere à linguística um objeto que acaba de ser classificado como impossível”. A nosso ver, esses efeitos de sentido que saltam aos olhos do linguista francês corroboram a contradição que expusemos acima entre as posições-sujeito 1 e 2.

Há, no *Curso de Linguística Geral*, um movimento de delimitação (e, portanto, de (re)significação) da linguística enquanto ciência que impõe a necessidade de se definir um objeto de estudo estável, tangível, representável. Para tanto, faz-se preciso silenciar tudo aquilo que poderia comprometer esse projeto. Contudo, além de, tal como pontuam Michel Pêcheux e Françoise Gadet (2010, p. 55), o *Curso de Linguística Geral* encontrar “suas condições nas práticas dos gramáticos comparatistas” – lembremos aqui que os únicos livros publicados em vida por Ferdinand de Saussure (*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, 1878; e *De l’emploi du génitif absolu en sanscrit*, 1881) foram publicados à luz do comparatismo e que, como professor, o mestre genovês ministrou cursos de gramática histórico-comparada –, em linguística não há invalidação definitiva de outras teorias, ficando sempre um “‘resto não teorizado’ que permite – conforme Michel Pêcheux (2011, p. 299) – a constituição da própria teoria” e que, como demonstra a análise, produz ressonâncias no *Curso de Linguística Geral*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Esse algo que *fica*, que *resta*, caracteriza a linguística, como podemos depreender a partir de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), como uma ciência cumulativa²⁴. O fato de os saberes sobre a língua e sobre a linguagem serem, como nos explicam os autores, necessariamente construções históricas de longa duração implica uma certa forma de acumulação de saberes, que passam igualmente a constituir a memória do dizer sobre a língua(gem). Essa memória cumulativa, no entanto, tem “furos”, visto que, ao lado da manutenção de uns sentidos, há, ao mesmo tempo, o deslocamento ou o esquecimento de outros, os quais podem retornar, fazendo-se significar na materialidade dos seus instrumentos.

É graças a esse caráter cumulativo da linguística também que entendemos, com Michel Pêcheux (1999, p. 9-10), permanecer o seu ponto inaugural ainda hoje, cem anos após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, a despeito das diferentes (re)leituras produzidas ao longo desse século, evanescente, de modo que “a ruptura por ele suposta *nunca é efetuada*”: “o destino da linguística saussuriana não se cumpriu”, e isso porque esta “não parou, desde sua origem, de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras”, que colocam em questão a “tendência interna de seu autoencobrimento”.

4. Considerações finais

A análise do movimento de reformulações parafrásticas nos permitiu concluir que o efeito de contradição que sinalizamos haver entre a PS1 e a PS2 diz respeito aos contornos delineados no movimento de distinção entre fonética e fonologia e na relação estabelecida entre estas e a chamada ciência da língua. Tal contradição é reforçada, ainda, pela própria estruturação do livro. Como dissemos, há no *Curso de Linguística Geral* um capítulo intitulado “Fonologia”, no qual encontramos a produção do efeito de distinção entre *fonética* e *fonologia, língua e fala e língua e escrita*. Esse capítulo é seguido de um apêndice intitulado “Princípios de fonologia”, no qual encontramos a definição de *fonema* e um estudo sobre fisiologia e acústica do som. Não há, no entanto, um capítulo destinado à fonética. Ora, se esta, como vimos, da PS1, é significada co-

²⁴ A questão da acumulação é, segundo os autores, uma questão central na história das ciências, embora muitas disciplinas possam ser menos cumulativas, ou melhor, possam não revelar o processo de acumulação pelo qual elas se constituem historicamente.

mo “uma das partes essenciais da ciência da língua” e aquela como “disciplina auxiliar”, não seria de se esperar que a primeira tivesse um capítulo dedicado a ela no *Curso de Linguística Geral* e não a segunda?

Sobre a presença do referido apêndice, cabe aqui pontuar ainda que, diferentemente do que ocorre nos demais capítulos, em sua introdução, entre colchetes, os organizadores do *Curso de Linguística Geral* explicam que, para elaboração dessa parte, foi utilizada, além da “reprodução estenográfica de três conferências feitas por F. de S. em 1897 sobre *A Teoria da Sílaba*”, as notas pessoais do mestre genovês das quais “boa parte (...) se refere à Fonologia”, tornando-se possível ainda, a partir delas, elucidar “em muitos pontos (...) os dados ministrados pelos cursos I e II” (SAUSSURE, 1975, p. 49). Essa nota introdutória, bem como as condições de produção do *Curso de Linguística Geral* sobre as quais discorremos anteriormente e a declaração dos organizadores no prefácio à primeira edição em relação à dificuldade de encontrar correspondência entre os manuscritos de Ferdinand de Saussure e as anotações dos seus alunos (ver nota 7), poderia nos sugerir que, dentre todos os capítulos do *Curso de Linguística Geral*, este talvez seja, se assim podemos dizer, o mais fiel ao pensamento saussuriano. Porém, para nós, importa aqui pensar o efeito produzido por essa heterogeneidade de gestos de interpretação em sua materialidade, efeito este que se apresenta sob a forma de uma dualidade a partir da qual são colocados, lado a lado – e, ao mesmo tempo, em lados antagônicos –, o *Saussure-linguista* (mais tarde significado como *estruturalista*) e o *Saussure-comparatista*²⁵.

Iniciamos esta reflexão dizendo que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes e que elas se dão sempre em relação a outras designações. A análise demonstrou que as designações em questão, bem como os referentes associados a elas, filiam-se a diferentes posições-sujeito. Essas posições, por sua vez, relacionam-se no *Curso de Linguística Geral* de forma contraditória, e isto porque, a partir delas, projeta-se no dizer diferentes imagens para Ferdinand de Saussure: uma filiada à tradição comparatista e outra que, posteriormente, viria a ser significada como estruturalista. Tal contradição, como vimos em Joaquim Matoso Câmara Jr., (2010), faz parte da historicidade desses campos de estudo e, portanto, antecede a formulação do *Curso de Linguística*

²⁵ Essa dualidade nos foi apontada pela Profa. Dra. Vanise Medeiros durante nossa apresentação no Simpósio “Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*: (re)leituras (im)possíveis cem anos depois” (CIFEFIL, Rio de Janeiro, 2016). Registramos aqui nosso agradecimento por sua contribuição.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Geral, porque este enquanto lugar de materialização de discursos sobre a língua(gem) é também um produto histórico determinado pelo interdiscurso e constituído, como destacam Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), não por proposições propriamente originais e novas, mas por questões que estavam em debate quando do seu momento de formulação.

A distinção entre os estudos fonéticos e fonológicos não é, portanto, uma questão somente do *Curso de Linguística Geral*, mas uma questão do século XIX que, ainda presente no início no século XX, nele se faz significar de forma contraditória, porque contraditória – entenda-se: marcada pela contradição entre posições que, oriundas de diferentes formações discursivas, são costuradas no dizer atribuído a Ferdinand de Saussure a partir dos diferentes gestos de interpretação que o constitui – é a função-autor que o organiza. Tal contradição tem como efeito uma tensão no processo designatório, segundo a qual, dependendo da posição em que o sujeito se inscreve (Saussure-linguista ou Saussure-comparatista) ao ser significado como autor, os estudos fonéticos/fonológicos ora são concebidos como próprios às ciências naturais, constituindo-se como uma ferramenta auxiliar ao fazer do linguista, ora como próprios à então chamada linguística da língua ou ainda, enquanto estudos diacrônicos das “alterações que se produzem na fala” e que, portanto, “não atingem mais que a substância material das palavras”, como próprios à chamada linguística da fala.

Por fim, gostaríamos ainda de pontuar que, a despeito da distinção entre estudos fonéticos e fonológicos proposta no *Curso de Linguística Geral*, esses não foram os sentidos que se naturalizaram posteriormente nos estudos da linguagem. Como vimos com Eduardo Guimarães (2002), todo processo de designação pressupõe uma “relação instável entre a linguagem e o objeto”. Assim é que, não estando ainda esses sentidos estabilizados, em função da pouca atenção dispensada ao *Curso de Linguística Geral* pela comunidade linguística da época de sua formulação, em 1916, observamos, no segundo momento de recepção de Ferdinand de Saussure na Europa, tal como proposto por Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), deslocamentos de sentidos em relação ao que comparece no *Curso de Linguística Geral*. Esse segundo momento teria ocorrido, conforme o autores, a partir da década de 1920, mais especificamente, em 1928, quando da realização do *Congrès International des Linguistes*, em Haia, no qual foram apresentadas as (re)leituras do *Curso de Linguística Geral* realizadas pelos linguistas do

Círculo de Praga (Trubetzkoy, Jakobson e Karcevski), pelos do Círculo de Copenhague (Hjelmslev), entre outros.

Nessa ocasião, conforme Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), o Círculo Linguístico de Praga propôs a distinção entre dois tipos de estudo: a fonética, concebida como uma ciência natural, e a fonologia, concebida enquanto uma ramificação da linguística que “trata da significação dos traços fonéticos em uma língua” (*ibid.*, *loc. cit.*), enfatizando-se, como justificativa para legitimação desta última, a necessidade, em conformidade com a proposta de Ferdinand de Saussure, de se estabelecer um sistema de oposição de sons linguisticamente significativos e a relevância da correlação entre esses sons para se explicar a mudança fonética (entendida como fonologia diacrônica). A naturalização desses sentidos, em detrimento daqueles que comparecem no *Curso de Linguística Geral*, parece-nos ter-se dado, então, porque, como podemos depreender a partir de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), num terceiro momento, ocorrido após a segunda guerra mundial, a (re)leitura de Ferdinand de Saussure na Europa se deu de forma indireta, isto é, a partir das (re)leituras do *Curso de Linguística Geral* procedidas, sobretudo, mas não só, por Roman Jakobson. Esse seria o motivo, segundo os autores, de ter havido nessa “(re)descoberta” de Ferdinand de Saussure uma grande soma de “mal-entendidos”. Mas isso já é assunto para uma outra conversa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História da linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. In: *Langages*, 28^e année, n. 114, p. 41-53, 1994.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.
- DE MAURO, Tulio. (Org.). Les notes et commentaires de Tulio de Mauro (1967). In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Générale. Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 2005, p. I-XVIII et 319-495.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969-1983). In: *Ditos e escritos III* – estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298.

_____. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Os limites dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2002.

HENRY, Paul. Constructions relatives et articulations discursives. Analyse du discours, langue et idéologies. In: *Langages*, 9^e année, n. 37, p. 81-98, 1975.

INDURSKY, Freda. Identificação e contraidentificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania. (Org.). *A escrita e os escritos*: reflexões em análise de discurso e psicanálise. São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise de discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias*: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa*: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, vol. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto*: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

_____. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007b.

_____. *Terra à vista*: discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PÊCHEUX, Michel. *Sobre a (des)construção das teorias linguísticas*: Em línguas e instrumentos linguísticos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? In: _____. *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011, p. 295-310.

_____; GADET, Françoise. *A língua inatingível*: o discurso na história da linguística. 2. ed. Campinas: RG, 2010.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Toni. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 2010, p. 163-252.

SALUM, Isaac Nicolau. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Identidades (in)formais: contradições, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, vol. 17, n. 35, p. 245-282, 2003.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
LEXICOGRAFIA E PEJORAÇÃO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
NOTAS DIALÓGICAS
A PARTIR DE REFERÊNCIAS SAUSSURIANAS

Anderson Salvaterra Magalhães (UNIFESP)
eousalvaterra@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, o objetivo é identificar, na tarefa lexicográfica brasileira do século XVIII ao século XXI, a mudança semântica implicada na pejoração. Teoricamente, é tomada como referência a discussão saussuriana acerca de “motivação” e “signo linguístico” com a qual é cotejada a ponderação sobre “signo ideológico” desenvolvida por Mikhail Mikhailovich Bakhtin/Valentin Nikolaevich Voloshinov (1999) para definição da pejoração como fenômeno e para análise da tarefa lexicográfica brasileira como documentação não apenas de formas linguísticas, mas também de horizontes de valor. Metodologicamente, seleciona-se o vocábulo “boato” para ilustrar como essa tarefa flagra a mudança semântica “por extensão de sentido” e, assim, registra nuances na orientação apreciativa estabilizada na memória da língua. Para a breve análise, cotejam-se dicionários de língua portuguesa desde o início da lexicografia brasileira até os dias de hoje. Os resultados indicam que a pejoratividade não constitui atributo da forma linguística, mas opera como interface língua/cultura estabelecida na mudança semântica. Por essa razão, a tarefa lexicográfica deixa de figurar apenas como registro documental de conceitos inerentes às formas para constituir um ato ético participante da memória do legado cultural da língua.

Palavras-chave: Pejoração. Lexicografia. Língua portuguesa. Signo. Motivação

1. Introdução

O título do trabalho sintetiza o problema aqui colocado: como a tarefa lexicográfica lida com a pejoração. Por tal tarefa registra(m)-se forma linguística, um juízo de valor ou ambos? As respostas para tal indagação fundamentam-se em duas premissas. A primeira diz respeito à concepção de língua como sistema de signos, e a segunda concerne ao fato de que esse sistema implica e está implicado numa comunidade de fala.

A primeira premissa foca a natureza semiológica do fenômeno linguístico e questões aí inerentes, como a da motivação e da arbitrariedade do signo, e a segunda põe em evidência a dimensão necessariamente plural, coletiva, social que torna possível esse mesmo fenômeno.

Neste trabalho, o percurso argumentativo está organizado em duas partes. Na primeira, o pensamento saussuriano é assumido como referência para cotejo com o encaminhamento volochinoviano e bakhtiniano das questões levantadas. Na segunda, analisa-se a palavra *boato* em textos dos séculos XIX e XX disponibilizados pelos *corpora* do projeto Para uma História do Português Brasileiro (PHPB), da UFRJ, e o verbete nos seguintes dicionários: *Diccionario da Lingua Portuguesa*, composto pelo padre D. Raphael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, tomos I e II, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789; *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832; *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, 2012. A análise dos usos e dos registros lexicográficos em diferentes séculos no Brasil visa à identificação do que entra em jogo na mudança semântica implicada na pejoração.

2. *Lexicografia e pejoração: das referências saussurianas de signo e motivação à discussão volochinoviana de signo ideológico e à bakhtiniana de ato ético*

Lexicografia e pejoração constituem dois atos de linguagem que envolvem juízo, valor não apenas linguístico, mas também sociocultural. Por um lado, a pejoração constitui um modo de rebaixar o valor daquilo que é linguisticamente significado, de depreciar. Isto quer dizer que não se trata de um atributo da forma, algo que seja recuperado apenas pelas relações estritamente linguísticas, já que a depreciação não resulta somente de relações intrassistêmicas, mas também de relações sociais, de um grupo organizado, que compartilhe certos referenciais ideológicos. Evidentemente, *compartilhar* não é concordar harmoniosamente, mas reconhecer o referencial a partir do qual é possível posicionar-se.

Por outro lado, a lexicografia consiste de uma tarefa de registrar, anotar formalmente elementos da língua. Essa tarefa, sendo também socialmente orientada, não prescinde do posicionamento histórico-cultural. A construção de verbetes não se ausenta de algum lugar de significação, e este lugar não está livre de constrangimentos ideológicos. Isso significa dizer que as decisões – sejam pessoais ou editoriais – tomadas para a organização de um dicionário ou vocabulário não figuram como ilhas sociais, mas como gestos historicamente situados. Assim, o registro lexicográfico deixa ver em sua tessitura o horizonte que enquadra o ponto de vista a partir do qual aquela tarefa metalinguística faz sentido.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O registro lexicográfico da pejoração, portanto, esbarra no desafio de introduzir, na tarefa metalingüística, atributo não apenas da forma, mas também da ideologia que organiza a coletividade num grupo social e, por isso, torna possível classificar, pela linguagem, algo como bom ou ruim, certo ou errado, adequado ou inadequado etc. Entra em jogo um juízo culturalmente emoldurado que tem impacto na organização formal do léxico.

O entendimento desse desafio traz em discussão alguns referenciais conceituais do pensamento saussuriano, especialmente os de *sistema de signos lingüísticos e arbitrariedade/motivação*. Recuperam-se tais referenciais porque esse pensamento é chave para a organização da agenda dos estudos lingüísticos de modo a impactar, até os dias de hoje, boa parte da produção nesse campo do conhecimento. No mais, refere-se aqui ao pensamento saussuriano, e não apenas ao produto *Curso de Lingüística Geral*, porque, a despeito da relevância dessa obra para o desdobramento da lingüística ao longo do século XX, alguns encaminhamentos de hoje, como a própria discussão em torno da motivação no processo simbólico da semiotização, revisitam a fonte do pensamento, e não estritamente o *Curso*.

3. *Em primeiro lugar, o ponto: referenciais saussurianos*

No *Curso de Lingüística Geral*, Ferdinand de Saussure (1995) desenvolve, por uma rede conceitual tricotômica, a diferença entre conceitos e fenômenos inter-relacionados: *linguagem, língua e fala*. Seguindo a discussão ali empreendida, a linguagem, conjunto “heteróclito”, consiste de um fenômeno complexo com facetas físicas, psíquicas, individuais, sociais, pontuais, históricas, entre outras. A fala, por sua vez, se define como ato psicofísico individual. A língua, que interessa especialmente para a presente discussão, é definida da seguinte forma:

Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. *Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.* (SAUSSURE, 1995, p. 21 – grifo nosso)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nessa trama conceitual, a língua constitui uma entidade de natureza psíquica plural. Constitui “um sistema gramatical virtual”, cuja realização se dá pela materialidade concreta do ato individual da fala. Ontologicamente, fica patente que a concepção saussuriana de língua se atrela ao social. Sendo um “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”, é mister que haja uma pluralidade a partir da qual ela emerge. Epistemologicamente, fica latente que esse plural é entendido como justaposição de indivíduos (“conjunto de indivíduos”), a despeito de sua organização social.

Essa orientação epistemológica parece se consolidar nas noções imbricadas de *valor* e *sistema*, recuperadas nos *Escritos de Linguística Geral*:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor*, *sentido*, *significação*, *função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a *ideia* como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*.

Ora, no momento em que se fala de *valores* em geral, em vez de se falar, ao acaso, do *valor* de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou no das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. [...]

O *sentido* de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a *diferença das formas entre si*. Sentido = valor diferente.

Contudo, a diferença das formas entre si não pode ser estabelecida.

Nunca é demais repetir que os *valores* dos quais se compõem primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Elas consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferença geral das significações *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente. (SAUSSURE, 2012, p. 30-31)

A defesa de que os valores linguísticos se definem não nas formas, mas nas relações intrassistêmicas fomenta a inclusão editorial no *Curso de Linguística Geral* da célebre frase de fechamento da obra: “(...) a *Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*”. (SAUSSURE, 1995, p. 271). Se, por um lado, a pluralidade de indivíduos é condição da língua, por outro, seu tratamen-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

to como objeto parece caminhar para a imanência. Evidentemente, não se trata da imanência de valores em si, porque o pensamento saussuriano é claro em explicitar que a identidade linguística não resulta de uma essência, mas se revela na relação entre signos. Trata-se de uma percepção quanto à independência dos valores em relação à organização social desses mesmos indivíduos que são condição para a língua. Essa é uma das principais razões para a discussão em torno da arbitrariedade/motivação gerar tantas querelas.

A base da teoria do signo de Ferdinand de Saussure se fundamenta na relação entre uma imagem acústica significante e um conceito significado. Destaca-se que a relação se dá entre elementos psíquicos, já que não é o som em si que entre no jogo, e sim sua representação mental – a imagem acústica – que está necessariamente atrelada a um conceito, uma ideia. No *Curso de Linguística Geral*, essa relação significante/significado é caracterizada como arbitrária:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. (SAUSSURE, 1995, p. 81)

Nos *Escritos de Linguística Geral*, alguns detalhes acerca da arbitrariedade são destacados e esmiúçam a discussão:

A única diferença é que a relação pela qual, em linguística, o som provoca a ideia, ou reciprocamente, é uma relação arbitrária na origem, ao passo que a ligação do movimento fisiológico com o som, de que se ocupa a fonologia, é sempre regida por uma lei física. (SAUSSURE, 2012, p. 213)

Nesse trecho, há uma distinção relevante. O movimento articulatório que origina um som e o próprio som – ambos de natureza física – não podem ser caracterizados como *arbitrários*, porque uma “lei física” os governa. Diferentemente, a relação entre o som – ou, como postulado no *Curso de Linguística Geral*, uma imagem acústica – e a ideia que com ele suscita, não atende a nenhuma lei, senão à convenção social. Daí a arbitrariedade do signo.

Estabelecido este referencial acerca do caráter da (i)motivação/arbitrariedade do signo, ainda no *Curso de Linguística Geral* há diferenciação entre a imotivação absoluta e a relativa.

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbi-

trária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado*.

Assim, *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, *setenta* etc.; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra simples *pera* e cujo sufixo *-eira* faz pensar em *cerejeira*, *macieira* etc. [...] (SAUSSURE, 1995, p. 152)

Assim se coloca a questão da motivação à proposta semiótica saussuriana: atributo do signo por ligar uma imagem acústica significativa de um conceito significado por mera convenção, sem adesão a uma lei específica. Nesse caso, como entender a pejoração? Trata-se de um ato com manifestação linguística, mas cujo processamento excede ao âmbito restrito das relações intrassistêmicas. Estaria a pejoração fora da língua? Se está fora da língua, por que é registrada lexicograficamente como um atributo das formas ali elencadas?

Émile Benveniste (2005) pontua que o lastro metodológico proposto no *Curso de Linguística Geral* para o estudo da língua deixa de fora a relação desta com a cultura. Por essa razão, a arbitrariedade (ou motivação) está implicada na linguagem, mas escapa ao âmbito estritamente da língua. Segundo Émile Benveniste (2005), no âmbito da língua, a relação significante/significado é necessária, é condição para o signo, mas a arbitrariedade, que põe em jogo aquele que convencionou, escapa os limites de um sistema de signos verbais.

Ademais, os postulados saussurianos funcionam como referencial para os estudos linguísticos que o seguem, dentre os quais, aqueles que compõem o pensamento bakhtiniano²⁶. Dessas notas, neste trabalho importa destacar a ideia de que a comunidade de fala que convencionou as relações decisivas para o funcionamento dos signos verbais é definida não como pluralidade de indivíduos do qual emerge a virtualidade da língua, mas como grupo socialmente organizado que produz e atualiza a realidade da língua.

²⁶ Por *pensamento bakhtiniano* entende-se o conjunto da obra do "Círculo", que se divulgou em diferentes áreas do conhecimento. Para detalhamento acerca da recepção brasileira da obra do Círculo, ver, por exemplo, Beth Brait e Anderson Salvaterra Magalhães (2014).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Em segundo lugar, o contraponto: notas dialógicas*

Em contraponto aos postulados do pensamento saussuriano, o pensamento bakhtiniano encaminha diversos aspectos que reorganizam teórica e metodologicamente os referenciais de signo linguístico e (i)motivação. Mikhail Mikhailovich Bakhtin/Valentin Nikolaevich Voloshin (1999) pondera acerca da semiotização considerando a interdependência entre tal processo e a organização do grupo social. Assim como no pensamento saussuriano, também aí a língua é localizada no domínio do não-individual. Todavia, a pluralidade que lhe é condição não é restrita a um conjunto de indivíduos, mas à articulação de indivíduos em grupo social.

De acordo com o pensador russo, o estabelecimento de uma convenção social requer mais do que a justaposição de dois seres humanos; é necessário que esses humanos estejam socialmente organizados.

Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p. 35)

Isso localiza a discussão semiótica no âmbito das relações sociais, e a questão da arbitrariedade se coloca de outra forma. Dessa perspectiva, a coletividade – condição da semiotização – instaura-se na organização de grupo, e não apenas na pluralidade de indivíduos, o que imbrica o universo dos signos e o das ideologias.

Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.

No entanto, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, da simbolização do princípio de inércia e de necessidade na natureza (determinismo) por um determinado objeto único. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. [...]

Portanto, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, *o universo de signos*.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma

outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p. 31-32)

E ainda:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p. 36)

Desse ponto de vista, a arbitrariedade dá lugar à ideologia na discussão semiótica. O encaminhamento dado pelo pensador russo ao reconhecimento de um grupo social – e não apenas da pluralidade de indivíduos – como condição do signo rearranja a discussão saussuriana integrando língua e linguagem. Isso porque a implicação da ideologia no universo dos signos necessariamente envolve as relações sociais na definição do sistema de signos. O potencial de simbolização não se define apenas pelas relações entre os elementos, mas por aquilo que o grupo social faz desses/com esses elementos. Conceitualmente, o postulado saussuriano de *signo linguístico* é reorientado como *signo ideológico*.

Seguindo essa orientação teórica, demonstramos, em 2012 e 2015, como o léxico constitui *locus* privilegiado para o exame do funcionamento ideológico do signo a partir da análise do vocábulo *botocudo* em diferentes instâncias de linguagem. Consideram-se: carta do Rei de Portugal, editorial do *Correio Braziliense* (ambos do século XIX), registros lexicográficos brasileiros dos séculos XVIII, XIX e XXI e um registro lusitano do século XXI. O cotejo de diferentes usos em diferentes séculos permite identificar como o vocábulo, na dinâmica da língua em uso, ainda que na tarefa lexicográfica, atualiza um ponto de vista. Esse ponto de vista dimensiona o vocábulo como um signo enformado a partir de um horizonte social e faz com que signifique não apenas por se opor a outros signos, mas por atualizar valor ideológico. Em nossos trabalhos publicados em 2012 e 2015, os usos de *botocudo* analisados revelam regularidade na pejoratividade, na depreciação, a despeito dos diferentes conteúdos significados, evidenciando a relação entre signo e ideologia.

A revisitação da relação entre signo e a comunidade que o levanta produz uma série de consequências conceituais e metodológicas. Neste

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

trabalho, para o tratamento metodológico da natureza ideológica do signo, a noção de ato ético (BAKHTIN, 2010a) dá vistas à realidade concreta da língua sem cair no ato individual da fala.

Para Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2010a), qualquer instância de uso da linguagem se realiza num ato em que aquele que (se) enuncia ocupa um lugar único social e historicamente. Esse lugar não deve, entretanto, isolar o ato das relações sociais que o tornam singular. Essas relações sociais se definem pelas instituições que tornam os indivíduos sujeitos e ordenam a interação entre os sujeitos propriamente ditos e, como discutido por Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2010b), mesmo entre os discursos. Como discutido alhures (MAGALHÃES, 2015), isso articula a singularidade da instância de uso da linguagem com o legado cultural da língua e, nesse jogo, a palavra constitui forma em função *comunicativa discursiva* (BAKHTIN, 2003). A função comunicativa discursiva não se restringe ao âmbito meramente dialógico (situacional) da interação, posto que isto daria conta apenas dos meandros imediatos do contato entre indivíduos, mas abrange o caráter dialógico (discursivo) por colocar sujeitos e discursos em ação conjunta no movimento semântico da palavra.

No pensamento bakhtiniano, qualquer instância de uso da linguagem é enformada pelo encontro desse emaranhado de valor ideológico, de modo que não é possível subtrair da realidade concreta da língua o posicionamento diante do que se produz com ela. Esta é a perspectiva que norteia a discussão aqui desenvolvida. Mesmo um verbete configura um ato ético, isto é, um ato responsável que se insere num funcionamento cultural e atende a certas orientações ideológicas. A metalinguagem do dicionário, portanto, não figura como instrumento de mero registro de formas, mas como um nicho de visões de mundo que necessariamente fazem de uma palavra um signo ideológico.

A rede conceitual em torno da noção de *ato ético* e sua produtividade para um dispositivo analítico de língua e linguagem, sobretudo no tratamento do léxico, estão detalhadas em Anderson Salvaterra Magalhães (2015). Por ora, interessa destacar que a natureza ideológica do signo requer a observação de um fenômeno com realidade concreta, como o ato ético, e não um fenômeno psíquico sem realidade empírica, como a língua no pensamento saussuriano.

Especificamente, o exame do registro da pejoração na tarefa lexicográfica tal como proposto na presente discussão implica o reconhecimento do caráter ideológico da língua, entendida como sistema de valo-

res. Sendo a pejoração uma construção sócio-histórica, e não um atributo discreto da forma, seu processamento semântico se distribui por categorias radiais no uso efetivo, que é necessariamente enformado ideologicamente. Isso quer dizer que um item linguístico não é pejorativo em si e nem a pejoratividade se dá por condições suficientes e necessárias, mas pode ser explicada por um esquema gradual, onde a realização concreta é mais ou menos prototípica. E a gradação diz respeito aos valores culturais, o horizonte social que permite depreciar algo por meio da palavra.

Assim, a tarefa é definida como um ato ético (BAKHTIN, 2010a; MAGALHÃES, 2015) de caráter necessariamente metalinguístico (BAKHTIN, 2010b). Ontologicamente, há confluência entre a concepção de língua no pensamento saussuriano e no pensamento bakhtiniano, já que em ambos é tomada como social. Epistemologicamente, porém, há ruptura entre a concepção de signo linguístico, que se depreende de relações intrassistêmicas, e a de signo ideológico, que se depreende do uso da língua em determinado grupo social.

Dessas notas dialógicas acerca de referenciais saussurianos decorrem duas implicações: 1) a pejoração não é atributo da forma, mas do que os falantes fazem da forma linguística a partir do lugar sócio-histórico que ocupam pela atividade de linguagem; 2) a tarefa lexicográfica constitui registro não apenas de forma verbal, mas também de horizonte social que tanto organiza o grupo do qual emerge a língua quanto fomenta a possibilidade de semiotizar.

5. *Uma palavra de ato em ato: o que diz o boato*

Refazer o percurso de um vocábulo envolve recuperá-lo em atos éticos, seja em atos prosaicos do cotidiano, seja em atos institucionais como os dos instrumentos linguísticos selecionados. Nas próximas seções deste trabalho, refletir-se-á sobre a origem do vocábulo, a dinâmica dos usos e o que os exercícios metalinguísticos lexicográficos fazem acerca das versões da origem e dos usos.

6. *Sobre as origens do boato*

A gênese de *boato* apresenta algumas versões²⁷. Popularmente, atribui-se a uma origem onomatopeica a partir do mugido do boi (CO-

²⁷ Especial agradecimento ao Prof. Dr. Luciano César Garcia Pinto pela gentil contribuição no cotejo das versões constitutivas da etimologia do vocábulo.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ROMINAS, 1984). Essa versão seria creditada a Varrão²⁸. A despeito dessa etimologia popular, parece haver consenso acerca da origem em grego βοᾶν, “gritar muito, berrar”. Daí, por extensão de sentido, passa a designar também “notícia que se dá em alta voz” (HOUAISS, 2012). Sendo muitas vezes associado, no uso, ao anúncio nas praças públicas de milagres de santos, em língua portuguesa, *boato* passa a significar, além de “anúncio em alta voz”, um anúncio cujo conteúdo dispensava o crédito da fonte. Isso porque o milagre suplantaria aquele que portava a notícia. Atualmente, a acepção “notícia de fonte duvidosa” (HOUAISS, 2012) parece resultar de uma reavaliação pejorativa dessa versão.

As versões que constituem a etimologia do vocábulo sinalizam a relação entre o item lexical e a valoração sociocultural que o potencializa semanticamente. Seja pela crença popular na origem onomatopeica, seja pela descrição histórica acerca de como o *gritar* empresta sua materialidade significativa ao *modo de dar notícia*, a palavra se movimenta semanticamente a partir de projeções sócio-históricas, nas quais flagra-se certa motivação. βοᾶν, “gritar muito, berrar”, é metaforicamente reacentuado como um procedimento de divulgação de notícia. Do mesmo modo, as condições históricas em torno da divulgação de determinadas notícias emprestam, por metonímia, a dúvida acerca da fonte da notícia. Não parece equivocado reconhecer a mudança na valoração lexical de acordo com as mudanças sociais experimentadas no território em que se fala a língua portuguesa. Conforme a ideologia católica apostólica romana perde espaço no funcionamento cultural para as utopias modernas de razão, ciência, estado laico, entre outros, a significação do ato de divulgar milagres deixa de valorar o milagre, posto em xeque, em detrimento de quem porta a notícia, para duvidar da notícia pelo apagamento de sua fonte.

Se o elemento histórico é formalmente externo à língua, sua implicação na potencialidade semântica do vocábulo parece participar ativamente. Assim, nas versões que emolduram a etimologia do vocábulo, encontra-se forte motivação extrassistêmica, fomentando o caráter ideológico do signo. O enquadramento do horizonte social do grupo que mobiliza a palavra é constitutivo de sua potencialidade semântica, sendo o aparato formal uma pista daquilo que o grupo social pode e faz da palavra.

²⁸ Cf.: <http://etimologias.dechile.net/?boato>

7. O boato na “boca” do falante

Se os “rumores etimológicos” dão pistas acerca do modo como a cultura participa da mudança de sentido, os atos prosaicos de uso da linguagem indicam a tendência na distribuição semântica do vocábulo. O cotejo do vocábulo em missivas dos séculos XIX e XX disponibilizadas pelo projeto Para a História do Português Brasileiro, da UFRJ, permite traçar o desenho das acepções em funcionamento nesse intervalo temporal.

Quadro 1: boato em missivas do século XIX

Identificação do documento	Ambiente linguístico-textual
Carta 10 ²⁹ Data/Edição: Sábado, Salvador, 28 de julho de 1832/nº 57, volume 5, seção: Variedades, p. 4	tendo-se espalhado o boato de se acharem fendidas as paredes da Casa do mesmo Theatro a fim de que chegando pela Imprensa ao conhecimento do Publico o seu resultado se convença da falcidade daquel- le boato .
Carta 344 ³⁰ Data/Edição: Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1832	ora tinha circu- lado a Cidade o triste boato de que haveria <i>rusga</i> , o então ministro da Justiça não fosse sabedor, quer dos tris- tes boatos , quer dos desaguizados, que começavam
Carta 192 ³¹ Data/Edição: 29 de novembro de 1838/nº 38	<i>Excelentíssimo Senhor</i> ; deve surprehender inteiramente o pudor deste bom povo tantas vezes o ludi- brio das especulações de <i>Vossa Excelência</i> ; mas ninguem tem podido duvidar da verdade deste boato! por isso a surpresa do povo do Rio de Janeiro com este boato , que se tem espalhado
Carta 166 ³² Data/Edição: Recife, quarta-feira, 11 de janeiro de 1843/ nº 08, seção: Correspondencia	Como pois he, que corria similhante boato ?
Carta 202 Data/Edição: Rio de Janeiro 15	corria pela praça o boato de que n’alfandega se havia manifestado um roubo

²⁹ BARBOSA & LOPES, 2006.

³⁰ BARBOSA & LOPES, 2006, nota 3.

³¹ BARBOSA & LOPES, 2006, nota 3.

³² BARBOSA & LOPES, 2006, nota 3.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

	cujo boato correndo de bôca em bôca com a velocidade do raio, se espalhara immediatamente por toda a po- pulação.
	Não tivemos noticia de um tal boato , senão pelo já citado numero do seu jornal,
	qual a origem do falso boato do roubo d'alfandega,
Carta 98 ³³ Data/Edição: Ouro Preto, 12 de julho de 1854/nº 235	Tendo corrido o boato de haver sido morto tranquillise-se na certesa de que o boato será reconhecido falso ;
Carta 99 ³⁴ Data/Edição: Ouro Preto, 25 de outubro de 1855/nº 357	quaesquer boatos que tendão a desconceituar-me na opi não publica
Carta 21 ³⁵ Bahia e Hospital da Santa Misericórdia 3 de maio 1860	já pelo boato que há dos presos quererem evadir-se
Carta 44 ³⁶ Buenos Ayres 14 de agosto 65	Ante-hontem correu que Canavarro abandonará a Uruguayana e que os Paraguayos alli entrarão sem resistencia. A verificar se o boato , não comprehendo a bellesa do plano!
Carta 40 ³⁷ Hamburgo, 6 de outubro 66	sobre os boatos inexactos
Carta 134 ³⁸ Data/Edição: Curitiba, quarta-feira, 09 de janeiro de 1878 - p. 3	é falso o boato que se faz correr pequena importancia a boatos a esmo,
Carta 14 ³⁹ Rio 5 de março 95	mande-nos di= zer com certeza, <i>porque</i> faremos um sacrificio e iremos fazer companhia se já não fizemos isso foi pela in= certeza de não mais encontral-os, <i>porque</i> a todo o momento corre o boato que o <i>Conselheiro</i> Ruy e familia estão a chegar.

³³ BARBOSA & LOPES, 2006, nota 3.

³⁴ BARBOSA & LOPES, 2006, nota 3.

³⁵ RIBEIRO, 1999-2000.

³⁶ CARNEIRO, 2005.

³⁷ CARNEIRO, 2005, nota 10.

³⁸ CARNEIRO, 2005, nota 3.

³⁹ CALLOU, BARBOSA & CARMO, 2011.

Quadro 02: boato em missivas do século XX

Identificação do documento	Ambiente linguístico-textual
Carta 40 ⁴⁰ Data/Edição: Feira de Santana, 31 de agosto de 1929, p.01	Tendo se espalhado o boato de que eu ia dei- xar esta cidade, onde já tenho bem firmado o meu conceito clínico, venho declarar de publico que é inverdade
Carta 2 ⁴¹ 1º de dezembro de 1937	O boato que corre aqui
Carta 10 ⁴² 17 de maio de 1939	para evitar que saia tal boato deste povo

Este pequeno *corpus* deixa algumas pistas relevantes para a compreensão da mudança semântica que fomenta a pejoratividade. No quadro 01, é possível observar que em torno do vocábulo destacado, *boato*, há recorrente menção à dúvida, seja pela suspeição da veracidade – “falso boato”, “boatos inexatos” –, seja pela explícita reafirmação de veracidade – “verdade deste boato”. No quadro 02, das três ocorrências listadas, a primeira retoma a questão da suspeição pela menção de “inverdade”. A associação do vocábulo à dúvida no plano do conteúdo dos documentos elencados sinaliza que a inexatidão da fonte e consequente suspeição de veracidade que hoje consolidam a acepção, por um lado, pareciam ainda não integrar o conceito de *boato*, mas, por outro, tendiam a estabilizar o tom pejorativo, ainda que não tão prototípico.

8. A dimensão metalinguística do boato e o tratamento da pejoração

Em 1789, D. Raphael Bluteau registra uma acepção para o termo que serve de ponto base para análise da mudança.

BOATO v. *voato*. *Vieira*, *boato* he melhor, e significa a noticia, ou novidade, que se dá claramente em altas vozes, **opposta ao ruge ruge, e rugir-se**. (BLUTEAU, 1789 – grifo nosso)

O cotejo desta acepção exige o exame das de *ruge-ruge* e *rugir*:

⁴⁰ Edição semidiplomática fac-similada de cartas de leitores do jornal Folha do Norte (1909-1950). Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVfbnxbj3Jwb3JhcGhwYnXneDo0NzdkMTk5YWU3NTk5NmI2> Acesso: 18 jul 2016.

⁴¹ GRANDA, 2010.

⁴² GRANDA, 2010, nota 15.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

RUGERUGE, s. m. o som que faz roçando-se v. g. certas sedas asperas. § O som do ar nos intestinos. § *Dos rugesrugos se fazem os cascaveis i. e. dos rumores vem a coisa a fama, e notícia publica, e soada.*

[...]

RUGIR, v. n. *bramir o Leão. M. Conq.-11.21.* § Fazer estridor v. g. *ruge o ventre, as sedas que se roçãõ.* § **Dizer-se em segredo, não se dando por certo.** *Palmeirim* i. p. c. 16, „jki então fie começava a rogir, que todos os calvalmk-,ros fe perdião .- &c. „, P. Per. 2, / . .14:\$. § v. at. {V. do Arceb. L. 1. c. zz.} „, *pagens enfeitados rugindO fedas „, i. e. fazendo rugir as que trazem véstidas.* (BLUTEAU, 1789 – grifo nosso)*

Pelo registro de D. Raphael Bluteau, no século XVIII, o conceito de *boato* se opunha ao de notícia de fonte incerta ou não claramente anunciada, que seriam as acepções próprias para *ruge-ruge* e *rugir*. Naquele momento, os indícios de pejoratividade recaíam sobre estes outros vocábulos, e não sobre *boato*.

No século XIX, o registro lexicográfico já não marcava mais esta oposição, e a acepção aparece bem sucinta: “Boato s. m. Melhor que voato. Notícia dada em altas vozes” (PINTO, 1832). A motivação recuperada etimologicamente parece ter dado lugar, via metáfora, às condições físicas de divulgação de uma notícia. Os usos destacados na seção anterior sugerem que o processo de mudança estava em desenvolvimento. Conceitualmente, a pejoratividade ainda não parecia integrar o signo *boato*, mas o que viria a ser incorporado já apontava no plano do conteúdo.

Na tarefa lexicográfica, apesar da ausência de marcação da oposição semântica, as acepções de *ruge-ruge* e de *rugir* ainda permitem, pela comparação, diferenciar *boato* de *rumor público* e de *falar secretamente*:

Ruge-ruge. s. m. Ruído, que faz a *seda* roçando se. O som que faz o ar nos intestinos. Fig. Rumor publico.

[...]

Rugir , v. n. *Bramir , diz se do leaõ.* Fazer estrondo. Dizer-se secretamente não como certo. *Usado nas terceiras pessoas.* V irreg. *conjuga-se como Fugir,* mudando o g em j nas vozes em que este verbo o muda. (PINTO, 1832)

No século XXI, a tarefa lexicográfica recolhe as nuances semânticas que deram e dão vida ao vocábulo, confirmando a estabilização do tom pejorativo.

Boato

substantivo masculino (1548)

1 ant. clamor de novidade

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

⟨ *sem temer o b. de nenhuma nova ideia* ⟩

2 ant. notícia muito propalada

⟨ *boatos dos milagres de santa Isabel* ⟩

3 ant. som forte e estrepitoso

⟨ *um b. de morteiros* ⟩

4 p.ext. notícia de fonte desconhecida, muitas vezes infundada, que se divulga entre o público; qualquer informação não oficial que circula dentro de um grupo; bochicho

⟨ *corre o b. de que os bancos vão fechar na segunda-feira* ⟩

4.1 maledicência divulgada à boca pequena; coscuvilhice

4.2 dito sem fundamento; balela

⟨ *o partido de oposição fez circular um b. sobre a demissão do ministro* ⟩
(HOUAISS, 2012)

As três primeiras acepções indicam que se trata de valor antigo. A datação remonta ao século XVI, embora não haja indicação do documento assumido para tal registro. De todo modo, acepções de 1 a 3 dão vistas àquelas versões etimológicas, sendo em 1 destacado o aspecto alvissareiro; em 2, o alcance da notícia; em 3, o aspecto físico da emissão sonora. Em todas elas, é possível recuperar certa motivação se considerado o padrão de figuratividade que fomenta aquela significação. Seja pelo caráter onomatopéico, ou pela metáfora ou metonímia, de algum modo, recupera-se a associação extralinguística que tece polissemicamente a gênese do vocábulo. Para esta discussão não importa se a etimologia é comprovada ou popular; interessam as versões que sustentam a potencialidade semântica do vocábulo. Nesse cenário, nota-se que, a despeito da indicação histórica que levou a isto, a acepção 4 marca significativa mudança semântica pela integração de tom valorativo negativo ao conceito de *boato*.

Na acepção 4, destaca-se: “por extensão [de sentido]”. Os registros lexicográficos anteriores, bem como a dinâmica de uso recuperada no pequeno *corpus* de missivas dos séculos XIX e XX, permitem assumir que as versões etimológicas funcionam como base para extensão semântica. A partir delas, há um percurso de sentido que se encaminha para a instalação de um tom pejorativo, e isto não se dá por atributos formais, nem apenas por acomodação das relações intrassistêmicas. As nuances sincrônicas de *boato* deixam patente que, diacronicamente, o caráter de clareza – valoração positiva constitutiva do conceito tal como registrado no século XVIII por D. Raphael Bluteau – deu lugar à suspeição

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(de)flagrada nos usos no século XIX. Uma visada pelas acepções de *ruge-ruge* e *rugir* corroboram esta interpretação. O tom pejorativo que eventualmente recaía sobre eles parece ter migrado para *boato*.

ruge-ruge

substantivo masculino (c1543)

1 som de coisa que chocalha ou range ou roça

1.1 ruído produzido pela saia que vai rojando pelo chão; rugido, frufro

2 sussurro brando

3 B agitação barulhenta; desordem, confusão

4 mús BA tipo de matraca utilizada em procissões

[...]

rugir

verbo (sXIII)

1 (int.) soltar ou emitir rugidos; bramir, urrar, fremir

⟨alguns felinos rugem⟩

2 (int.) produzir sons semelhantes a rugidos

⟨ruge a ventania⟩

3 (t.d.int.) arrastar pelo chão com ruído; roçar, farfalhar, ruflar

⟨as damas rugiram suas sedas⟩ ⟨saías longas que rugem⟩

4 (int.) sussurrar brandamente; rumorejar

⟨as folhas rugem ao sabor do vento⟩

5 (int.) refletir som com estrondo; ecoar, ressoar, retumbar

⟨som de contrabaixos que rugem⟩

6 (t.d.) proferir em tom furioso; bradar

⟨r. blasfêmias⟩

9. Conclusão

Em suma, o exame diacrônico de *boato* mostra que o tom pejorativo se instala conceitualmente a partir de padrões de figuratividade que encaminham a discussão acerca da motivação linguística. Sendo a pejoração um fenômeno que extrapola a dimensão estritamente formal da língua, sua *performance* e eventual estabilização conceitual implica reco-

nhecer que, pela língua, estabelecem-se relações sociais extralinguísticas. Afinal, a suspeição, que não compunha o conceito de *boato*, passa a lhe integrar por conta do que os falantes fizeram e fazem com a palavra. O horizonte social que emoldura o grupo mobilizador do vocábulo modela conceitualmente este mesmo vocábulo. A palavra, assim, dá pistas de como andam os referenciais culturais que permitem diferenciar “bom” e “ruim” – condição para a depreciação inerente à pejoração.

Desta perspectiva, a pejoratividade em *boato* não constitui atributo da forma linguística, e sim uma interface língua/cultura estabelecida na mudança semântica. Por essa razão, a tarefa lexicográfica deixa de figurar apenas como registro documental de conceitos inerentes às formas para constituir um ato ético participante da memória do legado cultural da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010^a [1986].

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. rev. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b [1963].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaeovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929].

BARBOSA, Afranio Gonçalves; LOPES, Célia Regina dos Santos. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.

BENVENISTE, Émile. Natureza do signo linguístico. In: _____. *Problemas de linguística geral 1*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005, p. 53-59.

BLUTEAU, Raphael. *Diccionario da lingua portugueza*. Reformado e accrescentado por Antonio de Moraes Silva. Tomo I A-K. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. (Orgs). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; BARBOSA, Afranio Gonçalves; CARMO, Laura do. Cartas pessoais a Rui Barbosa: edição diplomático-interpretativa. In: CALLOU, Dinah Maria Isensee; BARBOSA, Afranio Gonçalves. (Orgs.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, – (Coleção FCRB Manuscritos; 2), 2011, p. 19-103.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. 2005. Tese (de doutorado). – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2º volume, 1ª parte: cartas avulsas para vários destinatários.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1984, s.v. “Boato”.

GRANDA, Ana Sartori. Cartas de amor na Bahia do século XX: normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010. 2v.

HOUAISS, Antônio. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 02-10-2014.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Políticas linguísticas e historicização do Brasil: a escrita na construção vernacular. *Gragoatá* (UFF), vol. 17, p. 99-116, 2012.

_____. A palavra, os discursos e a dinâmica das memórias. *Gragoatá*, Niterói, n. 38, p. 7-28, 1. sem. 2015.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Na Typographia de Silva, 1832.

RIBEIRO, Ilza. *Projeto Cartas de 1860-1863. Contribuições para a História da Santa Casa da Misericórdia de Salvador* (CNPq.). Edição Ilza Ribeiro e Soraia Rebouças. Coeditores em 1999, Lavínia Rodrigues e Cláudia Fontes. Revisão final, Ilza Ribeiro, Soraia Rebouças, Cláudia Fontes e Débora Kelman. Projeto desenvolvido na Universidade de Salvador (UNIFACS), Salvador, Bahia, 1999-2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini *et al.* 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SAUSSURE: FORMALISMO E FUNCIONALISMO SOLIDÁRIOS

Marcelo Moraes Caetano (UERJ)
marcelomcaetano@gmail.com

RESUMO

Em relação às ideias e aos métodos de Saussure, apresentam-se, há muito, concordâncias e discordâncias. No entanto, em ambos os casos, houve desdobramentos de seus postulados. Ao propugnar pela ênfase sobre a unidade da língua, e não sobre sua heterogeneidade, Ferdinand de Saussure sublinhou o método estruturalista, até hoje necessário para a elaboração e compreensão de uma gramática normativa. Os teóricos que o sucederam, com suas discussões prolíficas, também levaram adiante questões como o funcionalismo e o formalismo, e empreenderam não somente sólidas contribuições sobre o que caracteriza, efetivamente, a descrição linguística de um idioma (formalismo), mas também, de modo prático, traçaram parâmetros sobre como essa descrição se relaciona com os seus usuários (funcionalismo).

Palavras-chave: Saussure. Formalismo. Funcionalismo. Estruturalismo

Como sabemos, o ano 2016 marca a comemoração dos cem anos de publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. O livro não é autógrafo, mas sim apógrafo, ou seja, foi compilado por autores outros que não o próprio Ferdinand de Saussure, a saber, seus dois alunos Albert Sechehaye e Charles Bally. Estes alunos, após as lições empreendidas pelo mestre suíço, foram responsáveis pela fundação da chamada “Escola de Genebra”, que, na esteira do *Curso*, pretendeu estudar as estilísticas da *langue*, mas, sobretudo, da *parole*, algo que, erradamente, acredita-se que não foi de nenhuma forma objeto de preocupação de Ferdinand de Saussure. Com efeito, o próprio fato de os dois compiladores da obra de Ferdinand de Saussure terem sido centrais na escola cujo escopo eram as estilísticas, inclusive da *parole*, pode demonstrar que, em Ferdinand de Saussure, havia também os princípios basilares do estudo científico da *parole*, e não exclusivamente da *langue*.

A propósito, uma das ocupações deste artigo reside exatamente em mostrar que há um estereótipo, quase caricatural, sobre a suposta ausência de ênfase que Ferdinand de Saussure teria perpetrado à *parole*, cuja tradução mais corrente é “discurso”.

Há dois estudiosos que devem, de antemão, ser mencionados para isso: Émile Benveniste e Eugenio Coseriu, a quem retornaremos. Esses dois estudiosos beberam da fonte saussuriana e aprofundaram os estudos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do mestre exatamente porque perceberam seu dínamo evidente, capaz de explicar ou aprofundar as duas principais perspectivas dos estudos lingüísticos de um modo geral: o formalismo e o funcionalismo.

Para funcionalismo, é suficiente, neste texto, que se explicita que estamos tratando das vertentes da lingüística que privilegiam a língua em uso e interação; para formalismo, é suficiente que se evoquem os campos que estabelecem, no “núcleo duro” da língua (fonologia, morfologia, sintaxe e morfossintaxe), seu objeto de ocupação. Há uma espécie de terminologia que abarca, embora não com remissões imediatas e inequívocas, a esses dois campos: respectivamente a macrolingüística e a microlingüística.

Muitos estudos pertinentes à linguagem transitam entre essas duas possibilidades de classificação da lingüística (micro e macro), como é o caso da pragmática, da lingüística cognitiva, da neurociência, da psicolingüística e da própria lingüística gerativa. O que queremos demonstrar, em síntese, é que, em Saussure, os elementos seminais para a delimitação de uma vertente e de outra, bem como o diálogo entre elas (o que engloba até as ciências que permeiam um ou outro campo rígido, como a pragmática, a lingüística cognitiva etc.), estavam presentes, solidariamente, dialeticamente, na sua obra inaugural.

Voltemos ao *Curso*. O fato de Ferdinand de Saussure ter dado ênfase à *langue* (“língua”), chegando a afirmar mais de uma vez que era este o objeto de estudo da lingüística, não retirou de sua mira os estudos concernentes à *parole*. Émile Benveniste, a esse respeito, chega a afirmar que “Saussure era o homem dos postulados” (Cf. BENVENISTE, 2006), querendo dizer que, nele, as ideias formalistas e funcionalistas andavam solidariamente. Eugenio Coseriu, por sua vez, desdobrou a dicotomia *langue/parole* na tricotomia sistema/norma/fala (cf. COSERIU, 1979). Essa tricotomia não se restringe à dicotomia *langue/parole*, porque dela participam outras dicotomias saussurianas, como paradigma/sintagma.

Retornando à dicotomia *langue/parole*, que é a que nos interessa agora, podemos afirmar que a tricotomia coseriana reserva o par sistema/norma ao correspondente de *langue*, ao passo que, nesta mesma tricotomia, o conceito de fala pode ser aplicado à descrição saussuriana de *parole*. Isso de forma muito prototípica.

Ao ter mencionado a percepção de Émile Benveniste sobre Ferdinand de Saussure, afirmando aquele que este foi “o homem dos postulados”, repita-se, fica evidente a aproximação do método saussuriano ao

método de outro grande pensador da linguagem: Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951). Tanto um quanto o outro se expressavam por aforismos, ideias sintetizadas, com exemplos ilustrativos e parábolas, que permitiam que estudiosos se debruçassem sobre seus textos a fim de encontrar-lhes as riquezas. Ambos forneciam espécies de mapas, cujos caminhos, entretanto, deveriam ser trilhados pelos pesquisadores empiricamente. Assim, esses dois autores permitiram, com seus postulados ou aforismos, que se empreendesse pesquisas nos campos de língua, literatura, discurso, psicologia, linguística, pragmática, análise do discurso, sociolinguística, gramaticologia etc., sem que possam ser inquinados de defensores exclusivos de uma ou outra vertente ou de um ou outro campo de interesse. Tudo o que fosse relacionado à linguagem lhes interessava.

Convém lembrar que Ferdinand de Saussure é egresso da escola dos neogramáticos. Tratava-se de historiadores da língua. Um dos pontos fundamentais do *Curso de Linguística Geral* foi exatamente o fato de que esta obra ofereceu à ciência, a partir de então, uma nova forma de se conceber a língua que não era exclusivamente histórica. No entanto, ele nunca desprezou a história da língua. Nele se encontram, por exemplo, elementos importantes da linguística histórica (que não é a mesma coisa que história da língua), que Eugenio Coseriu representa tão bem.

É verdade que em Ferdinand de Saussure há o famoso postulado que afirma: “O objeto da linguística é a língua (*langue*) em si mesma e por si mesma”. Olhado isoladamente, sem se levar em consideração o restante de suas escritas, pode-se pensar que este seria o modo único de ancorar sobre os estudos linguísticos eleito por Ferdinand de Saussure. Esse aforismo, portanto, daria, à primeira vista, a impressão de que dois elementos teriam sido afastados dos estudos de linguagem: as pessoas que a produzem; e a história de seu decurso.

Evidências de que Ferdinand de Saussure não desprezava o elemento humano, cultural, social, antropológico, histórico e filológico estão, por exemplo, em postulados como este, em que se encontram até embriões da linguística gerativa e da psicolinguística:

As tarefas da linguística são: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que se puder conhecer o que redundará em estabelecer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas matrizes de cada família; b) sondar as forças que estão em jogo de maneira permanente e universal em todas as línguas, inclusive as leis gerais a que se podem referir todos os fenômenos particulares da história; c) delimitar-se e definir-se a si mesma. (SAUSSURE, 1984, p. 19)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

É muito importante que se observe o pensador à luz do tempo em que vivia e das ideias de ciência que se concebiam neste tempo. No momento em que Ferdinand de Saussure se encontrava (fim do século XIX e início do século XX), a filosofia da ciência, ou epistemologia, ordenava que se “delimitassem e definissem” as ciências (vide item c) acima) claramente, com fronteiras e limites rígidos. A epistemologia do século XXI, por seu turno, aponta para o estabelecimento de correlações entre uma ciência e outra, mas, naquele momento, repita-se, “delimitar e definir” era fulcral para o estabelecimento de ciências. Sem essa rigidez na demarcação territorial das ciências, Ferdinand de Saussure não teria ganho chancela de cientificidade.

Exemplos dessa afirmação estão em outros dois grandes pensadores do fim do século XIX e início do XX: Carl Marx e Sigmund Freud. Escolho os dois exatamente porque, se transplantados para o terreno da linguística, eles estudaram respectivamente o que seria o funcionalismo (o homem como ser objetivo e social, construído nas relações interacionais das sociedades, sendo a sociedade o prisma de observação do homem: visão de Carl Marx) e o formalismo (o homem como ser subjetivo e inconsciente, construído nas relações de suas camadas internas e externas como reflexo íntimo do pano de fundo social, sendo o homem o prisma de observação das sociedades). Ambos precisaram, para ganhar o apanágio de cientistas, exatamente por comungarem a epistemologia daquele tempo, de rígidas delimitações de seus objetos de estudos, isto é, necessitaram separar de suas ciências nascituras, ao máximo, o que não lhes dissesse estritamente respeito e/ou já estivesse claramente delimitado e descrito em ciências outras.

Não se fazia ciência se não se buscasse isolar o objeto. Citei Sigmund Freud e Carl Marx exatamente porque os estudos de linguagem, com a ascensão desses dois gênios, se confundiam muito fortemente com o que viria a ser a psicologia freudista e a sociologia marxista. Não é à toa que analistas do discurso posteriores tenham tentado compreender esses dois e trazê-los à convergência para uma explicação dos discursos: é caso de Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Michel Pêcheux.

Não se tem notícias de que Ferdinand de Saussure tenha dialogado com Sigmund Freud. Em sociologia, por sua vez, a fonte de Ferdinand de Saussure foi Émile Durkheim. Esta é a maneira como Ferdinand de Saussure descreve a língua em relação à sociedade: a língua é um fato social (conceito durkheimiano), que precede o indivíduo. Do ponto de vista psicológico, são evidentes as influências de Willhelm Maximilian

Wundt e Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt em Ferdinand de Saussure. Isso significa que Ferdinand de Saussure tinha conhecimento de que as línguas são fenômenos sociais que mudam com o passar do tempo (corolário da história da língua e da futura linguística histórica). No entanto, repita-se, não era o método científico daquele momento estabelecer diálogos com ciências já claramente delimitadas ou nascentes, mas, em vez disso, devia-se isolar a nova ciência que se queria erigir.

Naquele momento, os cientistas preocupados em descrever e analisar discursos eram os sociólogos (sobretudo os de vertente marxista) e os que viriam a ser os futuros psicólogos, sobrelevados principalmente pela revolução freudista. Por seu turno, a visão diacrônica da língua já havia sido fartamente empreendida por neogramáticos como Antoine Meillet, Michel Jules Alfred Bréal e Joseph Vendryes. Assim, o que daria à linguística a sua “carteira de identidade”? Exatamente criar uma possibilidade (mas não exclusividade) de estudar-se a língua em si mesma e por si mesma, cujo prisma central não fosse nem a história, nem a sociedade, nem o discurso capaz de revelar brechas do que já se chamava “inconsciente”. Sem esse isolamento, não haveria nenhuma chance de a linguística ser tratada como ciência, porque ela seria tachada de mero reflexo (redundante) de ciências já existentes.

Da mesma forma, os estudos literários, desde sempre, tiveram como um de seus objetos de estudo o discurso literário (*parole*) de um autor, de um tipo (que seria chamado mais tarde de “gênero”) de texto, de uma época.

Em relação às “variantes” linguísticas, é claro que Saussure, com sua formação de filólogo, sabia da existência de dialetos e falares. As duas grandes preocupações da filologia, em tempo, são os registros de textos e o registro de dialetos no espaço e no tempo. A dialetologia, sabidamente, é a precursora das sociolinguísticas. No entanto, já havia grades dialetólogos naquele tempo, como, para ficar no terreno da língua portuguesa, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e José Leite de Vasconcelos.

Desse modo, o que se conclui é que estão explícitas as pistas de que a anamnese saussuriana ia muito além de sua (necessária) fronteira como cientista. Sem poder avançar demasiadamente a estudos fronteiriços com outras ciências, era imprescindível, naquele tempo, que a regra de isolamento científico fosse obedecida. Como homem de seu tempo, Saussure seguiu essa premissa. No entanto, isso não impediu (pelo con-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

trário: estimulou) que houvesse desdobramentos sobre todas as ideias contidas em seus postulados, que organizaram a ciência linguística sob um rígido código metodológico, denominado *estruturalismo*, que observava a língua como “sistema de sistemas”, a privilegiar um ponto de vista central a partir do qual todo o mais era relativizado, e, ainda, a redimensionar a noção de “valor” presente em Aristóteles, em que um elemento da estrutura tem o aludido valor apenas na medida em que se relaciona a outro elemento.

Por essa razão é que uma das chaves para a compreensão completa de Saussure está no entendimento do método que lhe competia empreender naquele momento, e, além disso, na compreensão ainda de que esse método foi tão engenhosamente articulado, que permitiu que aparentes áreas sombreadas da investigação de Ferdinand de Saussure (como o funcionalismo) fizessem repousar suas sementes cuidadosamente, para que estas viessem a ser germinadas em momentos adequados.

Por fim, a rigidez do método de Ferdinand de Saussure, levada a termo com milimétrica perspicácia, desenvolveu o estruturalismo, que se tornou verdadeira ciência-piloto, criando uma espécie de metodologia complementar à filosofia da ciência, utilíssima em diversos outros campos do saber, mesmo os aparentemente alheios à ciência linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*, vol. II. São Paulo: Pontes, 2006.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. O problema da mudança linguística. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1984.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

**RESUMOS DE TRABALHOS INSCRITOS NO II CILF, CUJOS
TEXTOS COMPLETOS NÃO VÃO PUBLICADOS NESTE VO-
LUME SOBRE FERDINAND DE SAUSSURE E SUA HERANÇA**

**A CONTRIBUIÇÃO DE SAUSSURE
PARA OS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS**

Adriano de Souza Dias (FEUDUC)
adrianodias.com@hotmail.com

É indubitável que os estudos de Ferdinand de Saussure constituíram um divisor de águas para os estudos linguísticos. Tendo em vista essa marcante produção e tomando por base alguns pressupostos de estudo do autor, mormente os conceitos de língua e fala, pretendemos identificar algumas contribuições para os estudos da fonética e da fonologia. Com base na citada dicotomia saussuriana e, posteriormente, com o acréscimo das teorias estruturalistas do Círculo Linguístico de Praga, Nikolai Trubetzkoy, foi o primeiro a estabelecer a distinção entre fonética e fonologia. Enquanto esta passou a ser designada como a ciência dos sons da língua, àquela, coube o estudo dos sons da fala. Nesse sentido, para a fonética, enquanto ciência pertencente à fala, o termo “som” deveria ser usado a partir da realização física e do ponto de vista de sua produção fisiológica; tendo o “fone” como unidade de estudo. Por outro lado, a fonologia, pertencente à língua, se ocuparia em estudar os fonemas, elementos imateriais que constituem o significante linguístico. Mais tarde, a partir desses pressupostos e, com base na glossemática de Hjelmslev, houve, também, a contribuição de Bertil Malmberg, que vinculou a fonologia à forma da expressão e a fonética à substância da expressão. Quanto aos conceitos de fonema e fone, cabe ressaltar que há inúmeras considerações equivocadas em nossos livros e compêndios de linguística, talvez pelo fato de que Saussure, ao dissecar o signo linguístico, tenha tratado apenas do significante e do significado, ambos abstratos e elementos da língua. Entretanto, o equivalente material da fala não foi definido pelo linguista. Provavelmente, esse motivo explica a aparente confusão na concepção de tais conceitos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A QUESTÃO DA MUDANÇA
E A SUPERAÇÃO DA VISÃO SAUSSURIANA
DE LÍNGUA COMO UM SISTEMA
ENCERRADO EM SUA LÓGICA INTERNA

Dante Lucchesi (UFBA)
dante.lucchesi@gmail.com

Saussure estabeleceu as bases teóricas da linguística moderna, estruturando seu pensamento por meio de suas famosas dicotomias. Dentre essas, ocupava uma posição central a que opunha a língua (*langue*) à fala (*parole*). A língua seria o objeto *par excellence* da linguística. Essa definição do objeto de estudo seria, para o Mestre de Genebra, a condição *si-ne qua non* para a linguística se estabelecer como uma ciência autônoma. O recorte da língua implicou o descarte, por oposição, da fala, a atividade linguística concreta; e com ela a variação e toda heterogeneidade da linguagem. A língua era o sistema que expressava o saber linguístico, um saber coletivo, que não se encontrava completo em nenhum indivíduo, só na coletividade. Como o falante comum domina sua língua sem saber qualquer coisa sobre sua história, a língua é absolutamente sincrônica – um sistema homogêneo encerrado em sua lógica atual. Dessarte, a mudança linguística extrapola os limites do arcabouço teórico saussuriano e de todo estruturalismo ortodoxo. Nessa apresentação, demonstraremos como a questão da mudança cria um ponto de ruptura com a hegemonia do estruturalismo na linguística, que se estendeu da década de 1920 a 1950. Não é à toa que o texto programático da sociolinguística variacionista, um dos modelos que, ao lado do gerativismo, sucedeu ao estruturalismo, está centrado na questão da mudança linguística. Vamos procurar demonstrar como a incapacidade do estruturalismo em equacionar a questão da mudança foi decisiva para sua superação no desenvolvimento teórico da linguística moderna.

**DA ORDEM DA LÍNGUA À ORDEM DO OLHAR:
O PRINCÍPIO SEMIOLÓGICO INSCRITO NA LÍNGUA
ORIENTANDO SENTIDOS**

Marilena Inácio de Souza (UNEMAT)
marilena-souza@hotmail.com

Trabalha-se aqui a inter-relação entre a noção de semiologia proposta por Saussure (1916/2004) e a noção de semiologia histórica de Courtine (2003), na análise de signos verbo-visuais mobilizadas pela mídia. Trata-se de descrever e interpretar duas capas da revista *Veja*, cujos enunciados se constituem por meio da união entre o signo verbal e o visual. O arcabouço teórico mobilizado nos permite afirmar que tanto os signos verbais quanto os visuais, constituídos por imagens, são investidos de sentidos, que, por sua vez, são sócio-histórica e culturalmente constituídos. Ou seja, há um princípio semiológico que determina os signos e os faz serem interpretados como tais. Assim, tomar os enunciados constituídos por signos verbo-visuais significa compreendê-los em sua materialidade sociocultural e não apenas na ordem sistêmica da língua, de sua construção gramatical.

**FERDINAND DE SAUSSURE
E O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL:
(RE)LEITURAS (IM)POSSÍVEIS CEM ANOS DEPOIS**

Luiza Katia Castello Branco (UFF)
luizakcb@gmail.com
Thaís de Araujo da Costa (UFF)

Neste simpósio, pretende-se, a partir da articulação entre a análise de discurso e a história das ideias linguísticas, discutir diferentes gestos de leitura realizados sobre o *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure. É, portanto, de nosso interesse refletir sobre as seguintes questões: Como ler Saussure cem anos depois da publicação do *Curso*? Como ler o *Curso* hoje? Como ler as leituras que do *Curso* foram realizadas e naturalizadas ao longo de um século? Como pensar a função-autor que o organiza? Como pensar os efeitos produzi-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

dos pelas leituras deste que é considerado o discurso fundador da chamada linguística moderna nos estudos linguísticos e gramaticais desenvolvidos no Brasil?

INQUIETAÇÕES EM TORNO DE UM CAMPO DISCIPLINAR

Vanise Medeiros (UFF)
vanisegm@yahoo.com.br

Como compreender um “pensamento em atividade”? Um pensamento, continua Câmara Jr., que “era emitido e se reformulava no exato momento em que era emitido” (CÂMARA JR., 2010, p. 128). Nesta apresentação, perseguimos uma leitura específica que Câmara Jr. faz de Saussure: aquela em que discute o lugar do campo disciplinar da estilística a partir de uma das dualidades saussurianas, *langue/parole*. Estamos considerando três textos de Câmara Jr: Contribuições à estilística portuguesa (1978), “Considerações sobre o estilo” (2004) e “A visão saussuriana da linguagem” (2010). Nossa leitura tem como ponto de partida e chegada a língua, e se ancora no campo da história das ideias linguísticas na relação com a análise de discurso.

**MUDANÇA LINGÜÍSTICA E HISTÓRIA DA LÍNGUA:
NA PISTA DAS LIMITAÇÕES DA TEORIA SAUSSURIANA**

Paulo José Tente da Rocha Santos Osório (UBI-PT)
pjtrso@ubi.pt

A nossa participação na mesa-redonda de abertura do congresso pretende sublinhar algumas das limitações da teoria saussuriana. Partindo-se de uma leitura da dicotomia sincronia/diacronia, sublinharemos o papel residual (ou inexistente) que Saussure atribuiu à questão da mudança linguística e à dimensão histórica das línguas. Tentaremos, ainda, observar o modo como estas questões foram superadas pelos quadros epistemológicos posteriores.

O CORDEL A SERVIÇO DA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

José Mario Botelho (UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

Decerto, os estudos de Ferdinand de Saussure, considerados estruturalistas, legaram-nos valiosas concepções sobre a estrutura da língua e como tais estudos linguísticos deveriam ser feitos e agrupados. Embora esses estudos tenham sido reunidos numa publicação intitulada *Cours de Linguistique Générale* em 1916, três anos depois de sua morte, por dois discípulos – Charles Bally e Albert Séchehaye –, e serviram de modelo e inspiração da corrente estruturalista, pós-saussuriana. Nesse *Curso*, Saussure já introduzira o estudo dos signos ou, teoria geral da semiologia, examinando os elementos da língua, como um sistema, de forma sincrônica, separadamente de uma análise diacrônica. Tendo como objeto de estudo a linguagem, o sábio mestre genebrino distingue as suas duas faces: a *langue* e a *parole*, explicando-as de forma clarividente. Apresenta, ainda, outras dicotomias importantes: sincronia e diacronia, significado e significante, sintagma e paradigma, eixo sintagmático e eixo paradigmático, e outros aspectos fundamentais para o estabelecimento da linguística como uma ciência. De fato, Saussure lançou as bases para a compreensão do conceito de estrutura fundamental – porquanto toda língua tem sua estrutura própria e sua especificidade de construção frasal – e para o desenvolvimento do pensamento linguístico. Na presente palestra, serão apresentados tais dicotomias e aspectos a partir de um cordel (de autoria do poeta nordestino José Lira, seguidos de explanações e digressões sempre que forem necessárias.

O FUNCIONAMENTO SEMIOLÓGICO DA LÍNGUA: UMA LEITURA DO *COURS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE*

José Simão da Silva Sobrinho (UFU)
jose-simao@uol.com.br

No *Cours de Linguistique Générale* (1916), o campo da linguística é definido no quadro mais geral da semiologia, proposta por Ferdinand de Saussure como ciência dos sistemas de signos. Essa delimitação

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

se sustenta na compreensão de que “o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico”. Por essa compreensão, na ciência delineada pelo *Cours*, o estudo linguístico não é indiferente aos outros sistemas de signos. Neste trabalho, inicialmente, refletimos sobre a relação formulada no *Cours* entre a língua e outros sistemas de signos. Em seguida, analisamos como Èmile Benveniste desenvolve a perspectiva saussuriana do funcionamento semiológico da língua. Por fim, tratamos da relação entre a língua e outros sistemas de signos pelo viés dos deslocamentos que Michel Pêcheux e Eni Orlandi operam na concepção de língua formulada no *Cours*. Esses autores compreendem que a língua funciona por sua inscrição na história, entendida como memória discursiva, e, nesse funcionamento, há um real da língua e um real da história que deslocam o próprio sentido de língua como “sistema”. Nessa direção, compreendemos que a metáfora constitui, fundamentalmente, a relação entre os sistemas de signos no funcionamento da linguagem. Desse modo, a língua não sobrepõe, nem traduz outros sistemas de signos. Nos processos de significação, os sentidos deslizam entre sistemas de signos, na forma de efeitos metafóricos, tornando os contornos semiológicos opacos, porosos. A perspectiva teórica adotada é a da história das ideias linguísticas, caracterizada pela compreensão de que o conhecimento sobre as línguas e a linguagem possui historicidade, é social, é político, é constitutivo dos sujeitos e dos imaginários pelos quais eles (se) significam na sociedade.

OS CONCEITOS FUNDADORES DA LINGÜÍSTICA MODERNA: ENTRE UM LIVRO E UM MANUSCRITO

Eliane Silveira (UFU)
eliane.m.silveira@gmail.com

A fundação da linguística moderna, pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1853-1913), é um tema que merece reflexão aprofundada, seja pela sua atualidade, seja pelo lugar que a linguística ocupa, desde então, entre as chamadas ciências humanas. Além disso, as condições dessa fundação são bem peculiares já que o genebrino escreveu muito, mas publicou pouco. Propomos, portanto, uma reflexão sobre o laço existente entre o *Curso de Linguística Geral* (1916) e um dos manuscritos saussurianos descobertos em 1996, o “*De l’essence double du langage*” (1891) [“Sobre a essência dupla da linguagem” (2012, p. 19-80)]. O primeiro (*Curso de Linguística Geral*) de autoria atribuída postumamente a Saus-

sure e que comporta os conceitos basilares da chamada linguística moderna e o segundo "Sobre a essência dupla da linguagem" dedicado especificamente aos conceitos da linguística e cuja forma e conteúdo vem desafiando os pesquisadores da área. Se o *Curso de Linguística Geral* é amplamente reconhecido como fundador da linguística moderna e sua leitura é considerada como básica ao linguista, o manuscrito em questão é conhecido apenas por um número restrito de pesquisadores. Partiremos do princípio de que a linguística moderna, considerada fundada por Saussure, se deu a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* e apresentaremos em que o "Sobre a essência dupla da linguagem" contém os elementos cruciais dessa fundação.

QU'EST-CE QU'UNE ÉCOLE LINGUISTIQUE AU XX^e SIÈCLE? LE CAS DES ÉCOLES SAUSSURIENNES

Christian Puech (Sorbone)
christian.puech@univ-paris3.fr

Genève, Prague et Copenhague ont donné existence à des Ecoles de linguistique ayant comme référence commune la figure de Ferdinand de Saussure. L'existence de ces écoles différentes posent plusieurs problèmes et sont relativement paradoxales: pourquoi plusieurs écoles et non UNE école saussurienne de linguistique? Qu'est-ce qui les différencie entre elles? Quel a été le rôle du premier Congrès des linguistes en 1928 à La Haye dans la constitution de ces écoles? Quelles relations existe-t-il entre un champ de recherche unifié (c'était le sens du Congrès de La Haye) et cette différenciation en Ecoles distinctes?

REFLEXÕES ACERCA DA "SUBSTÂNCIA DESLIZANTE DA LÍNGUA": ESSE OBJETO INSTÁVEL ENTRE O DESEJO E A PALAVRA

Luíza Katia Castello Branco (UFF)
luizakcb@gmail.com

O objetivo deste trabalho é trazer reflexões que se encontram em Saussure sobre língua e linguagem, recuperando algumas das inquieta-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

ções que comparecem no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, cotejados com *Escritos de Linguística Geral*, nas formulações conceituais do mestre genebrino, sobre o que Michel Arrivé (2010) vai chamar de “substância escorregadia da língua”. Tomamos como entrada a expressão que se reproduz na academia e reduz o modo como Saussure se ocupa da “dupla essência” da língua(gem) como as conhecidas “dicotomias” saussurianas. Buscamos dar visibilidade a modo como as preocupações que ocupam o mestre na formulação de uma teoria sobre a língua(gem) se afastam dessa lógica binária e como esse objeto, que Saussure espreitava sob o nome de “língua”, é constituído pela instabilidade.

**REVISITANDO SAUSSURE:
A SUA INFLUÊNCIA NA LINGÜÍSTICA MODERNA**

Paulo José Tente da Rocha Santos Osório (UBI)
pjtrso@ubi.pt

Sendo inegável o contributo epistemológico de Saussure para a linguística, a presente conferência pretende ler criticamente o *Cours de Linguistique Générale* e observar algumas das propostas aí defendidas. Pretende-se, pois, reconsiderar algumas das propostas de Saussure, nomeadamente as noções de *langue/parole*, sincronia/diacronia e significante/significado. Posteriormente se tentará equacionar de que modo os princípios fundamentais da obra de Saussure marcam a atualidade e a linguística moderna, sublinhando-se, entre outros aspectos, o seu entendimento da linguagem enquanto fato social. A conferência partirá da seguinte afirmação de Pedro (1999, p. 617): “(...) o caminho aberto por Saussure se encontra ainda hoje consagrado na clivagem entre uma linguística que se reclama de inserção nas ciências da cognição – de orientação quase exclusivamente mentalista – e uma linguística que se situa no campo das ciências sociais – aceitando a linguagem apenas como ação e prática significativa, socialmente contextualizada, mesmo que reconhecendo e teorizando os processos cognitivos inerentes a essa ação e a essa prática”. Pretende-se, por fim, observar as marcas de Saussure em alguns enquadramentos teóricos e metodológicos da linguística moderna.

SAUSSURE, A SEMIOLOGIA E A PRÉ-VISÃO DA SEMIÓTICA

Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)

darciliasimoes@gmail.com

Claudio Artur de Oliveira Rei (UERJ)

Nossa conferência tem por meta apresentar uma síntese do percurso seguido por Saussure: sua constituição como linguista e seu construto teórico; fazer breve revisão de suas principais dicotomias e estimular a leitura do *Curso de Linguística Geral*, como leitura fundadora para os estudos linguísticos. Nessa perspectiva, enfatizar a contribuição do linguista genebrino e sua antevisão de uma futura ciência que viria possivelmente a denominar-se semiologia. Por fim destacar a relação entre o construto saussuriano e algumas propostas teóricas da atualidade.

SAUSSURE E OS IMPASSES DA LINGUÍSTICA AUTÔNOMA

Luiz Antônio Lindo (USP)

lal@hotmail.com

As descrições linguísticas não causais, encampadas e defendidas pela teoria de Ferdinand de Saussure, base da sua versão de linguística autônoma, supõem que o conhecimento da linguagem é adquirido por meio da intuição individual. Por outro lado, ao pretender investigar a estrutura linguística, independentemente de todo e qualquer falante, a linguística autônoma incorre, como se presume, num impasse ontológico. Além disso, mostra-se aparentemente incapaz de dar conta do uso da língua. Havendo a pretensão de sustentar a pertinência da linguística autônoma saussuriana, questões como essas merecem uma reflexão.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

SAUSSURE PLURIEL: UNE FIGURE SÉMIOLOGIQUE?

Christian Puech (SORBONE)
christian.puech@univ-paris3.fr

Un siècle après la publication du *Cours de Linguistique Générale*, la figure de Ferdinand de Saussure n'a cessé de se diversifier: du comparatiste au généraliste, du "fondateur du structuralisme" au Saussure "reconstruit (à partir des manuscrits), de la sémiologie/sémiotique à l'analyse de discours etc. La figure de Ferdinand de Saussure s'est spécialisée et diversifiée. Comment restituer aujourd'hui l'unité de ces dessins multi-formes? La conférence essaiera de dégager quelques lignes de force et ne pourra éviter finalement la question cruciale: Saussure aujourd'hui?

**UMA DEFESA DE UMA LINGÜÍSTICA REALISTA
A PARTIR DO CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL**

Ana Clara Polakof PUC/RIO
anaclarapo@gmail.com

Katz propõe uma linguística realista. Ele considera que a linguística é uma ciência formal, parte das matemáticas, e uma ciência que estuda os objetos abstratos que são as línguas naturais. Ela é uma proposta realista (platonista) porque argumenta que os objetos abstratos são reais, tão reais como os concretos (mesmo se eles não são iguais aos objetos concretos como as mesas e os gatos). A proposta de Katz não tem sido considerada seriamente em linguística. Ela se apresenta como estranha para um linguista. Achemos, porém, que ela deve ser seriamente considerada. Nesta comunicação, além de mostrar a proposta de Katz, analisamos alguns problemas que ela tem e os comparamos com problemas que também apresentava o *Curso de Linguística Geral*. Obviamente, eles apresentam perspectivas diferentes: uma é realista e a outra, mentalista. Porém, é interessante notar que os problemas são similares, que uma linguística realista nos permite defender distinções clássicas como as de fonologia e fonética, apresenta problemas com a análise diacrônica das línguas, e também com a explicação da variação sincrônica. Esta comunicação visa mostrar os problemas em comum que elas têm, para defender

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que –se uma proposta como a de Saussure é defendível – uma proposta como a de Katz também poderia ser defendida a partir de uma perspectiva linguística, pelo menos para aprender a ver a linguística a partir de outra perspectiva.